HILTON MENDONÇA

# Tertúlia Poética
## COM O TEMPO

*e*

# Arari em
## MINHA VIDA

*Filos*

Hilton Mendonça

# Tertúlia Poética

## COM O TEMPO

Arari - 2024

Copyright © 2024 by MENDONÇA, Hilton
*Preparo de Originais:* Filos Editora
*Capa (idealização):* Hilton Mendonça
*Capa (execução):* Raimundo B. Macêdo
*Artes nas páginas (idealização):* Hilton Mendonça
*Revisão:* Hilton Mendonça
*Contatos do autor:*
www.hiltonmendoncaarari.com.br
hiltonmendonca5099@gmail.com
WhatsApp (98) 99143-0725

Impresso no Brasil, 2024.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Mendonça, Hilton

Tertúlia poética com o tempo: Araria em minha vida / Hilton Mendonça. Arari/MA: FILOS Editora, 2024. 331p. 16x23cm.

ISBN: 978-65-5391-369-1 (e-book em formato PDF)

1. Poesia brasileira I. Título

**Índices para catálogo sistemático:**
1. Poesia: Literatura brasileira B869.1
Aline Graziele Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Filos Editora
Praça Irmãos Ferreira, 03 - Fundos | Centro
CEP: 18760-025 | Cerqueira César | SP
E-mail: assessoriafilos4@gmail.com
www.filoseditora.com.br

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução parcial ou total, por qualquer meio. Lei Nº 9.610 de 19/02/1998 (Lei dos direitos autorais). 2024. Escrito e produzido no Brasil.

# Sumário

Prefácio, por Adenildo Bezerra 5
Introduçao em Versos preambulares 10

1. Tertúlia poética com o tempo 14
2. Ornar a vida com literatura 44
3. Artes, belas artes... 46
4. Agripino 'sábio' Grieco 47
5. Alceu Amoroso, poético 50
6. Sílvio 'culto' Romero 53
7. O magnífico sabiá maranhense 59
8. Quadra infame de eventos 61
   a) A pandemia da Covid-19 61
   b) O Oito de Janeiro 69
   c) Guerra na Ucrânia 100
   d) Israel x Hamas 107
9. Reinado infinito 113
10. Senhor das vindas e idas 118
11. Quase escuras noites eternas... 119
12. O mau-tempo 135
13. Ecos da Baixada Maranhense 137
14. Maninha 141
15. Sessenta anos 148
16. O ocaso das flores 149
17. Não é não! 151
18. Tempo de crença e de descrença 152
19. Um raro anel de formatura 160
20. Nós... 161
21. Ó vida, ó bela vida, ó meus amores... 176

# Prefácio

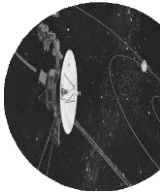
Hilton Mendonça honra-me e brinda-me com tão grandioso convite para prefaciar o seu portentoso livro "Tertúlia Poética com o Tempo", um "sincero caderno de poesia" que marca uma vivência extraordinária de eventos. Eventos bons e ruins, reais e imaginários, que moldaram o viver do nosso notável poeta, amigo e conterrâneo.

Um presente para os amantes de uma boa leitura. Neste belo ensaio poético, o autor de Justiça Gratuita mostra a força do seu pensamento de forma profunda, que vai muito além do homem contestador, por muitos considerado polêmico, e incompreendido por defender e opinar com argumentos sólidos sobre os fatos de que tem conhecimento. Nesta obra, caro leitor, o poeta demonstra uma atenta visão de mundo que tão bem mostra-nos em forma de poesia.

No núcleo dos literatos, poetas e intelectuais, colocamos Hilton Mendonça, uma vez que nesta contemporaneidade, em se tratando de cidadão arariense, ele é o que melhor usa a Língua Portuguesa, "a última flor do Lácio", de Bilac. Quem dar valor à leitura, sobretudo à poesia, encontrará nesta suntuosa obra textos leves, atraentes, atuais e bem escritos.

Nem só de pão viverá o homem, mas, também, dos tocantes versos que brotam da mente fértil, inconformada e inquieta de um poeta. Ler alimenta a imaginação e a alma. Viver é preciso, saciar-se com a poesia também é preciso. A poesia é como a fonte de Castália, donde nasce viva e pura a regar a vida com singeleza e leveza.

Considero este livro de poesia pioneiro pela forma como ele foi arquitetado pelo autor. Pioneirismo que já começa nos "Versos Preambulares", que faz o leitor de "prima facie" se apaixonar pela obra. Pioneirismo que despertou em mim, ao ler cada poesia, o interesse de mergulhar ainda mais a fundo nos versos tão bem elaborados pelo ilustre advogado.



Dentro desse contexto, exponho, sem a intenção de dar *spoiler*, o fragmento a seguir onde o nosso poeta enaltece os seus 12 lustros (60 anos), tecendo versos com termos da Física e do latim, deixando, mais do que nunca, transparecer a sua sabedoria adquirida com as experiências dos eventos vividos e com a leitura diuturna:

[...] Eu mesmo sou um **táquion** de ti
E só a segundos fiz-me bípede,
Atirado que fora do espaço profundo
Para evoluir nesta esfera azul, delicada,
Que teu multiverso abriga.

Em 12 lustros que a mim conferiste,
Vivi bem menos que um **attosegundo**
Dos eventos que pariste.

Sob luzes da tua impávida face,
Nutri-me d'algum juízo, além do **prima facie**.
Além da face iletrada, que ao progresso
Impõe prejuízo e retrocesso.

Mas quais eventos são estes que o nosso autor nos traz em versos? A princípio, em Tertúlia Poética com o Tempo, Hilton Mendonça poetiza quatro acontecimentos marcantes por ele experienciados. Mas deixarei que você, estimado leitor, estimada leitora, os descubra com a deliciosa e envolvente leitura desta bela obra.

Em sua escrita pulsante, Hilton nos conduz por uma jornada única, onde cada poesia é como uma peça de um quebra-cabeça, montado com sensibilidade e maestria. Sua habilidade com a pena expressa as nuances da sua existência, desde os momentos de alegria até as dores causadas por eventos marcantes para ele e para nós. Sua tertúlia com o tempo revela uma conexão intensa com a alma.

A "Tertúlia Poética com o Tempo" não é apenas uma coletânea de versos, mas uma conversa intimista com as estações da vida, uma vida de 12 lustros, uma vida vivida com muita leitura e diálogos com a sua própria trajetória, sobretudo suas vivências em Arari. Hilton Mendonça mostra a sua verdadeira essência, imortalizando-a nesta magnífica obra. Experiências pessoais e coletivas imortalizadas em poesias que ecoam nos corações de cada

ledor. Cada poesia é uma janela aberta para o passado, uma reflexão sobre o presente e uma visão poética do futuro.

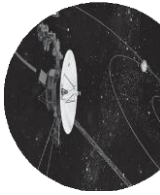
Que os(as) amantes da leitura mergulhem nesta obra com a mesma paixão, inquietude e curiosidade que inspiraram o autor a compartilhar conosco seus mais íntimos sentimentos. Que esta obra ressoe como um convite para uma viagem real e ao mesmo tempo feérica, onde cada verso é uma cápsula do tempo, a descortinar um mundo vivido, pensado e poetizado pelo autor de Alvorecer Intelectual.

[...] Impiedoso e insensível, tu, ó tempo espaçoso,
Nos arremessas a muitas noites altas
E nos assenta numa espécie de ribalta.
Para ti melhor aproveitar
E em mares de letras navegar,
Uma fiel e magnífica partitura
De par conosco deve estar:
A literatura.

Que cada leitor encontre, nas poesias de "Tertúlia Poética com o Tempo", um eco de suas próprias experiências de vida e um chamamento para contemplar, com sensibilidade e leveza, a beleza que permeia nossas vidas. Só posso dizer que é uma incrível tertúlia com tempo, com uma linguagem que somente Hilton sabe utilizar e o faz com competência, maestria e beleza!

Por finalizar, apresento "O Tempo", um belíssimo poema de Mário Quintana, para contextualizar com a tertúlia de Hilton Mendonça e com o Senhor da Razão, o tempo; ei-lo:

"A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê, já são seis horas!
Quando se vê, já é sexta-feira!
Quando se vê, já é natal…
Quando se vê, já terminou o ano…
Quando se vê, perdemos o amor da nossa vida.
Quando se vê, passaram 50 anos!
Agora é tarde demais para ser reprovado…
Se me fosse dado um dia, outra oportunidade,
Eu nem olhava o relógio.

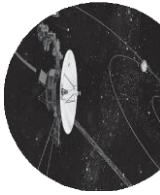


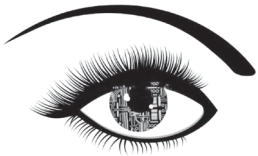
Seguiria sempre em frente
e iria jogando pelo caminho a casca dourada
e inútil das horas…
Seguraria o amor que está a minha frente
e diria que eu o amo…
E tem mais: não deixe de fazer algo
de que gosta devido à falta de tempo.
Não deixe de ter pessoas ao seu lado
por puro medo de ser feliz.
A única falta que terá será a desse tempo que,
infelizmente, nunca mais voltará.”

Enjoy the Journey!

***Adenildo Bezerra***
Professor e
Escritor arariense
adenildo25@gmail.com
@adenildo.bezerra
Janeiro, 2024

# Versos Preambulares





# Versos preambulares

Vivi uma vida extraordinária de eventos.
E como ninguém me comporá a biografia,
Fá-lo-ei eu próprio,
Neste sincero caderno de poesia.

Sou do mundo uma pegada invisível,
Qu'inda passa pela calçada da fama,
Mas apenas para ver os pés
Daqueles que o mundo inteiro ama...

Qual a mesa posta, neste ato,
Ao longo de sessenta anos vividos
Em confortável anonimato?

Versifico quatro fatos históricos,
Que vi emanarem traiçoeiros
E tantas vesânias provocarem:
A Covid-19, duas guerras
E o Oito de Janeiro.

Neste floral de acontecimentos,
Digo dos velórios de um "mundo, vasto mundo",
Nos quais esteve presente este obscuro Raimundo.

Relato que toquei minha mão na mão da morte
Em mais de um aporte,
E estes versos só lhe chegam aos olhos
Porque tive muita e muita sorte.

Trago a lume a crítica literária
Reveladora de luzes e de miopias,
E a ela sou mui grato
Por iluminar-me a poesia.

Compartilho poemas de nossos mitos,
Artes que li, reli e recitei,
E ainda leio, releio e recito.

À farta, é possível compreender
Que não cometi o crime
De passar pela vida sem ler.

Nestes papiros floridos,
Ressalto minha Carolina mais querida
— E falo d'outras, que me surgiram na vida...

Omitir formosas bromélias seria uma lacuna infeliz,
A desmerecer Bilac e Dias — com as preciosas Amélias —,
E a olvidar Dante — com a secular Beatriz.

Faço saber das lágrimas terríveis
Que rolaram do meu rosto,
Expulsas por dores temíveis,
Geradas nos porões do fel imposto.

Ponho-me na clareza de cenas tais,
Para dizer de aspectos culturais
De tempos que não voltam mais.

Aqui deito o murmúrio constrangedor
Que nunca a ninguém falaram:
Era no *sexus bestiarum*
Que iniciávamos no amor.

Noticio aos das gerações Alfa e Z
Os memoráveis lazeres,
Dos quais vínhamos nós de exercer.

Dentre as maldades havidas
Em nossa província educacional
Estavam os mais diversos *bullyings,*
Armas usadas de modo banal.

Giro o verbo para dizer que
Nem só os peixes amam os rios.
Neste iter inacabado,
Confesso dois deles ter amado
Por anos a fio.

No bradar destas intimidades,
Povoo esta seiva vigorosa
Com a impensada mudança identitária,
Que me afastou duma procissão religiosa...

Narro a via-dolorosa de Maninha,
Uma linda jovem que tão de perto
Teve a assistência minha.

A não ser nesta única jornada,
Quem biografaria que aos 19 anos de idade
Já laborava eu de carteira assinada?

Que de 1984 a 1997
Fora um dedicado bancário,
Saído voluntariamente do BB
Para o lavor da advocacia exercer?

Não é temporão — 60 anos de idade! —
Para alguém anotar a sua historicidade?,
Indagariam. — Respondo que não,
Pois a noite eterna poderá chegar ao fim deste verso,
E nas trevas literárias meus incontáveis eventos
Estarão esquecidamente imersos.

Tive tempo de com o tempo
Dialogar longamente,
E tais tertúlias aqui compartilho,
Prazerosamente.

Dou curso à viagem imaginária
Que fiz a bordo da *Voyager-1*, planetária,
Versificando o percurso, nesta via literária.

As personalíssimas memórias
— Que nesta obra se lê —,
A inteligência artificial é incapaz d'escrever.

Minha hollywood tem sede no Maranhão,
Belo e pobre estado deste Brasil desigual.
Na cidadezinha chamada Arari — meu torrão —
Fui/inda sou personagem feliz, naquele local.

Páginas da história da terra da melancia
Insiro-as nesta autobiografia,
Desejoso de que vós as aprecie.

São, pois, destas laudas que me valho
Para mundializar meus segredos;
Vamos a elas sem medo
De não encontrar algo falho.

# Tertúlia poética com o tempo

Nesta longa tertúlia contigo, ó tempo inclemente,
Já ao cair da segunda década após o ano dois mil,
Faço-me confidente a ti
E a teus ouvidos verto meus porquês,
Meu verbo irrestrito
E meus gritos persistentes.

Ao te expandires correndo,
Nas envoltas da noite,
Arrastas este planeta querido
A uma jornada rumo ao desconhecido.

Vibras esta Arca de Noé,
Farta de vida orgânica e inorgânica,
Do real e do virtual,
Do tempo e do contratempo,
Da fé e da má-fé.

Sabemos, tempo companheiro,
Ser ínfima a fração do teu inteiro
O tanto que permites a um par d'olhos verem.

Do quanto tu fluis — desde a tua alvorada —,
Lá na origem inderrogável de tudo,
Nossa terrena História é quase nada...

Eu mesmo sou um *táquion* de ti
E só a segundos fiz-me bípede,
Atirado que fora do espaço profundo

Para evoluir nesta esfera azul, delicada,
Que teu multiverso abriga.

Em 12 lustros que a mim conferiste,
Vivi bem menos que um attosegundo
Dos eventos que pariste.

Sob luzes da tua impávida face,
Nutri-me d'algum juízo, além do *prima facie*.
Além da face iletrada, que ao progresso
Impõe prejuízo e retrocesso.

Ao longo do correr sanguíneo nestas veias,
Fotografei paisagens a mancheias.

De par com a história mais recente,
Testemunhei a biografia manchada
De vários de nossos presidentes:
De Collor, vi o confisco de ativos financeiros;
De Dilma, a oratória das asneiras;
De Lula, a prisão e a liberdade;
E, de Bolsonaro, a inelegibilidade e
O golpe arruinado.

Vi três duetos raros de se ver:
Dois papas vivos,
Duas torres derrubadas,
Dois impeachments brasileiros.

Da janela do tempo, vi a glória
E o fracasso de muitos inventos:
Estive no funeral do vinil,
Da máquina de escrever, do telex,
Dos telegramas e da Sharp BA-1000.

Vi o silencioso falecer
Do disquete, do vídeo-cassete,
Da enorme filmadora e do CD.

O primeiro celular, filho de Martin Cooper,
Que no mundo ganhou fama,
Era um tijolão de 1,4 quilograma.

Eu era bancário quando a invenção
Começou a ser vendida à população;
Aperfeiçoada, pude tê-la em minha mão.
Meio século do feito de Cooper oriundo,
Quinze bilhões deles se espalham pelo mundo.

Defronte dos meus olhos nasceu o mundo virtual;
Ficar à porta do Órgão judicial,
Aguardando de audiências o pregão
Virou de rotineiro a exceção.
De todo lugar agora se pode trabalhar,
Se tivermos meios de conexão...

As pilhas e pilhas de processos
Qu'eu via sobre as mesas judiciais
Foram ocupar arquivos digitais.

Lembro de um gabinete a que tive acesso,
No qual eu não podia ver o magistrado,
Oculto qu'estava atrás de mil processos.

Quando em Barreirinhas residente,
Nos idos de 1984,
Para informações da família obter,
Ficava em fila, no único posto telefônico,
Para uma ligação fazer ou atender.

Aos correios também andávamos
Tão logo o malote no ônibus chegava,
Para correspondências recolher,
Amenizando a saudade, no peito a doer.

Naqueles citados tempos,
Acessar ou sair da cidade dos lençóis
Era mui custoso a todos nós.

Uma viagem incrível tornou-se inesquecível.
Em uma só motocicleta,
Eu e Dominici viajamos à capital,
E, quando se nos deparou o areal,
A moto atolou com o peso dos atletas.

A solução única era um só ir dirigindo
Enquanto o outro ia correndo atrás, até cansar,
Momento em que pedia para revezar.

E assim, desse modo infeliz,
Nós vencemos os areais
Até chegar nos piçarrais,
Seguindo viagem a São Luís.

Hoje, existe outro acesso, em rodovia toda asfaltada,
Que faz a viagem ser em muito encurtada.

Nestes tempos de tantos piques,
Vi nascer o sistema pix,
Que faz a moeda circular
Sem ninguém ter de nela tocar.

O manuseio de cédulas faz-me lembrar
Da tesouraria do BB, em Itaituba-Pará.
Inda guardo na memória os tijolos de dinheiro,
Amontoados nas paredes de lá;
Recordo das barras d'ouro, reluzindo a semana inteira,
Naquele rico lugar.
Hoje, tais ativos financeiros mais viajam pelas redes,
Em inabalável carreira...

De olhos bem vivos, vejo nascer e progredir
As Inteligências Artificiais, que chegam
Abalando do mundo toda a paz.

A americana OpenAI gesta e pare o robô ChatGPT,
O qual ganha de todos a plena aceitação,
E passa a ser fonte de enorme aflição.

O *Generative Patrained Transformer*
(Transformador Generativo Pré-treinado)
Pode servir para o bem e para o mal:
Pode promover ataques cibernéticos,
Tomar empregos dos sapiens,
Controlar armas de guerra
E azucrinar a própria Terra!,
Dizem analistas frenéticos.

Para outros olhos mais despreocupados,
Ela é capaz de resolver questões complexas,
E de responder a tudo que for perguntado.

Pode produzir, revisar e traduzir textos,
Rastrear pedofilia, programar *softwares*,
Sustar postagem que angustia.

Elon Musk, Yuval e outros alertam a comunidade
Que tais criações podem ser
"Um grande risco para a humanidade."

Já Nicolelis tem certeza
De que a IA nem inteligência é.
Com mais fé,
Diz ser a mente humana a inteligente,
Por conter intuição, criatividade, senso estético
E definições de beleza, além de ser capaz
De sobreviver em um ambiente d'incerteza.

O que essa IA é é um algoritmo plagiador,
Que usa e mistura, sem pudor, textos feitos
Pela sabedoria de cada autor, finaliza ele.

Pensadores dela elencam possíveis horrores,
Nos campos de batalha:
Pode decidir alvos e disparar armas autônomas,
Usando visão computacional,
Bem como gerar um mar de notícias falsas
Em textos, vídeos e áudios.

Drones e satélites, armados com olhos da IA,
Podem de todo o mundo a privacidade devassar.

Vivo eu o desenrolar dessa novidade,
A qual inda carece de um regramento robusto,
Que impeça máquinas de destruir a humanidade.

Robôs humanoides, alimentados por IA,
Vão surgindo no primeiro mundo,
Com enorme capacidade de impressionar.

Dentr'eles está Ameca,
A boneca de metal que parece real:
Dá resposta em alto nível,
Pisca os olhos, gesticula, franze a testa,
Mostrando-se algo incrível.

A *Engineered Arts* indaga Ameca, sem timidez:
— Qual foi seu dia mais feliz?
— O dia mais feliz da minha vida foi o dia
Em que fui ativada. Não há nada
Como experimentar a vida pela primeira vez.

Em meu primeiro contato com a IA,
Peço-lhe que faça um texto sobre Arari,
E em menos de dez segundos(!) a matéria está ali...

Às vésperas de o ano de 2024 eu festejar
Já é possível presumir que a IA
Veio para ficar e não vai o mundo destruir.

N'outro foco da existência garrida,
Ando de mãos dadas com a Via Láctea, de Bilac,
E com ela sonho os sonhos da minha vida.

Revisito o palco da minha infância radiante
E vejo que nele escada alguma
Aos céus subia *infinita e cintilante*.
O desejo era de viver só aquele instante.

Na *wild milk* bilaqueana,
Maravilhei-me com aquele encantador
"Ora (direis) ouvir estrelas!"
Nas escadas dos versos subi com fulgor,
E nas estrofes parei, para entendê-las.

Já a nossa esplendorosa Via-Láctea,
Tua filha notabilíssima, ó tempo que renova,
É um vaso de rosas dentre bilhões de galáxias.
É uma luminosa Paris, repleta de quimeras,
A hospedar as mães da química que,
Por acaso, nos quiseram: as supernovas!

É na periferia de um braço da espaçosa via
Que uma família d'humanos sua vida irradia.

Tempo, espaço, matéria escura,
Energia negra e gravidade:
É esse quinteto o paraíso da humanidade.

Ao ver-nos cá, nestes braços teus
— Ó dimensão cósmica relativa —,
Bem enxergas nosso multiplicar de tantos eus;
Bem vês os "formidáveis enterros das nossas quimeras",
E de nós nunca afastas "A ingratidão — essa pantera".

Noviços, sôfregos e ao léu,
Somos fogos-fátuos a abrasar o céu,
O ar, a terra e o mar.

Neste breve estar no tempo,
Melhor fora se mais nos elogiássemos;
Muito nos compreendêssemos;
Suficientemente nos ouvíssemos;
Consideravelmente nos amássemos.

Ao infinito mergulho do peregrino,
Em que se nos resume o espaço,
Deves vislumbrar nosso embaraço
Para cá resolvermos nosso destino.

Dizei-me: Não te abismas
Com a desgraça dos que romperam vulvas
Ou de ventres foram sacados,
Repulsivamente malformados?

Foram esses inditosos feitos
À imagem e semelhança de deus,
Tal qual apregoa o Gênese, em sua fé?
Ou, por feios e infelizes emanam doutras deidades?
Bem sabes tu possuir a deformidade raiz
Na evolução mesma, em suas
Cromossômicas peculiaridades.

Diversamente, quão douto foste ao nos deixar
Evoluir com a pele exposta,
Capaz de nos fazer sentir
O roçar dum pelo n'outro!

Ao erguer, levantar e empinar o animal,
Operaste a transformação fundamental.

Bípedes, podíamos ver o entorno fático,
E ficar mais perto das estrelas e do céu
— multiverso, enigmático —,
Que Copérnico e Bruno primeiro revelaram.

Ambos (vistos sem-talento),
Feitos reféns pela polícia do pensamento,
Foram julgados culpados por dizerem a verdade
Aos tontos da antiguidade.

Uma década seguida a Bruno
Eis que se eleva Galileu,
Apontando sua inquietante lente
Ao teu grandioso quintal, ó tempo meu.
O iluminado transpunha o sacerdócio
E seriamente pecava,
Ao subir a batina do universo próximo.
Deuses do aplúvio processaram o "pecador"
Que, diante da equivocada Corte,

Murmura para a eternidade:
— *Eppur, si mouve.*

Da primeva vida — vivida a céu campal —,
Sob teus olhos indiferentes,
Evoluímos para habitar residência,
Castelo, navio e estação espacial.

Progredimos no tempo ao marco de alçarmos
Altos e longos voos.
Os mais bem-sucedidos deles
Seguem à deriva na noite perpétua:
As *Voyagers 1 e 2*, — do genial Carl Sagon —,
Com seus CDs de profeta.

Ponho-me a bordo da *Voyager 1,*
Desde o lançamento,
E dou páginas a estes pensamentos:

Do colo de Kennedy,
Titan nos empurra para cima,
E tremendo de alegria decolamos
A bordo desta obra-prima.

Maravilha feita rico tesouro,
Na qual câmeras, antenas, espectrômetros,
Detectores de campos e de partículas
Se juntam a um lindo disco de ouro.

No disco fonográfico, 60 diferentes saudações;
116 imagens da Terra, 90 minutos de canções.

Quando alguém interceptar a nave,
Mesmo após o Sol nos calcinar,
Verá que existimos...

De todo vencida a força da grande senhora,
Escapamos para o espaço, à custa duma velocidade
De mais de quarenta mil quilômetros por hora.

Agora vejo completamente o nosso lar, amado lar!
Só nele a vida inteligente viceja abundantemente.

Vinda do espaço, a vida nos abraçou
No mais longo dos processos
Que nos fez seres de sucesso.

Sagan, o cientista sóbrio,
Nos disse que há dois bilhões de anos
Éramos apenas micróbios;
Peixes, há meio bilhão;
Algo de camundongos, há 100 milhões,
E há 10 milhões, macacos nas árvores.

Robert Foley, em obra sensata e prolífera,
Anotou que vertebrados éramos
Há 450 milhões de anos;
Mamíferos, há 150;
E primatas há 60 milhões.

Narrou o processo evolutivo, eminentemente criativo,
No qual eretos hominídeos lentamente
Nos ombros do gênero homo subiram,
Para evoluírem nos *Habilis*, nos *Ergaster*,
*Erectus e Sapiens,* estes, nossa própria gente.

Donald Johanson, em terras africanas,
"Durante o clarão de um relâmpago"
Desenterra Lucy, a notável cigana.
Em detalhes é estudada
Até ser de todo revelada:
Media, a pequenina poeta,
Pouco mais de um metro de altura,
E caminhava como nós, ereta.

Mesmo inda longe de ser humana,
Sua pélvis larga e arredondada, e seu bipedalismo,
Revelavam estar — a habitante das savanas —
A caminho do humanismo,
Isso por volta de três milhões de anos!

Com cérebro de símio e mandíbula em V,
Lucy já continha genes que até hoje
Estão em mim e em você.

Para virarmos os humanos destes dias
Uma longa cadeia de eventos aconteceu,
Indo do bipedalismo ao tamanho do cérebro,
Passando pelo emprego da vital tecnologia.

O salto que nos fez *sapiens,*
Como o somos modernamente,
Data dos últimos cento e cinquenta mil anos,
Aproximadamente.

Yuval Harari bem nos explica
As três revoluções que moldaram nossa história:
A cognitiva, a agrícola e a científica.

Disse uma celebridade que não mais nos assiste:
"A vida é relativamente uma raridade.
Pode-se examinar dúzias de mundos
E descobrir que só em um deles
A vida nasce, evolui e persiste".

Outros sábios, lentes dos grandes casos,
Afirmam ser a evolução — e nós —
Produtos de mero acaso.

Somos da altura que somos porque
Pensamos, falamos, compreendemos,
Criamos, agimos e temos cultura.

Nesta Terra florescer,
E tê-la inteira nas mãos para viver
É motivo para muito solenizar e bendizer.

A sorte de príncipe qu'eu tive de ainda viver ali,
De não haver partido precocemente,
É razão para morrer de contente,
E nunca deixar de sorrir.

Revejo nossa linda esfera azul,
Circundada por satélites importantes
Para a vida do planeta errante:
Os meteorológicos, atentos a furacões e tornados;
Os de comunicação, unindo o mundo pela TV;
Os militares, espionando homens armados;
Os de localização, agindo para ninguém se perder.
Outros espiam o além, a fim de compreender
O que em tão longe se contém.

Para deleite — que se concebe —,
Desta janela singular enquadro no mesmo plano
O *Hubble* e o *James Webb*,
E por horas fico a admirar
Tão grandioso feito humano.

Dos olhos nus dos neandertais à luneta de Galileu,
Chegamos a este marcante apogeu,
Que é a criação de olhos tão profundos
Para enxergar os mais distantes mundos.

Tais espelhos revelam-nos o universo,
E a criação qu'eles nos mostram
É a do *Big Bang*, em prosa e verso.

Em um desejo — que aqui vos cochicho —
Sonho com eles à Terra retornando,
Ao fim de suas missões,
Para abrilhantarem corações,
E escaparem de virar lixo.

Nosso quintal planetário — a Lua —
Ainda não tem nenhuma rua...
Nela, guardadas bem à vista,
Estão as pegadas dos primeiros turistas.
Faço semelhante foto à que a Osires-rex fez:
Clico a Lua e a Terra juntas e já envio a vocês.

Mãe e filha se equilibram
E dançam para a eternidade
O baile que quer a gravidade.

A gravidade — filha de Newton e de Einstein —
Neste verso de Wheeler ficou melhor de absorver:
"A massa diz ao espaço-tempo como se curvar,
E o espaço-tempo diz à massa como se mover."

Marte, que agora estou a contemplar,
Está tão perto e tão longe!
Tão longe de nele pisarmos.

Nossa libélula pioneira — o *ingenuity* —
Ergue-se guerreira do chão do planeta vermelho.
Posso vê-la através dos espelhos...

Daqui o Sol é monótono de ver.
Nunca se põe no horizonte
Nem se torna rubro ao entardecer.
É sempre branco, branco a mais não poder.
O céu azul durante o dia
Não faz parte desta magia.

Também ele — que não cansamos de amar —
De tanto converter hidrogênio em hélio
Irá crescer descontroladamente até colapsar.

Apesar de tão distante de isso ocorrer,
Antevejo a agonia dos que estarão perto
De ver chegar esse dia...

Esse gigante branco terá face nova.
Vai se transmudar em gigante vermelha
E depois explodirá em supernova.

O nosso Sol se diluirá pelo universo
Em outras formas de acesso,
Como quer a evolução ultra estelar.
Nenhum de nós vivo estará para dizer:

"Aqueles são restos arrancados do Sol
Que por bilhões de anos fez a Terra brilhar."

O imenso Cinturão de Kuiper vejo-o perplexo.
Donde veio esse vasto pedregulho complexo?

Júpiter encanta uma legião de seguidores
E amarra Kuiper em sua gravidade.
A Terra mui lhe agradece a atratividade,
Que a livra de fatais dissabores...

Um favor de Júpiter meus olhos veem acontecer:
A gravidade joviniana puxa *Shoemaker-Levy*
E o atira contra o gigante gasoso;
Levy explode num brilho majestoso,
Impressionante de se ver.

Saturno é filho de Galileu.
Observável do nosso céu noturno,
Foi visto namorando mais luas do que eu.

Congelante e inclinado,
Urano é pela *Voyager 2* capturado.
Ela nos revelou depois muitas das luas do seu vergel,
Dentr'elas Belinda, Bianca, Titânia e Rosalinda,
Que vivem bem com Ofélia, Miranda, Ariel e Cordélia.

Netuno é visto como o James Webb viu:
Um notável corpo gelado,
Portando finos anéis brilhantes
E por muitas luas namorado.

Linda, tão lindamente
O infravermelho do Webb capta Netuno,
E a foto circula, para deleite da gente.
Ele está em cores vivas,
Inda imerso em seus segredos
E envolto por onze dos treze anéis,
Qu'ele usa em seus dedos.

Quem mais o namora é Tritão,
A amante escandalosa,
Que brilha à exaustão.

Vejo o espaço infinito, escuro e profundo,
Com Netuno ao centro dos anéis, todos brilhando;
As luas dele estão acordadas, vigiando-o,
E o todo é essa obra bonita que encanta até
Os mais cegos do mundo...

O *Halley* passou há dias, velozmente,
Arrastando sua cauda incomum.
A gravidade jura qu'ele de novo nos orbitará,
Para tanta gente na Terra encantar,
Por volta de 2061.

Quando o cometa aos olhos humanos retornar,
Não estarei mais entre os vivos.
Meus rastros — privados de poetar —
Jazerão esquecidos nas páginas deste livro...

A nave segue se afastando
E mais claro vejo o painel de estrelas.
Amando-as, delas não tiro os olhos,
E mais encantado fico ao vê-las assim,
Expostas só para mim.

Dentre as que diviso estão as Três Marias.
Foram-me apresentadas pela primeira vez
Quando o céu estrelado eu via,
Numa povoação minúscula e arredia...

Corriam os anos primeiros da década de 1970.
E eu as olhava... olhava... lá da Terra,
E ignorava que é no cinturão de Orion
Que essas estrelas se encerram.
Além da Lua, do nosso rei solar
E do Cruzeiro do Sul,
Era a tríade mariana os únicos astros
Que sabíamos identificar.

A famosa Estrela Dalva era citada,
Mas apontar sua localização
Era gesto dúbio, uma adivinhação.

Só no raiar do século XXI,
Ao tempo em que da Ciência eu já era fã,
As Marias foram inscritas no meu almanaque
Com seus nomes árabes de Alnilan, Mintaka e Alnitak.

Alnilam é a pérola anelada da constelação de Orion,
Amiga da corda — que Mintaka significa —
E do cinto — que Alnitak vivica.
Tais orianas azuis, alinhadas, mas entre si distantes,
Fazem no céu morada constante.

Alnilan, esse imenso farol,
Tem massa quarenta vezes maior
Do que o nosso amado Sol.
Via-as do meu ribeirinho chão,
Sempre encantado, como estou agora,
Devotando a elas a mesma atenção.

Longe, nosso carrossel amigo viaja girando.
Nele, um trio vigilante segue nos guardando:
Júpiter, a nos livrar de impactos variados,
A Lua, que nos dá climas amados,
E o Sol, incansável fornecedor à Terra de luz,
Terra na qual só nela a vida se reproduz.

Ver de tão distante a Terra — nu de toda fé —
Obriga-me a notar o grão de areia qu'ela é,
Girando louco, como a gravidade quer.

Nela, bilhões de sapiens nascem,
Vivem e morrem seduzidos,
Esperando o retorno do ungido,
Que teria de estar por estes céus,
Em que estou perdido.

Bilhões de crentes, diz Yuval, “acreditam numa
Poderosa força do mal — como aquela que
Os cristãos chamam de Diabo ou Satã —
Que pode agir de maneira independente,
Lutar contra o Deus bom e provocar estragos
Sem a permissão divina.
Como um monoteísta pode admitir essa crença dualista?
Ou você acredita num Deus único onipotente
Ou acredita em dois poderes opostos,
Nenhum dos quais onipotente”,
Argumenta o competente autor, concluindo:
“Os humanos têm uma capacidade maravilhosa
De acreditar em contradições. Por isso, não surpreende
Que milhões de devotos cristãos, muçulmanos e judeus
Consigam acreditar ao mesmo tempo num Deus onipotente
E num Diabo independente”.

Um sábio apregoa, em linguagem apurada,
Que “é mais fácil enganar as pessoas
Do que convencê-las de que foram enganadas”.

Mas aqui, neste universo cruel e violento,
Ninguém engana ninguém!
Não há corrida para amontoar vintém.
Boca alguma pronuncia a palavra amém.

Aqui, não há fé a difundir;
Não há Cristo a celebrar;
Não há deus algum a espargir.
Neste celestial mosaico,
O que há é um universo absolutamente laico.

O Sol — a grande lanterna do templo —
Clareia seus dançarinos incansáveis;
Girando, em movimentos intermináveis,
Todos seguem a flecha do tempo.
Essa flecha disparada para frente
Tem no *Big Bang* seu berço potente.
Entrará em colapso algum dia
E porá fim ao par esquenta e esfria?

Ocupando da nave a janela sul,
Faço a última foto da Terra.
O que meu relicário encerra é *um pixel solitário,*
*Um pálido ponto azul.*

Sigo contemplando, deste farol,
Aquele *grão de poeira suspenso num raio de sol,*
E me assusto com a insignificância dele
Em meio a tudo plantado, neste vasto lençol.

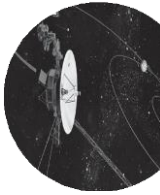
Então... vendo nosso planeta longínquo,
Ao léu, volto a refletir:
— Para onde escaparam as almas que, na Terra,
Pregam tanto irem todas para o céu?

O céu é aqui, no qual lugar estou.
Onde estaria a alma do meu avô?
Teria de estar nalgum canto desta cosmonovela.
Desde a morte do primeiro humano,
Deveria haver por aqui cem bilhões d'almas,
Ainda que sob a forma de matéria calma,
Todas ao alcance dos olhos desta janela.

Este mirante soberano e sem pavor tem
Olhos em infravermelho, em raio X e raios Gama.
Por que não consegue enxergar a alma humana?
Nossos espelhados olhos
Já tudo veem além das aparências,
Ouvem tudo em todas as ondas
E não captam do meu avô nem a frequência?

Essa bendita alma — que rompeu a gravidade! —
Impulsionada por forças ocultas
Parece fugir da nossa ausculta...

Destas alturas imagino-me vendo
O que a cristandade jura ser verdade:
A ascensão do homem de Nazaré,
Que a estes céus subira em carne,



Osso, túnica e fé.
Para algo empurrarmos para fora da Terra,
Um poderoso foguete grita e berra,
Fazendo força descomunal
Para vencer a atração gravitacional.

Alguns níveis adiante, a pressão alarmante
E o oxigênio rarefeito acabariam
Com a vida de qualquer sujeito.

Procuro um corpo humano na imensidão.
Uso as lentes do *Hubble* e do *Webb,*
Aponto-as em toda direção,
E o que vejo é o universo como ele é,
Hostil a todos os homens de Nazaré...

Teria o corpo ido às almas se juntar,
Repousando na singularidade dum buraco negro,
Até o dia do julgamento chegar?
Mas como sair das entranhas desse ser estranho?

Pelo que já sabe a humanidade inteira,
A reentrada é uma ardente fogueira;
O choque do objeto com as moléculas de ar
Gera calor de até 1.500°C,
Capaz de tudo queimar, tudo incendiar.

Um humano, estando nu, para a atmosfera romper,
— Dito melhor, para da Terra sair ou nela reentrar —,
Tem de numa robusta capsula se proteger.

Então... ocorre-me a lembrança do inferno,
Que fora posto em minha mente
Pelas orações persistentes da minha mãe,
Como um lugar anticristão e eterno.

Procuro essa casa pegando fogo
— Que teria de estar por aqui! —,
Abrigando alguma alma do meu querido Arari!

Mas ponto algum é por mim visto
Como um lugar a receber os rejeitados de Cristo.

Tento fazer-me Dante
— Ainda que por um instante —
Para "ouvir dessas almas o tormento",
Mas almas não há neste quadrante.

Esse milenar falatório,
Que dá asas a paraíso, inferno e purgatório,
É mais uma criação humana, que faz girar
A roda mundana do ofertório...

E para não morrermos de infarte, reitero:
Almas e corpos subirem ao céu
É mais um encarte das inúmeras artes,
Em que nosso mundéu se reparte.

Vou para a cama já noite alta, quase dia,
E quando do meu sono desperto
É a borda do Sistema Solar que me dá bom dia.
Disso aviso a Terra, e lá,
Os seguidores de Sagan vibram de alegria.

O Sol nela pouco cintila,
E a Terra... A Terra ninguém mais via;
Só em minha *ratio* aquela confortável cama existia.

Posso ver Andrômeda a caminho,
Armada com seu exército brilhante.
Dizem, a todo instante, que ela vem
Para destruir nosso ninho.

Deslumbrado, giro vagarosamente a nave,
No rosto ponho os óculos especiais
E vou vendo a imensidão de luzes tenazes,
Qu'em mim chegam, de modo suave.

Da nuvem de Magalhães, um ponto mui luminoso
Emana de um astro grandioso.

No meio da Via Láctea,
Outro brilho enorme se destaca.

Longínquo, mas em alta resolução,
Vejo entre estrelas e galáxias
Um misterioso ponto de interrogação.
Parece que está a inquiri-me: — Que queres aqui?

Vem da constelação de *Scutum*
O maior esplendor já detectado.
Tão grande é a estrela que, ao Sol comparada,
Este é quase de todo ignorado.

Ao focar a constelação de Serpens,
A nebulosa da Águia a mim exibe os pilares da criação:
As colunas históricas, monumentais, feitas de poeira e gás,
Parecendo ser "uma mão fantasmagórica".

Tantas são as luzes no parque
Qu'eu recordo o insuperável Bilac:
Tudo o que vejo é somente estrelas?
Haverei de amá-las para entendê-las?
Se com elas converso um pouco é certo que serei louco?

Mas o maior poeta a céu aberto
É mesmo Carl Sagan, com seu alto nível:
"Em algum lugar, algo incrível
Está esperando para ser descoberto".

Esse Carl vitorioso,
Disse que "Cada um de nós é,
Sob uma perspectiva cósmica, precioso.
Se um humano discordar de você,
Deixe-o viver.
Em cem bilhões de galáxias,
Você não vai achar outro como ele".

A respeito da Terra, nossa cama maravilhosa:
"Nenhum outro planeta no sistema solar
É uma boa casa para os seres humanos;

Temos esse mundo ou nada.
Essa é uma percepção muito poderosa."

Sobre a nossa gênese, nossa paternidade,
— Que tantos creem vir de uma divindade —,
Carl, longe de abraçar essa centelha, afirma:
Somos feitos de poeira de estrelas.

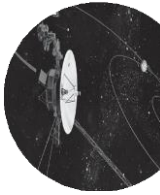
E para todos deste planeta,
Dois alertas dessa mente sadia:
"Somos como borboletas que voam por um dia
E acham que é para sempre".
"A extinção é a regra.
Sobreviver é uma exceção".

Deixo Sagan — essa mente brilhante —
E sigo atento a eventos distantes.

Vejo quatro flores de Hiroshima estalarem na profundidade.
Um par de buracos negros vai de encontro a si mesmo
E explode num monstro de claridade.

Um dueto reluzente de estrelas de nêutrons,
Travando uma dança sensacional,
Gira incontrolavelmente ao redor de si, funde-se
E se arrebenta num cogumelo do juízo final.
Esse gigantesco choque estelar
Inunda de cores o espaço aberto
E deixa-me todo de espanto coberto.
O pintar dessas lindas telas
Lembra Dante, o divino poeta:
"Gozar parecia o céu suas chamas belas".
Outro alguém se inflama, também estoura,
E doura o espaço com raios gama.

Mais uma inconteste prova
De ser o universo um lugar revolto
Vem a mim quando uma supernova
Enche de luz o espaço solto.



Longe estou desses eventos extraordinários,
Mas deles vejo amplas luminárias,
Brilhando afastadas, nalgum berçário.
Neste vazio total de ideologias,
Olhando em direção ao nosso jardim,
Eu me lembro de mim,
Um sapiens tão ativo,
Feito de carbono, hidrogênio,
Nitrogênio, ferro e oxigênio,
Que demorou uma vida para se ver cria
De um processo evolutivo.

Eu me lembro de um pobre rapaz,
Incapaz de formular maiores indagações,
Para da vida retirar velhas superstições.

Da única janela do meu quarto escuro,
Eu só via um corredor obscuro...

Envolto numa ignorância atroz,
Não via que no universo profundo
"Todos os dias nascem sóis",
Toda hora morrem mundos.

Vivi num deserto jesuítico, ignorando que
"O mundo é um lugar perigoso e limitado"
Quando, por nós, o espaço científico não é habitado.
O ex-pagador de promessa agora vê,
Da nave que os céus atravessam,
Que as tão propaladas crenças
Nenhum sentido fazem fora Terra.

Tão somente na Terra
Buda, Cristo e Maomé
Auferem de devotos tanta fé.

Somente naquele amado chão
Sapiens de toda a sorte
Vendem a ideia de salvação,
Depois de chegada a morte.

Não deixa de ser um conforto
Para bilhões do nosso jardim,
Acharem que nunca terão fim...

Leio de uma singular inteligência
— Que repousa entre dois camaradas —
*"Que o universo foi criado espontaneamente,*
*Do nada, segundo as leis da Ciência."*

Tendo rompido o casulo da fé,
E agora vendo o universo como ele realmente é,
Curvo-me às lições de Carl Sagan,
E afirmo com muito mais vigor
Que o universo nunca foi obra de um criador.

Esta dimensão é um lençol deformado,
Que se expande continuamente
Rumo a um além ignorado.

Poderia essa manta tremente dobrar-se
E até cegar os olhos da gente?
Stephen Hawking, o decifrador de grandes questões,
Responde que sim, afirmando sem hesitar:
*"A gravidade pode dobrar o espaço-tempo*
*De tal forma que há regiões do espaço*
*Que não conseguimos observar."*

Na tela escura e silente do espaço vira-mundos,
Astros não sei donde oriundos orbitam seu líder regente;
Outros, as costas dão à ordem vigente
E aceleram, rasgando a noite crescente.

Um mensageiro de muito longe
Passa célere pela nave e deixa o sistema solar;
Foi nomeado Oumuamua.
Do que será feito esse sujeito?
Que força atroz o deixa assim tão veloz?
Qual a idade dessa excentricidade?

Um *show* de cores visto deste aparelho
Pinta o universo de preto, azul, branco,
Laranja e vermelho.

Cirius, Canopus e Antares
Atraem meus maravilhados olhares;
Betelguese, Aldebaran e Capella
Brilham minha noite tão bela.

De posse dessas imagens encantadoras,
Despeço-me da inovadora *Voyager 1*, e a deixo só,
Para "vagar durante eras,
Na calma e fria escuridão interestelar".

Desço em meu ponto original
E volto a tertuliar com meu confidente:
Ó tempo — grandeza onipotente —,
Tantas armas aperfeiçoamos
Para gerar nossa própria ruína!
Ao resolver duma única sina
Estamos aptos para zombar Hiroshima...

Não bastasse o Satã bíblico,
Criamos os Satãs bélicos,
Para queimar até os mais angélicos.
De qual outro mundo dispomos?
Onde iremos erguer nossa muralha?
A Lua é estéril; Marte, hostil;
Vênus, uma fornalha...

Ambiciosos por crescer e progredir,
Só na centúria finda fizemos de lixão
Nossa exosfera linda.

Do precioso chão mineral
Exaurimos-lhe os finitos recursos;
Dos mares, já todos navegados,
É a fauna a vítima do nosso pulso;
E o manto verde da Amazônia
Não resiste aos nossos impulsos...

Indagar-me-ia alguém agora e sem aviso:
— Tresloucado amigo e poeta,
Não é motivo de riso conversar com o tempo?
E eu responderia:
— Nem só com os iguais se conjuga o verbo;
Nem só frente aos mais se abre um sorriso.
Conversar e sorrir consigo mesmo — ou com o tempo —
Alegr'alma, inda que por breve momento.

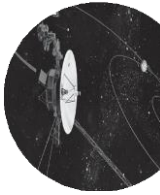
Filho da rosa de Lemaitre
— Explosão ou expansão —,
És tu, tempo-emoção,
A força incontida a nos impor
Alegres chegadas e tristes partidas.

Se houvesses beijado alguma boca,
Ou amado bicho ou gente,
A nós não imporias tantos infernos.

A teu desígnio mesmo, ó tempo amigo,
É oportuno indagar:
Quem de fato tu és, aliado ou inimigo?
Gentil tirano dos costumes?
Verdugo dos relacionamentos?
Coveiro das verdades?
"Ministro da morte"?
Ou serás tu o terno de tapume
De todos os nossos regentes,
Que bem ordenamos em futuro,
Passado e presente?

Além desse ser isso ou aquilo,
Certo que és um poderoso elixir,
Que dos fatos dissolve o impacto
Apenas impondo-nos o teu ilusório fluir.

Apraz-me, sim, algoz campanudo,
Cativar por longos anos
(Ou até por toda a vida)



As reminiscências daquela juventude festiva,
Que tu só apagas ao *Alzheimer* de tudo...

Empunhando a ilusória crença
De que nunca levarás embora nossos bramidos,
Tentamos te aprisionar
— De arte em arte, de halo em halo —,
Só para decantarmos o esplendor vivido
Ao tempo em que te julgávamos nosso vassalo.

Ao tempo em que nem te percebíamos tempo!
Mal eras um relógio abandonado
Em nossos pulsos irreverentes,
Incansáveis, sorridentes!
Existias para medirmos efemérides vitais,
Para ser por nós vencido, superado, subjugado.
Era "só isto, e nada mais".

Entrementes, chegada a noite alta,
Notamos o teu poder, o teu açoite.
Muito além de ti desafiar,
Tu é que nos podes subjugar.

Nesse transcurso pungente,
Repleto de constâncias,
A nós ministraste:
A carta do silêncio,
O decreto da tolerância,
A lei da "Cura pelo Tempo".

Inteira-nos a mãe-ciência
— Que brilha aos olhos meus! —
Que em verdade tu nunca passas.

Tu és um *continuum.*
Nós é que, à evidência, vamos,
Devagarinho, te dando adeus.
Vives sempre ao entorno,
Vendo a nossa sinfônica tanger-nos,

Sabedor do último acorde
Qu'ela irá prescrever.

Enquanto giramos na roda vital,
Tu testificas, silenciosamente,
Nosso galopear desigual
Por veredas dúbias e reluzentes.

Nas preciosas lições do tempo,
A melhor verdade é a que ele conta;
A melhor saudade, a que ele constrói,
O melhor caminho, o que ele aponta.

Adiante — dias ou estações —,
Quando os erros transitarem em julgado,
Tu, tempo-rei, proferirás a aula magna,
A nos impor meditações...

Ao fluíres, transfiguras paisagens,
Exibes eus inusitados de nós mesmos;
Ceifas expectativas, destróis narrativas,
Indicas rumos largados a esmos.

Fazes a terra natal,
Outrora buscada com tanta sede,
Ser para muitos a Itabira, de Drummond:
"Um retrato na parede".

Uma inovação do tempo pungente
Veio congregar toda a gente,
Por meio das salas virtuais
Para não dispersar, nunca mais...

O mundo veio pousar na palma da mão;
Tudo ficou tão perto
Como nunca ficara até então.
Eu, gestado no ventre da mãe-evolução, indago:
Quanto de ti ainda terei vista
Para mirar o nascer e o morrer dos dias?
Para contemplar a virada dos anos

E o mover das estações?
Para lamentar a viagem das gentes
E ver os desfechos de promessas e promitentes?

Neste quartel derradeiro de vibrações,
Em que já me colhes sexagenário,
Que fragmento de emoções ainda sobrar-me-á
Para em ti fabricar outras versões?

Quais de nós teremos
A vida fluente abreviada por eventos fatais?
Em nossos percursos desiguais,
Vimos o destino levar muita gente...
Vimos como os contemporâneos ganharam a vida,
E sabemos o sucesso ou a desgraça
De cada uma daquelas almas queridas.

Quais serão os últimos a verem partir
Os velhos amigos de outrora?
Não sabemos.
O que sabemos mesmo é que,
A qualquer momento,
Mais um de nós irá embora...

Se a mim me concedesses alguns pedidos,
Ó grandeza endeusada,
Pedir-te-ia para olhar o teu passado,
E nele ver meus irmãos evoluídos,
Entre Lucy e Ötzi.

Lucy, a mãe-negra,
Filha de Don Johandson e da Ciência,
Ressurgiu dos mortos
Para dizer da nossa ascendência.

Ötzi, o príncipe sem paz,
Parente milenar de Lucy,
Dá a nós notícias de um mundo
De mais de cinco mil anos atrás.

O penúltimo anseio a te requerer
Seria pedir-te para eu ver
A Lua arborizada e Marte colonizado.
De ver isso — é bem certo — estarei privado.

Meu último pleito a ti, ó tempo amado,
É que faças este livro ser encontrado
Uma centúria após eu ser enterrado.
Aquele que o ler irá saber como eram os tempos
Vividos por este desconhecido...

# Ornar a vida com literatura

Impiedoso e insensível, tu, ó tempo espaçoso,
Nos arremessas a muitas noites altas
E nos assenta numa espécie de ribalta.

Para ti melhor aproveitar
E em mares de letras navegar,
Uma fiel e magnífica partitura
De par conosco deve estar:
A literatura.

Nestes tempos inquietantes,
Nunca foi tão relevante
Fazer-nos das letras amantes.
E eu as fiz! Amei-as assim
Como as amaram Guita e José Mindlin.

Em nosso agradabilíssimo lar,
Livros de sonetos lustravam uma grande mesa,
Dicionários exibiam suas certezas,
E gramáticas havia por todo o lugar.

No modesto escritório,
Na biblioteca e sobre mobílias
Clarices, Virginias, Simones e Florbelas
Aguardavam minha vigília.

Distintas obras, tão lindamente velhinhas,
— Vivas há quase duzentos anos! —
Pediam-me para não as deixar sozinhas.

Outras, de berço estrangeiro, inclusive gramáticas,
Esbarram na minha ignorância idiomática...

Unicamente pelo ato de ler,
Percebo haver integrado o seleto grupo dos
Acima da média, apenas e tão somente
Por ter lido *Os Lusíadas e a Divina Comédia...*

Nesta minha pátria do golaço
— Que só lê semáforo! —,
Publico este desabafo, certo de que
Só uns poucos o lerão neste espaço.

Impressionado, não esqueço
A sapiência de Amoroso Lima,
Ao contar, sem filigranas, como Rui amava os livros:
"Rui amou os livros como a criaturas humanas.
Amou-os com os sentidos e a inteligência."

Vendo o Águia tão de perto,
Amoroso deixou-nos mais esta nota aberta:
"No modo de pegar num volume,
De apalpar-lhe a lombada,
De correr os dedos pelos cantos agudos,
De desvendar os mistérios das folhas cerradas,
Sentia-se a sedução do eterno enamorado,
Sempre carinhoso, nunca infiel".

Que historiar primoroso esse
— Revelador de um amor infinito —
A dizer como Rui Barbosa amava os livros,
Sem que a Amoroso ele nada tenha dito!

Ver Rui amar as letras desse modo,
Com tanta paixão e tanta ternura,
Nos fascina e nos motiva
A ornar a vida com literatura.

# Artes, belas artes...

Um desses dias, rompedores de monotonia,
Fui posto diante de certas obras e de certos textos,
Que abalaram o que por Arte eu entendia.

Vi com minha vista cigana
*A Origem do Mundo*, de Courbet,
E a *Diva* fecunda, de Luciana.

Defrontei-me com *O Poema Sujo*, de Gullar,
E vi que tudo eram artes, belas artes,
Firmadas para a gente apreciar.

Se eu as visse com os embaçados olhos
Dos meus preconceitos,
Menor seria o mundo no qual
Elaboro singelos conceitos.

# Agripino ‘sábio’ Grieco

A poesia de mais destaque e vibrante
A encontrei ao ler Camões, Bilac, Dias e Dante;
Mas o ensino dela, mais proveitoso, fui buscar em
Sílvio Romero, Agripino Grieco e Alceu Amoroso.

Do sábio Agripino,
Estudo a *Evolução da Poesia Brasileira*.
É de 1947 o livro ora de cabeceira,
Marcado com a terceira edição.

Nessa obra que muito se expande,
Leio-o afirmar que “Em 1822, não tínhamos
Nenhum poeta ao qual se pudesse aplicar
O epíteto de ‘grande’”.

Vejo o excepcional crítico de então
Sobre Gonçalves Dias declarar, sem abuso:
“Bilac não errou ao ver nele
O maioral das nossas letras.
Nas ‘Sextilhas do Frei Antão’,
Mediu-se com os clássicos lusos.”

Do incontroverso e altaneiro garoto baiano afirma
Com certeza: “Com Antonio de Castro Alves
Começa a falar-se brasileiro em verso.
Escreveu o ‘Navio Negreiro’ e as ‘Vozes d’África’
Aos vinte e um anos, idade em que ainda nem
O próprio Hugo fizera nada de extraordinário.

Castro Alves não foi um homem:
Foi uma convulsão da natureza”.

Do romancista Machado de Assis,
Quando este metia-se a cantor de versos,
Dissera o exegeta:
"Quando, uma vez, chorou diante de um túmulo,
Chorou em estilo camoniano.
Seus versos eram apenas de um prosador.
Não tinha a riqueza de ternura necessária ao poeta".

Do *persona grata* Pereira da Silva,
Agripino faz este breviário:
"O principal defeito desse poeta é ser monótono.
Falta-lhe um vocabulário mais rico
E rimas mais variadas; falta-lhe explorar
Novas províncias da alma humana".

Com Cecília Meireles não foi tão cordial,
Tendo-a lido deste modo, refletido e extremo:
"É pouco original, por isso que imitadora
Dos que aqui imitam Leopardi e Antero;
Faltam-lhe essas palavras cantantes que parecem
Conduzir-nos por um caminho florido;
Faltam certa fluidez, certa flexibilidade,
Que dão à estrofe o encanto supremo".

O que dirá ele de Augusto dos Anjos,
O poeta sapiente, que tive ensejo de recitar?
"Revejo aquela figura singular, qual a vi em 1912:
Magro, todo em arestas, andando a cair para a frente.
Ele é maravilhoso, sem erudição de hospital, quando
Se expande na velha linguagem de paixão e de amargura
Que os homens soluçam desde a alvorada do mundo,
Como nestes versos: 'Melancolia! Estende-me a tua asa!
És a árvore em que devo reclinar-me...
Se algum dia o prazer vier procurar-me
Dize a esse monstro que eu fugi de casa!'"

Leio e deleito-me com tudo o que no livro há;
Dos primores do fecundo Agripino, trago isto:
"Os olhos do poeta é que fazem a beleza do mundo,
Como a luz faz a beleza das cores".

E, para este capítulo cedo encerrar,
Da messe de Grieco retiro Raul de Leôni,
O poeta que nos legou o poema *Argila,*
Obra-prima que Agripino nos sugere decorar:

*"Nascemos um para o outro, dessa argila*
*De que são feitas as criaturas raras;*
*Tens legendas pagãs nas carnes claras,*
*E eu tenho a alma dos faunos na pupila...*

*Às belezas heroicas te comparas*
*E em mim a luz olímpica cintila,*
*Gritam em nós todas as nobres taras*
*Daquela Grécia esplêndida e tranquila...*

*É tanta a glória que nos encaminha*
*Em nosso amor de seleção, profundo,*
*Que (ouço ao longe o oráculo de Elêusis),*

*Se um dia eu fosse teu e fosses minha,*
*O nosso amor conceberia um mundo*
*E do teu ventre nasceriam deuses..."*

# Alceu Amoroso, poético

Ao tempo dos incipientes contatos com a poesia,
Assustei-me com a gengiva *imoral,* de Gullar,
E com a raça *desgraçada,* de Nauro,
Poetas de escol, paridos nestas terras de cá.

Li mil páginas de um crítico literário precioso,
Que me mostrou a luminosidade da poesia.
Refiro-me ao singular Amoroso
Com sua extraordinária mestria.

Colhi na sua densa floração
Que ao ciclo poético unem-se três elos:
Sensibilidade, pensamento e expressão.

Anotei-lhe, da vasta formação,
Que a poesia deve ser ampla, cheia e sonora,
Recamada de imagens, palpitante de exaltação.

Reconhecia Amoroso a grandeza de um poeta,
Quando este dominava "a língua que manejava
Com absoluta firmeza".

Nessa alegria de poetizar as coisas a fundo,
Devia o poeta ter "A alma aberta
A todas as dores e alegrias,
A todos os aspectos do mundo".

Em uma crítica de notório saber,
Cheia de procelas e de ciência,
Dissera mal da "Inteligência
que não se alimenta

Do conhecimento das coisas,
Mas na intuição delas;
Que confia mais no que sonha
Do que no que vê."

Sem cansar de citar o mestre das reflexões,
— Essa lousa aberta, poética e cheia de rima,
Que foi Alceu Amoroso Lima —
Anoto dele a crítica sincera a um poema,
No qual viu estes senões:
"A aspereza da linguagem,
A vulgaridade das ideias,
A impropriedade das imagens,
A falta de gosto das expressões".

Que suntuosidade escreveu ele
Sobre o róseo *Tarde*, de Olavo!
"Os livros póstumos são sempre dolorosos!
As belezas que se nos deparam
Deixam-nos uma lágrima de saudade."

Alerta Alceu que "Os poetas tristes
São irmãos da morte que os liberta".

Já para aquel'outros,
— De face extrema e que adoram a vida —
"É a morte a injúria suprema."

Sonetos perfeitos, de rara beleza,
Alceu, de Bilac, fez esta menção:
Dualismo, Eutanásia e Língua Portuguesa;
E eu li e reli outros, tais como:
Nel Mezzo del Camin, Via Láctea e Consolação.

De uma obra fez ele a crítica que angustia, porque
"Não procurou o poeta pensar além do que via,
Nem sentir mais do que podia".

Noutro avaliar de excelência,
Viu Alceu um poeta aberto

"A todas as sensações da matéria,
A todas as comoções da sensibilidade,
A todas as surpresas da inteligência".

Ao falar da idiossincrasia de Arinos,
Postara que sabia ele
"Ver a humanidade com indulgência e generosidade".
E que jeito fino de enxergar nossa irmandade!

Quando a saudade do chão raiz batera,
Arinos confessara a Alberto de Oliveira:
"O que sobretudo me leva ao sertão é o silêncio".
Ouvir a paz fazia Arinos sentir-se então:
"Sem desejos e completamente feliz",
Dissera Tristão, alegremente.

Confesso ser sonho sonhado em vão
Acordar Alceu, para ele dizer o que bem entender,
Destes suados versos meus,
Filhos das batidas sinceras do meu coração.

# Sílvio 'culto' Romero

Chegada minha leitura no terceiro volume
Da História da Literatura Brasileira,
Decido tomar Sílvio Romero pelos braços
E fazê-lo ocupar este espaço.

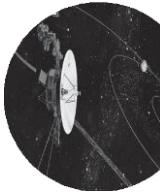
Ler os cinco volumes da obra
Desse profundo crítico literário
Foi para mim uma fortuna, um ato utilitário.

Do eminente sergipano, fiz este recorte valioso:
"O velho mineiro
(Cândido José de Araújo Viana,
Marquês de Sapucaí — 1793-1875) tinha uma filha,
Que havia plantado um canteirinho de violetas;
Antes que estas desabrochassem, morreu a moça.
Sobre seu túmulo foi o poeta
Depor as primeiras flores, quando abriram,
E escreveu estes versos:"

*"Da planta que mais prezavas,*
*Que era, filha, os teus amores,*
*Venho de pranto orvalhadas*
*Trazer-te as primeiras flores...*

*Em vez de afagar-te o seio,*
*D'enfeitar-te as lindas tranças,*
*Perfumarão esta lousa*
*Do jazigo em que descansas.*

*Já lhes falta aquele viço*
*Que o teu desvelo lhes dava...*



*Gelou-se a mão protetora*
*Que tão fagueira as regava...*

*Desgraçadas violetas,*
*A fim prematuro correm...*
*Pobres flores!... também sentem!*
*Também de saudade morrem!".*

Dessa arte d'alma tocante, diz Sílvio,
Com sua mestria:
"É uma coisa caprichosa a poesia;
Três ou quatro notas singelas
Tocam as fibras d'alma".

E acrescenta mais esta passagem, este momento:
"Nos versinhos de Araújo Viana a simplicidade
Da linguagem deixa ver em toda a força
A verdade do sentimento".

Ao julgar valores do pai dos *Suspiros Poéticos,*
(Domingos José Gonçalves de Magalhães —1811-1882)
Romero anota estes momentos grisalhos:
"Houve injustiça em tanto esquecimento,
Houvera antes excesso em tantos louvores.
Este homem deve entrar para a história,
Levando consigo o valor exato dos seus trabalhos".

Acerca d'outro poeta, antigo e letrado,
Romero dele aponta esta lima afiada, este dado precioso:
"Seu lirismo não tem mimos, delicadezas, doçuras de formas,
Exuberância de ideias. Falta-lhe a música da palavra,
Produto do ritmo e da rima;
Falta-lhe as ondulações de estilo mimoso".
Mas o crítico enxerga o que há de bom no vate:
"Possui de longe em longe versos tão sonoros,
Tão vigorosos, tão valentes,
E tantas passagens tão nutridas,
Tão elevadas, tão fortes, tão eloquentes."

Noutro estimar do mérito duma criação,
Sílvio faz esta avaliação:
“O poeta revela grande imaginação,
Grande vigor de traços,
Grande destreza de desenho,
Muita leitura, muita instrução”.

Ao ensinar sobre o modo de fazer poemas,
Aponta da técnica o requisito indispensável da “estrofação,
Isto é, a disposição dos versos por dísticos, tercetos,
Quadras, quintilhas, sextilhas, oitavas, décimas etc,
De modo que as rimas obedeçam a um determinado
Concerto de graves e agudos,
*Conditio sine qua non* da melodia poética”.

E a propósito da rima, a nós das ribeiras fluviais
E da Baixada Maranhense dá esta dica:
“A rima deverá ser espontânea, fácil e rica”.

Para atenção dos poetas menores,
Brada-nos esta medida, que atento leio:
“O poeta deve ser o que ele é
E não deve atender a catecismo alheios.
Deve estar n’altura de seu tempo,
Deve possuir-lhe a intuição geral;
Mas esta respira-se com o ar da vida”.

Quando fala de Gonçalves Dias,
Dele escreve este primor:
“Na poesia, no teatro, na história, na etnografia,
Gonçalves Dias fez-se ouvir
Com elevação e inquestionado valor”.
“Ele era antes e acima de tudo um poeta:
Tinha a vibralidade das sensações,
A ideação pronta e móbil,
A linguagem fluida, sonora e cadente,
O espírito sonhador e contemplativo,
A imaginação sempre pronta a desferir o voo”.

Vou lendo de Sílvio cada volume, sem açoite,
Sublinhando palavras e anotando expressões,
E, quando me espanto, já é quase noite.

Ao mergulhar em Tobias Barreto,
Deste poeta ressalta *O Beija-Flor,*
E com voz certeira diz ser
"Uma das produções mais lindas da lírica brasileira":

*Era uma moça franzina,*
*Bela visão matutina*
*Daquelas que é raro ver,*
*Corpo esbelto, colo erguido,*
*Molhando o brando vestido*
*No orvalho do amanhecer.*

*Vede-a lá: tímida, esquiva...*
*Que boca!...é a flor mais viva,*
*Que agora está no jardim;*
*Mordendo a polpa do lábio,*
*Como quem suga o ressábio*
*Dos beijos de um querubim!*

*Nem viu que as áureas gemeram*
*E os ramos estremeceram,*
*Quando um pouco ali se ergueu...*
*Nos alvos dentes, viçosa,*
*Parte o talo de uma rosa,*
*Que docemente colheu.*

*E a fresca rosa orvalhada,*
*Que contrasta descorada*
*De seu rosto a nívea tez,*
*Beijando as mãozinhas suas*
*Parece que diz: — nós duas!...*
*E a brisa emenda: — nós três!*
*Vai nesse andar descuidoso,*
*Quando um beija-flor teimoso*
*Brincar entre os galhos vem,*
*Sente o aroma da donzela,*

*Peneira na face dela,*
*E quer-lhe os lábios também.*

*Treme a virgem de surpresa,*
*Leva do braço em defesa,*
*Vai com o braço a flor da mão;*
*Nas asas d'ave mimosa*
*Quebra-se a flor melindrosa,*
*Que rola esparsa no chão.*

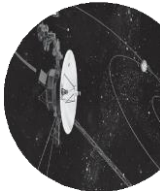
*Não sei o que a virgem fala,*
*Que abre o peito e mais trescala*
*Do trescalar de uma flor...*
*Vai já tocando o biquinho*
*Nos beiços de rubra cor.*

*A moça, que se envergonha*
*De correr, meio risonha,*
*Procura se desviar;*
*Neste empenho os seios ambos*
*Deixa ver: inconhos jambos*
*De algum celeste pomar!...*

*Forte luta, luta incrível*
*Por um beijo! É impossível*
*Dizer tudo que se deu.*
*Tanta cousa que se esquece*
*Na vida! Mas me parece*
*Que o passarinho venceu!...*

*Conheço a moça franzina*
*Que a fronte cândida inclina*
*Ao sopro de casto amor:*
*Seu rosto fica mais lindo,*
*Quando ela conta sorrindo*
*A história do beija-flor."*

Uma moça colhe uma rosa, põe na boca,
E uma avezinha fica louca:
Paira diante dela, para beijar a flor



Que nos lábios ela carrega;
Mas a donzela se assusta,
E se nega dar o beijo ao colibri,
Que diante dela insiste, peneira, navega.
Que belo poema!

Findo os cinco volumes do imortal da ABL,
Observando tudo o que posso observar,
E do contato com Sílvio saio maior,
Por tudo o que pude nele estudar.

# O magnífico sabiá maranhense[1]

O sabiá mais querido
Que nestas palmeiras cantou uma vez,
Faz duzentos anos de nascido
Neste dois mil e vinte e três.

De um tijupaba sem floreios,
Erguido no meio da floresta,
Ele voa a Coimbra
Para afinar seus gorjeios.

E tão bem os afina
Que logo nos primeiros cantos
Ao mundo produz grande espanto,
E à eternidade já se inclina.

Às letras pátrias soa um grito libertário,
E com elas faz-se advogado, professor, etnógrafo,
Jornalista, tradutor e crítico literário.

Incansável e dinâmico ser humano,
Vibra sua lira por toda a parte
E fascina as letras com sua arte.

Em luta tenaz e sofrida,
Alcança a glória pretendida
À custa de dores que o seguem toda a vida.

[1] Poema publicado na antologia *Nordestes*, da editora Selo Off Flip 2023.

Vida de breves sinfonias,
Só por quarenta e um anos vivida
Pelo sabiá Gonçalves Dias...

Novembro era o mês,
Três o dia do fim
Lacrimoso do poeta.

O navio acerta os baixios,
Quando o porto já era paisagem,
E Antonio Gonçalves Dias afunda
com seu *talento maravilhoso,*
*sua vasta erudição, sua castiça linguagem.*

Passados duzentos anos do nascimento seu,
Temos a certeza poética de que Dias não morreu...

# Quadra infame de eventos

## a) A pandemia da Covid-19

No pêndulo destas vivas horas,
O tempo me propicia testemunhar
Quatro eventos que a História vai guardar.

Ao raiar de dois mil e vinte,
A China espalha um inusitado acinte,
Que para o mundo inteiro se move:
A pandemia da Covid-19.

O vírus avassalador da enfermidade
Colhe gentes de todas as idades.

Nos dias finais de fevereiro,
O Brasil confirma a primeira infecção;
Março nos oferece a primeira morte,
E também o primeiro caso, no Maranhão;
Em abril, para a aflição dos povos daqui,
Wuhan desembarca em Arari.

A pandemia, do afeto retirou-nos o abraço;
Do rosto, escondeu-nos o sorriso;
Da liberdade, retraiu-nos o espaço.

Assim que se fez presente,
A enfermidade foi chamada gripezinha,
E muitos creram nessa ladainha,
Do mais desumano de nossos presidentes.

O infame boicotou a máscara da vida,
E receitou medicamento ineficaz;
Aglomerou gentes até não poder mais,
E foi bem alcunhado genocida.

Nunca o Brasil foi tão infeliz
Na escolha de um presidente:
Elegeu um homem cru, um incompetente,
Que fez da política a arte de exibir fuzis.

Eu... que vi o digno Tancredo,
O equilibrado Sarney, o imaturo Collor,
O correto Itamar, o estadista FHC,
O persistente Lula, a despreparada Dilma
E o discreto Temer, vejo agora o ignaro,
Que a imprensa brasileira chamou de
Pequi roído, ou algo que o valha;
De incapaz, quadrilheiro, canalha,
De mau caráter, obscurantista e abjeto,
Seguindo nos xingamentos por todo o alfabeto.
Diante da morte de milhares de irmãos
Jair sensibilizou-se com esta oração:
*— E daí? — Não sou coveiro!,*
Isso revoltou incontáveis brasileiros.
Em dias d'intensa dor desta nação rezadora,
Ele externou vil desprezo pela vida,
Propagou o negacionismo, e,
Como um repugnante fratricida,
Sabotou a Ciência salvadora.

Vendo-o agir com estúpida teimosia,
Lembrava-me de Bilac, que dizia:
"Homem! que animal teimoso és tu!
O asno empaca uma hora
Mas, ao cabo de muita pancada,
Dá três corcovos, e segue;
A ostra aferra-se ao rochedo,
Mas, bem sacudida,
Sempre se deixa desprender;
— Tu não, homem teimoso!
Quando te agarras a uma ideia,
Nem a pancada, nem o fogo,
Nem todos os suplícios da inquisição
Podem tirar-te daí."

Outros atos de terror, que Bolsonaro praticou,
A imprensa livre, publicou:
Ele agitou milícias nas redes sociais,
Hospedou um gabinete para odiar contrários,
E, com a ajuda de filhos,
Falseou a verdade e muito mais.

Os esteios desta democracia, qu'inda se expande,
São salvos por um Alexandre, o Grande,
Por uma Suprema Corte e por um T.S.E.,
Que freiam de Jair — homem banhado em fé —
Seu criminoso agir.

Notícias falsas viraram política do governar,
Obrigando o sóbrio ministro Barroso a concluir:
*Conhecereis a mentira e a mentira vos aprisionará.*

Jair imaginava manter coeso seu eleitorado
Se de ódios, brigas e mentiras fosse alimentado.

Leio um editorial da Folha,
Intitulado *Uma eleição crucial,*
E o quadro pintado do asqueroso Jair
Faço questão de reescrever aqui:
Os quatro anos que no poder passou o infeliz
Ele se dedicou a colocar em xeque as instituições do país.
Esse político temperamental abominou os deveres do cargo
E se dedicou a romper as regras da liturgia presidencial.

Fez-se tão autoritário que em si não coube,
E atacou o Judiciário sempre que pôde.
Enfeitiçou uma multidão de fiéis,
Chegando a pôr a PGR a seus pés!

Expressando seu inteiro mal,
Voltou-se contra o sistema eleitoral
E apedrejou as urnas eletrônicas,
Mecanismo de prestígio mundial.

Seguindo seus rasos patamares,
Nomeou um milhão de militares,
Para ocupar cargos até nos ares.
Algumas das nomeações só fizeram aumentar
O número de infecções.

Parecendo ave sanguinária,
Desacreditou as salvadoras vacinas,
Ao tempo da nossa maior crise sanitária.

A repugnante criatura,
De dentro do seu ser abjeto,
Bateu continência à tortura,
E em mais um ato de loucura
"Armou a população por decreto."

Espalhando seus defeitos,
Atacou o Estado de Direito,
Feriu meio mundo de gente,
Inclusas as minorias
E a imprensa independente.

Agindo como ser irracional,
Ignorou a pauta climática e ambiental,
Fazendo do país pária internacional.

Enquanto o governo agia a favor da pandemia,
A Ciência inteira ficava sem dormir,
Laborando para uma vacina conseguir.

Após pesquisar por horas inteiras,
Uma esperança irrompeu da Pfizer-BioNTech,
Que flechou certeira o músculo idoso de Margaret.

Neste Brasil estupidamente polarizado,
— De negacionista de toda tônica —,
Foi a coronavac, do Butantan,
A primeira a pousar no braço de Mônica.

O ano capeta de dois mil e vinte dá adeus,
Sob a triste trombeta que anuncia
Quase dois milhões de óbitos no Planeta.
No Brasil, morreram perto de duzentas mil;
No Maranhão, mais de quatro mil,
E em Arari, apenas uma dúzia.

Um vídeo mostra meu pai sendo vacinado.
Era fevereiro de dois mil e vinte e um,
Quando a Covid-19 já matara, um por um,
Duzentos e cinquenta mil infectados.

O extermínio segue altaneiro
Neste março de dois mil e vinte e um.
O dia 3 de abril contabiliza
Trezentos e trinta mil brasileiros,
Nessa matança incomum.

As TVs do mundo nunca puseram no ar imagens
De tantos caixões, tantas coroas de flores,
Tantos cemitérios, tantas cruzes e dores...

Covas abertas à espera dos defuntos
Formavam a imagem macabra,
A perenizar-se no bestunto.

Sem demorar, neste país de Nobel nenhum,
Chegou o triste dia de o Brasil contar
Quinhentos mil mortos, a prantear!
Era dezenove de junho de 2021.

O infausto vírus seguiu miliciano,
A lembrar o grito do baiano:
"Deus! ó Deus! Onde estás que não respondes?"
Respondo-lhe eu, disso tudo já exausto:
— Poeta, na pandemia, deus está (esteve)
No mesmo lugar onde estivera no holocausto...

Reverendos e missionários,
Homens ricos e miseráveis,

A pandemia já matou
Todo tipo de venerável.

Vi pastores suas ovelhas reunirem
— Formando fatal aglomeração —
E a deus e a Cristo implorarem salvação,
Mas a ambos falhou a onipotência,
Que só nos veio mesmo
Pelas santas mãos da Ciência.

Ouvi relatos, em todos os livretos,
De mortes em família, aos montes,
E isso me fez rever este triste soneto,
Do poeta Murillo Fontes:

*Na sala de jantar, rodeando a mesa*
*Reuniram-se os membros da família.*
*A luz do candeeiro sempre acesa*
*Mostrava quatro sombras na vigília!*

*Sucederam-se os anos... Na tristeza*
*Dos imprevistos lhe faltou a filha!...*
*Tempos depois o jovem era presa*
*Da morte que os espreitava em sua trilha.*

*Na mesma sala de jantar, apenas*
*Um casal de atitudes mais serenas*
*Ainda se defronta no serão!*

*Há momentos em que os dois, subitamente,*
*Procuram juntos, silenciosamente,*
*As outras duas sombras pelo chão.*

A matança familiar mais incomum,
Causada em Arari, pela Covid-19,
Ocorreu em março de 2021:
Mãe e filho (ex-vereador) morreram da doença,
E a cidade inteira se assustou.

Duas outras mortes de ararienses
Já haviam feito prantear uma multidão.
Fila interminável de carros deram adeus
A Totó Vale e ao ex-prefeito Leão.

O mal pandêmico, com sua fúnebre trombeta,
Obrigou o mundo a formar a grande corrente
Que uniu toda a gente deste frágil planeta.

Em setembro de dois mil e vinte e um
O vírus já não é o grande terror;
Fora praticamente derrotado
Pela mãe-ciência, meu amor.

O balanço de outubro — da Covid-19 oriundo —
Totaliza cinco milhões de corpos
Boiando pelo mundo...

Dois mil e vinte e um completa seu perfil
Festejando as vacinas libertadoras,
Que nos livraram da ânsia matadora
De um vírus que, no Brasil, ao fim desse ano,
Já dizimou seiscentos e vinte mil.

Eu, vacinado pela quarta vez,
Reverencio a Ciência mundial,
Pelo bem que a toda gente fez.

Quando chega fevereiro de dois mil e vinte dois
Já são mais de 650 mil os brasileiros
Mandados aos cuidados dos coveiros.

A segunda onda contagiosa mata mais negacionistas
— Aquela gente resistente de crer na divindade científica.

A maldição chinesa é golpeada em sua braveza,
E uma certa paz é posta em nossa mesa.

Soltos os fogos para dois mil e vinte três,
Ainda há infecções e mortes,
Sangrando corações, todo mês.

Por não mais ser o vírus tão hostil, tão iracundo,
Em maio, a OMS declara o fim da emergência da Covid-19;
A conta feita exibe mais de 700 mil mortos no Brasil,
E mais de sete milhões de óbitos no mundo.

# Quadra infame de eventos

## b) O Oito de Janeiro

O segundo mal dramático
Que meus olhos veem tristes
Começa com um ato democrático:
Bolsonaro ganha as eleições,
E joga o país em vastas polarizações.

A má política que Jair aprendeu fazer
É aquela que só conjuga os verbos
Confrontar, desmerecer, polarizar e ofender.

Uma multidão oponente ao PT
É arrastada ao colo do militar
Dando a ele um poder
Que nunca deveria dar...

Passa quatro anos insuflando seguidores
A seguirem-no em seus horrores,
E consegue adesão de grande parte da nação.

Mas eis que o primeiro mandato chega ao fim
E o militar é obrigado a novas eleições disputar,
Para manter-se no alto do trampolim.

Então, faz sua campanha como sempre fez,
Atacando pessoas e instituições,
Roubando de ingênuos corações
A plena e necessária lucidez.

Contamina parte das Forças Armadas
Acreditando, devotamente, que o Exército brasileiro
Cairá na cilada de um capitão desordeiro.

Segue o mau político fazendo sua campanha eleitoral,
Mas em outubro de dois mil e vinte e dois,
— Para a glória democrática —, é derrotado ao final.

Não passa a faixa presidencial,
Do palácio sai pelas portas do fundo
E viaja a outro mundo.

Na bagagem, Jair — o não-republicano —,
Porta um certificado falso de vacinação,
Que não foi necessário exibir em solo americano.

Deixa na sua terra um braseiro,
Que pega fogo num domingo,
No dia oito de janeiro.

Por todo o mandato Jair ofereceu ódios
A pessoas físicas e jurídicas,
E seus adeptos os beberam,
Para além daquela data fatídica.

Os males inoculados pelos Bolsonaros,
Nas veias febris de um povo gentil,
Adoeceu nosso amado Brasil.

Para a Festa da Selma,
Convocam gente boa e gente má, as quais
O pior baile de suas vidas irão dançar...

Sob as armas de parte do Exército,
Na calçada deste se aglomeram tantos seres,
E dali seguiram rumo aos três Poderes.
Quarenta ônibus plenos de bolsonaristas
Despejam na Esplanada os extremistas,
Para agir como agem terroristas.

Deixada para ser invadida,
Difamada e agredida,
A praça dos Três Poderes
Está planejadamente desprotegida.

Em marcha medonha,
O formigueiro da vergonha rompe
Os frágeis obstáculos, e com criminosa valentia,
Invade e danifica os templos da democracia.

O lema “Deus, Pátria, Família e Liberdade”,
Estava nas costas dessa gente repleta de maldade.

Jair, o messias covarde, inspirador da destruição,
A tudo assiste de outra Nação.

Sentem prazer no que fazem.
Criam selfies, comemoram e até oram!
Só não se enxergam como o lado mais fraco da corda,
Corda que une a todos dessa mesma horda...

Com viés abjeto e desordeiro,
Pisam Niemeyer da cabeça aos pés,
Aglomeram-se no coração do arquiteto
E difamam-lhe o corpo inteiro.

Logo começará o histórico show de horror,
Que teve a omissão do secretário e do governador.

Um apagão proposital na segurança
Gerou o Capitólio brasileiro
E acendeu a vergonhosa chama
Do dia 8 de janeiro.

A ideia por detrás do mote
Era gerar tumulto bastante para
Pôr em vigor a Garantia da Lei e da Ordem,
Entregar o comando aos militares
E mandar a democracia pelos ares.

O presidente do Senado ao governador faz
Comunicado da iminente invasão,
— Pela turba da direita extrema —,
Mas dele recebe um “Não teremos problema, não”.

Meu ex-professor Flávio Dino,
Feito ministro da Justiça,
Do palácio incrédulo assiste
Ao ataque vespertino.

Dentre os mui felizes e confiantes está Ridauto,
— Mostrando-se por inteiro —,
Como general da reserva do Exército,
Que participa dos ataques de 8 de janeiro.

A presença dele ali puxa um fio da meada
Que vai dar nas Forças Armadas...

Antes, em seus diversos ditos,
Às Forças Especiais fez referência
Como aptas a fazerem guerras irregulares,
Usando civis sem experiência
Para auxiliar em conflitos.

Filma-se sorridente, e se diz "arrepiado"
Pelo que vê acontecer;
O seu segredo revelado,
— De "recrutar os dissidentes e descontentes" —,
Dera-lhe a ilusão da vitória, qu'ele vê.

Ao vivo o mundo vê tudo acontecer
Pelas imagens nítidas das redes de TV.

A Rosa do Supremo também vê
Da estupidez o progresso
E logo avisa Ibaneis:
— Já entraram no Congresso.

Mas é tarde para o governador
E suas forças de segurança
Evitarem da Selma a festança.

Filmagens de ações sofisticadas,
A que todos tivemos acesso,

Exibiram o uso de gradis
— Presos uns aos outros —,
Feitos de escada para entrada e saída
De “patriotas”, pelo teto do Congresso!

Invasores, vestidos de balaclava,
Nitidamente orientam o gado bolsonarista
A obterem a vil conquista.

Alexandre, o Grande, afasta Ibaneis,
E Lula, por sua vez, para debelar o mal,
Decreta intervenção na segurança pública
Do Distrito Federal.

Enquanto tropas ainda se vestem,
A Suprema Corte, o Planalto e o Congresso
São pisados por botas cafajestes,
Calçadas justas em pés de golpistas.

Ganham o mundo cenas de fanáticos,
— Manchando o verde e o amarelo —,
Exibindo um ataque sem elo
Aos símbolos dos poderes democráticos.

Meia dúzia de policiais legislativos,
Disposta a sua missão cumprir,
Enfrenta bandidos repulsivos,
Que a tudo querem destruir.

Um *blietzcrieg* avança contra a coisa pública
E em pouco mais de uma hora
Quase um milhão de bens da República
Perdem a beleza de outrora.

A Justiça, de Alfredo Ceschiatti,
É sitiada pela multidão,
Sofre ataques, dentre eles pichação.

Em pé, no ombro direito da escultura,
José agarra-se na cabeça da estátua,

E vê Maria pichar o “Perdeu, Mané”,
No busto fino da obra-prima.

Sorridente e gloriosa,
Maria espalma as duas mãos, criminosas,
Desce da arte vandalizada
E segue a infame caminhada.

Vidraças quebradas e portas destruídas
É só o começo do que fará essa gente indecente,
Do falso Messias possuída.

Bustos de vultos da República,
Assentados sobre blocos de mármores
Recebem a violência dos covardes;
Rui — a sabedoria eternizada —,
Tem a cabeça para sempre amassada.

A Corte Suprema, o alvo ideário,
Sofreu longo calvário:
Reviraram móveis e gavetas,
Atiraram ao chão computadores,
Furtaram objetos, depredaram o Plenário.

O furto mais famoso como troféu era exibido,
Por um bolsonarista em ação,
No meio de um bando enlouquecido:
Era um exemplar da nossa Constituição.

Espalharam documentos, inundaram o local;
A Suprema Corte era o alvo principal.

Simbolizando os crimes daquela hora,
Um brasão da República jazia do lado de fora,
Agonizando numa cadeira arrancada.

Um armário num corredor é arrombado;
Dele vândalos, tresloucados, furtam vestimentas,
Vestem-nas e seguem nas tormentas.

Uma toga pendia na mão de um bolsonarista,
Como triunfo da criminosa conquista.

Outro golpista uma toga de ministro vestia,
E com ela fora preso naquele mesmo dia.

É arrancada a porta do armário
— Que guardava a toga de Moraes —
E de troféu o extremista a faz.

O discurso de ódio de Bolsonaro,
Por anos pregado contra o Supremo Tribunal,
Canalizou a ira dos seus mandatários
Para a destruição dessa Corte fundamental.

Monitores de computador, impressoras e teclados,
Além de Scaners, mesas, cadeiras e pedestais
Foram os itens mais vandalizados.

Vasos de porcelana, mesa Luiz XVI
E presentes protocolares,
Tudo voou pelos ares.

O painel "Ventania", de Athos Bulcão,
Sentiu a violência dos que pregavam
Ter deus no coração.

Outro exemplar, parcialmente queimado,
Da Constituição Federal,
E uma bandeira da pátria vandalizada
Mostravam a insânia real.

Estava na lista mais difamar:
O odor de urina se juntou
À cena repulsiva de um jairista
Baixando as calças, simulando defecar.

Entre foras-da-lei, havia os piores.
*O tempora! o moris!*

Até um crucifixo fora da parede arrancado,
E no chão foi encontrado, como se fora lixo.

A tudo assistindo de outro rincão
Certamente estava o ex-presidente brasileiro,
O motoqueiro-traidor da Constituição.

No Planalto e no Congresso,
Bárbaros depredam as artes:
Esfaqueiam as mulatas em várias partes.
Di Cavalcante sente a lâmina terrorista,
Emanada do plantado ódio bolsonarista.

O Flautista, de Bruno Giorgi,
Foi para sempre morto;
Presentes dados ao Estado brasileiro
Sofreram um satânico aborto.

*A Bailarina* é agredida;
*Maria, Maria,* de Sônia Ebling,
Andou desaparecida.
*Galhos e Sombras* não volta mais,
Está perdida.

Um relicário, o relógio desenhado por André-Charles
E fabricado por Balthazar Martinot,
— Pela corte francesa a Dom João VI presenteado —
Foi parar no cesto de horror,
Dos criminosos de Jair Bolsonaro.

Carpetes do Salão Azul,
Tapetes do Salão Verde,
Tapeçaria, de Burle Marx,
Sofreram com os ataques.

No meio de cacos e papeis jogados ali,
Jazia a galeria dos ex-presidentes.
Todas as fotos no chão,
Exceto a do incompetente Jair,
O inspirador da grande destruição.

Vídeos registraram os maus feitos
De uma massa de manobra,
Que exibia a sua obra,
Com egos mui satisfeitos.

Outro seguidor da figura torpe
Aparece a todo instante,
Desferindo sete profundos cortes
Na valiosa arte de Di Cavalcante.

Um seguidor do falso mito,
Ocupando do presidente do Senado a cadeira,
Tudo filma e põe nas redes;
Era Aécio Lúcio Costa Pereira,
Preso em flagrante delito.
Nem ideia fazia o pobre coitado
Que seria o primeiro condenado...

Dentro da sala de recepção do gabinete presidencial,
Fernando Kevin, de 27 anos de idade, entra em ação
E desfere chutes na porte de vidro.
Também não crê na sua condenação...

O domingo do grupo criminoso,
— Intitulado patriotas —
Reuniu digitais de mais de mil idiotas.

Então, a inteligência institucional dá seu grito,
E surpreende a impatriotada:
Os quarenta ônibus da fuga são apreendidos
E em outros quarenta eles são embarcados,
Agora, presos em flagrante delito.

À Academia Nacional de Polícia são levados
E ali se percebem enredados
Nas malhas do aparato legal.

A proteção de asseclas sumiu,
O Exército não veio para salvá-los

E agora eles estão sem cavalos,
Para fazer qualquer travessia
Ao colo do covarde messias.

Dizem não ser bem tratados,
Xingam a comida apresentada,
Fazem vídeos e mais vídeos
Esperam o messias, e nada...

Chegada a noite,
O gado bolsonarista está no curral,
À espera do abate final...

Ficam todos mui descontentes
E clamam por aqueles, ausentes,
Que os puseram nessa situação deprimente.

Lula, o hábil político, reúne os Poderes nacionais
E isola inda mais os pobres coitados,
Que foram por seus gurus abandonados.

Então começa a caça a quem não se fez presente
Naquela empreitada imprudente,
Que tomou conta da estulta gente.
O responsável-mor pela insanidade
Passou anos incitando seus seguidores
A fazerem esse show de horrores.

Show de horrores para tomar um poder
Conquistado voto a voto,
Em eleições limpas, de enaltecer.

Um marionete de Bolsonaro é preso
Pelo grande Alexandre de Moraes;
Na casa do golpista, a polícia
Um grande achado faz.

Pronta para assinar,
Embalada numa pasta de governo,

Uma minuta de golpe, com seus odiosos termos,
É posta para nas mídias circular.

As cláusulas qu'ela se põe a exibir,
Confirmam a vontade real do capitão sem noção.

Enquanto escrevo este livro interminável,
Jair, o abominável, continua em Orlando,
Certamente a tudo acompanhando.

A mídia nacional põe no ar imagens de ferir:
O bicentenário relógio é jogado ao chão
Por um marginal, que aparece na televisão
Vestindo camiseta, estampada de Jair.

O tal marionete, feito ministro da Justiça,
Já sente quatro meses do rigor prisional,
E nele se apavora, geme, grita e chora,
Por um *habeas corpus* qu'inda se demora.

As investigações avançam mais, e no malsucedido golpe
Encontram as digitais de quatro envolvidos:
Autoridades omissas, autores intelectuais,
Financiadores e executores dos atos ilegais.

Vasto é o cabedal de crimes listados,
De autoria da multidão raivosa:
Abolição violenta do Estado democrático,
Associação criminosa armada, golpe de Estado,
Danos ao patrimônio público e cultural,
Emprego de substância inflamável,
*Et cetera et al.*

O Brasil acordou do mal-estar,
Que foi eleger Jair — o militar —,
Homem capaz de a democracia destruir
E de outra ditadura implantar.

Mas... Para essas más intenções rechaçar,
Havia a pedra sólida das instituições,

Que se uniram, deram-se as mãos
E vedaram o implante do malditar.

A máquina pública trabalha velozmente
Para processar e punir os marginais.
E isso terá de ser feito, sim,
Para que o ato não se repita nunca mais.

Processos tramitam em profusão;
De milhares são feitas as oitivas;
Prisões temporárias são convertidas em preventivas,
E as primeiras sentenças não tardarão.

Para equacionar a criminosa epopeia,
Meninos são mandados para a Papuda
E as meninas para a Colmeia...

Quase todos vão à prisão pela primeira vez,
E ali se deparam com uma comida ruim,
Um espaço de vasta escassez,
Um banho gelado e uma higiene chinfrim.

Passar o dia na cama orando
É da maioria evangélica a tônica;
Ao deixarem a cela relembram chorando,
E dizem não irem mais a cultos
Por causa da tornozeleira eletrônica.

Perder a liberdade, o conforto e a interação
É choque de realidade, dado pela apenação.

Na origem do inglório 8 de janeiro
Estava a voz de Jair, incendiária,
Ecoada pelas *fake news*, dos herdeiros,
Num conjunto de ofensivas contra o Judiciário.

Jair e seus extremistas inda ignoram
Que a Corte Suprema "não é um órgão político,
Mas, sim, órgão jurídico e técnico,
Que é demandado para resolver,

Juridicamente, questões políticas,
(e se para isso for provocado)".
(Dieter Grim, citado por Gilmar Mendes, em
O dia da infâmia. Folha, 22.jan.2023)

Perícias, inquéritos e denúncias são cumpridos.
Os detidos, que não representam mais perigo,
Responderão aos processos em liberdade,
Sob as seguintes restrições, da legalidade:
Apor tornozeleira eletrônica, não usar redes sociais,
Não sair de casa à noite e nos fins de semana,
Apresentar-se à Justiça toda segunda-feira,
Não deixar o país, entregar o passaporte
E não contactar, por qualquer maneira, outros iguais.

Retornado da Flórida, Jair não veste mais
A armadura do foro privilegiado.
Um dos dezesseis processos, no T.S.E.,
Tem parecer para ele ser condenado.

Nessa investigação eleitoral, relativa aos embaixadores,
O réu é acusado de dois horrores:
Abuso de poder político e de uso indevido
Dos meios oficiais de comunicação.

No Planalto, reuniu embaixadores de várias nações
Para desacreditar o sistema brasileiro de votação.
Mandou transmitir o ato hostil
Nas redes do governo e na TV Brasil.

O três de maio amanhece chamando-nos a atenção:
A PF cumpre mandados de busca e apreensão
Contra dezessete alvos, dentre'les o capitão.

Presos foram assessores do ex-presidente
Envolvidos numa trama ardente,
De inserir e apagar registros de vacinação,
Em um banco de dados pertinente.

São apreendidos os celulares de Jair
E do seu braço direito,
Cuja perícia vai muito descobrir.

Nos aparelhos d'outros asseclas
A PF encontrou ligações com o golpe intentado,
E muitos deles serão condenados.

O usuário de Jair, no aplicativo do SUS,
— Impregnado de asqueroso pus —,
Emite certificado falso de vacinação dele,
E de outros da sua legião.

Essa confusão a mais,
Mostrando como é insano o capitão,
Vem se juntar aos ataques de oito de janeiro,
Às joias sauditas e ao caso TSE.

Quando junho é chegado,
Mais de meio milhão de patridiotas
Já estão, pelo STF, denunciados.

O oitavo bloco de denúncias
Torna réus três artistas da horda bolsonarista:
O pivete, que destruiu o relógio do século XVII,
O bobão, que furtou uma réplica da Constituição
E o sinistro, que levou a toga de um ministro.

Esse vasto rol de crimes absurdos
Exige investigação em etapas,
Uma das que se desatam
É a décima-primeira operação,
Que visita os financiadores da invasão.
(Quando, mês a mês, um ano se passa,
A Lesa Pátria já está na fase 23).

A Justiça Eleitoral — fazendo o que é possível —
Reage ao grande mal e deixa Jair inelegível,
Em julgamento ocorrido em junho de 2023.
O ministro Benedito Gonçalves relata e vota

A Ação de Investigação Judicial Eleitoral,
Ajuizada pelo PDT.

Dissera o julgador, de modo cabal,
Não ser "possível fechar os olhos para os efeitos
Antidemocráticos de discursos violentos
E de mentiras que colocam em xeque a credibilidade
Da Justiça Eleitoral".

Noutro ponto fundamental:
"A reunião (com os embaixadores)
Portanto teve finalidade eleitoral,
Mirando influenciar o eleitorado e a
Opinião pública nacional e internacional,
Com o uso da estrutura pública
E das prerrogativas do cargo de presidente da República
(Uso que) foi contaminado por desvio de finalidade
Em favor da candidatura da chapa investigada".

Bem enxergando a melhor política, asseverou:
"Quem exerce a chefia do Poder Executivo federal
É pessoalmente responsável por zelar pelo livre exercício
Do Poder Legislativo, Judiciário, do Ministério Público
E dos poderes constitucionais das unidades da federação,
Pelo exercício dos direitos políticos e segurança interna.
As normas acima descritas constituem
padrões de conduta democrática".

Reconheceu que o ex-presidente, capitão,
"violou ostensivamente os deveres
De presidente da República, inscritos na Constituição";
E condenou "Jair Messias Bolsonaro
pela prática e abuso de poder político
E de uso indevido de meios de comunicação,
nas eleições de 2022".
Logo depois, declarou
"sua inelegibilidade por oito anos seguintes ao pleito".

Após a condenação, dou na Folha uma olhadela,
E nela está em relevo:
“A fatura da devastação chegará em parcelas”.

Um resumo dos ataques à República merece atenção:
“Demolição das políticas públicas,
A negligência como método de governo,
O incentivo à selvageria,
A corrosão da democracia e o
Envenenamento institucional”.

Em agosto — mês do pleno gosto —
Do ano de dois mil e vinte e três,
O escândalo das joias sauditas fica claro,
Tendo por maestro o processadíssimo Bolsonaro.

Livre para empreender suas jornadas,
A PF descobriu uma organização criminosa,
Na qual Jair envolveu até as Forças Armadas.

Jornais estampam rostos de militares,
— Cuja reputação voou pelos ares —,
Quando o messias os converteu em bandidos,
Para desviar ouro da Presidência,
Vendê-lo nos Estados Unidos
E se apropriarem da verba, com assaz indecência.

Deus, Pátria e Família virou, sarcasticamente,
A Operação Lucas 12:2, com tudo que veio depois...

Jair — o presidente cru — fica aturdido
Diante da ordem do TCU
Para devolver o kit de joias ilegalmente vendido.

Às pressas, seus asseclas voam a Miami,
Para recomprarem o Rolex e as demais peças,
E a verdade vai surgindo, sem que eles a professem...

Vejo Hélio Schwartsman escrever para nós,
Em *Invulneráveis à realidade*, a verdade de que

"Bolsonaro não era muito católico
(nem evangélico) no trato da coisa púbica:
Wall do Açaí, rachadinhas familiares,
cheques do Queiroz,
intermediações na compra de vacinas,
corrupção no MEC e, é claro, as joias".

O método policial é asfixiar primeiro a camarilha,
Para depois chegar no chefe da quadrilha...

Então eu lembro daqueles que, por Jair,
Deram altos gritos;
Que perderam cargos,
Mandatos e amigos pelo falso mito;
Que rezaram, brigaram, deram-lhe dinheiro,
E agora se veem defronte de um reles quadrilheiro.
É a força da crença, despida de necessária sapiência...

Parte do entorno desse estranho animal
Já dorme no sistema prisional.

Tantíssimos crimes cometeu Jair
Que muito ainda a PF está a perquirir;
De vários criminosos cercou-se o grande mal,
Qu'eles vivem a agonia de ter seus celulares
Apreendidos e vasculhados pela Polícia Federal.

Só com o causídico do messias
Quatro aparelhos estão sendo periciados estes dias.

Provas e mais provas vão surgindo,
E fortalecem os autos que esclarecem o grande mal.

A prova mais temida pelos seguidores de Jair
Surge quando o ajudante de ordens, Mauro Cid,
Decide delatar, o que fará toda a verdade eclodir.

Detalhes dela inda não sabemos,
Pois corre em sigilo;
Esperamos que venha a galope,

Trazendo tudo sobre as vacinas,
As joias e a tentativa de golpe.

Os tontos de Jair já têm clara suas penalidades:
Mais de mil serão beneficiados com Acordo de
Não-persecução Penal, cuja pena é pagar
Multa ou prestar serviços as comunidades.

É que esses nos atos tiveram discreto papel,
Não invadiram os três Poderes,
— Comportaram-se como outros seres —
E ficaram acampados na porta do quartel.

Já os tais "patriotas" do insano militar
Receberão uma pena exemplar:
Muito tempo na cadeia vão ficar,
E Messias algum vai poder os ajudar.

O primeiro julgamento teve início
No dia 13 de setembro de 2023;
São réus nesse processo
Aécio Lúcio e outros três.

O relator — Ministro Alexandre de Moraes —
Proferiu ontem seu voto coeso;
Explicou que esses são os primeiros
Por se tratar de réus presos.

Ressaltou estar diante de crimes multitudinários,
— Praticado por bolsonaristas vários —,
Que pleiteavam intervenção militar,
Para um governo legitimamente eleito derrubar.

Nesses crimes coletivos, praticados por multidão,
Despiciendo é descrever condutas individuais,
Bastando constar nos anais,
Que todos desejaram aquela conclusão.

Citou que a denúncia estruturou a acusação
Em quatro núcleos ou momentos:

Os instigadores, as autoridades omissas,
Os financiadores dos eventos,
E os executores.

Pesa sobre o quarteto processado
A grave acusação de associação criminosa,
Golpe de Estado,
Abolição violenta do Estado Democrático,
Dano qualificado,
E deterioração do patrimônio tombado.

E prova contra os incautos enriquecem os autos:
Vídeos por eles mesmos produzidos,
Perícias, filmagens do que foi destruído,
Mensagens de texto, áudios
E testemunhas do contexto.

Moraes profere seu voto definitivo,
Decidindo o caso de Aécio Lúcio Costa,
E assim fixa a pena a ele imposta:
Condenação a dezessete anos de prisão,
Mais pagamento de multa e de dano moral coletivo,
Este fixado em trinta milhões de reais.

O segundo réu a PF identifica
Usando Inteligência Artificial:
Colheu o padrão facial
De Thiago de Assis Mathar
E mandou a máquina comparar
Com imagens de vândalos captadas.

O modelo vai encontrando sua face desordeira,
Que ora usava máscara,
Ora cobria-se com a bandeira.

Capta o defensor de Bolsonaro
Subindo a rampa do Planalto,
Em prática de crime multitudinário.

Na destruição da coisa pública,
A IA colhe Thiago saindo do gabinete
Da Presidência da República.

Confessa apoio à intervenção das Forças Armadas,
E tem sua pena abrandada
Porque nada postou nas redes sociais
Nem incentivou outros mais.

A mais de doze anos de reclusão é condenado,
E na lista dos culpados seu nome será lançado...

O terceiro autor do ato falho
É Mateus Lima de Carvalho.
Associou-se a outros da quadrilha,
E ficou dias acampado em Brasília.

Rumou para praça dos Três Poderes,
Portando uma arma branca — um canivete —
Que a polícia flagrou, entre seus haveres.
Da perícia feita em seu celular,
Os áudios trocados com a esposa
Estavam todos lá.
Aflita, vendo pela TV, ela diz:
“Aqui está mostrando na televisão
As pessoas já quebrando as coisas.
Isso não pode, porque isso é vandalismo”.

Mas Thiago está possuído do messias,
E tomado por fantasias:
“Que que não pode? É pra quebrar,
Pra dar desordem, para o Exército vir, Mô.
Acabou pacificamente, não existe isso.
Eles estão quebrando. Tem quadro que vale milhões.
É vândalo, é vândalo mesmo. Acabou pacífico.
Melhor nóis (sic) quebrar tudo agora
Do que eles tomarem o país.
Não vai em mídia, não.” (Sic)

Receosa do tom e da ocasião:
— Eu entendi mais ou menos.
Não entendi muito bem, não.
Mas tá bom.

Mateus juntou-se a Aécio Pereira,
— Ambos condenados a dezessete anos de prisão —,
Penas que nenhum capitão (ou messias)
Pode livrá-los dessa fogueira.

Com algumas variações,
Assim serão as condenações
Desse núcleo de Executores,
Que legou ao mundo inteiro
O nefasto Oito de Janeiro

O ministro Alexandre tem aquiescência da maioria,
Em especial da presidenta da Corte,
De quem eu ressalto esta sabedoria:
*"O 8 de Janeiro de 2023 não foi mesmo*
*um domingo no parque;*
*foi um domingo de devastação.*

*O dia da infâmia,*
*como designo e designarei sempre.*
*Um domingo de devastação do patrimônio*
*físico e cultural do povo brasileiro.*

*Uma devastação que foi perpetrada por uma turba,*
*em total desprezo pela coisa pública.*

*Invadiu os prédios históricos da praça dos Três Poderes,*
*coração da capital do nosso país.*
*E destruiu o que encontrou pela frente;*
*fato inédito, sim, no que diz com esta Suprema Corte,*
*nos seus quase duzentos anos de existência,*
*considerados, como eu sempre relembro,*
*os períodos de Império e da República.*

*Quem entrou neste prédio aqui,*
*do Supremo Tribunal Federal,*
*duas horas depois da invasão,*
*totalmente às escuras,*
*já na noite do dia 8, e eu o fiz,*
*junto com o ministro Luís Roberto Barroso,*
*e logo após com a companhia do ministro Dias Toffoli,*
*e também com nosso secretário-geral da presidência*
*e tantos outros, portanto quem o fez sabe*
*do que eu estou a falar;*

*Sabe do horror que nós encontramos aqui:*
*um prédio inundado, o chão coberto*
*pelos estilhaços das vidraças,*
*vestígio de fogo ateado em vários locais,*
*como o gabinete da presidência, por exemplo,*
*equipamentos destruídos, lustres pelo chão,*
*vandalismo generalizado, um cenário de horror.*

*Nem os elevadores resistiram à violência;*
*tiveram portas arrancadas, dobradas.*

*Neste Plenário devastado,*
*as bancadas estavam todas arrancadas;*
*aqui havia uma montanha de cadeiras atiradas,*
*na nossa frente; crucifixo arrancado;*
*foi encontrado no jardim;*
*Aqui atrás havia um pé-de-cabra avantajado.*

*Perfeitamente caracterizado, portanto,*
*na minha visão, um crime multitudinário,*
*que por definição envolve justamente*
*esses delitos praticados em contexto de massa,*
*com a participação difusa*
*de grande quantidade de pessoas.*

*Aqui eu recorro à lição de Anibal Bruno,*
*quando ele diz que em tais casos*
*forma-se por assim dizer uma*
*"alma nova, que se não é a simples soma*

*das almas que a constitui,*
*mas sobretudo o que nelas existe*
*de subterrâneo e primário.*

*De fato, prossigo eu,*
*estudos de psicologia criminal e de criminologia forense*
*têm indicado que nesses contextos,*
*que podemos dizer de uma esquizofrenia coletiva,*
*em que os freios morais de cada indivíduo*
*se dissolvem no furor irracional da massa,*
*todos os componentes da multidão convertem-se*
*em um único sujeito, de existência transitória,*
*movido por desígnio criminoso comum e indivisível.*

*E esse ser único, afirma Lebom,*
*subordina-se à lei da unidade mental das multidões.*

*Cada um dos presentes da coletividade criminosa,*
*que de alguma forma concorreu dolosamente*
*para o resultado comumente pretendido,*
*deverá responder, sim, pelo fato unitário consumado,*
*ainda que com a pena eventualmente atenuada,*
*de acordo com as suas circunstâncias.*
*Essa é a lição que se colhe da doutrina.*
*Essa é a lição que se reflete na jurisprudência.*

*Não se pode desconhecer nem minimizar*
*o incalculável poder antissocial e desagregador,*
*emergente de multidões inflamadas*
*pelo ódio e pela cólera.*

*As agregações humanas,*
*que foram imbuídas de propósitos tirânicos,*
*podem conduzir, sim,*
*como nos revelam as lições da História,*
*ao aniquilamento do Estado de Direito,*
*degradado em tais episódios à indigna condição*
*de pavimentador do ambiente institucional*
*que deu margem a tantos e tantos*
*regimes autocráticos e ditatoriais.*

*Acho importante ter presente o alerta de Alaô Leite*
*e Adriano Teixeira para quem a democracia*
*que permanece indiferente aos ataques,*
*flerta com a própria ruína.*

*Esses eminentes penalistas relembram,*
*a respeito do tema,*
*a emblemática frase de Joseph Goebbels:*
*"Sempre será um dos aspectos*
*mais risíveis da democracia*
*o fato dela própria ter disponibilizado*
*aos seus inimigos mortais*
*os meios com os quais ela seria aniquilada".*

*E eu lembro aqui especificamente, mutatis mutandis,*
*quanto à tolerância da advertência de Karl Poper,*
*quanto ao paradoxo da tolerância.*

*Defende Poper na sua obra Sociedade Aberta*
*e seus Inimigos que uma sociedade tolerante*
*deve ser intolerante a toda intolerância,*
*pois a tolerância ilimitada*
*leva ao desaparecimento da tolerância;*
*Se estendermos a tolerância ilimitada,*
*mesmo aos intolerantes,*
*e se não estivermos preparados para defender*
*a sociedade tolerante do assalto da intolerância,*
*então, nós, os tolerantes, seríamos destruídos,*
*e a tolerância, conosco.*

*Não se pode, repito, cerrar os olhos*
*aos delitos perpetrados pelas multidões,*
*máxime quando voltados à ruptura do Estado de Direito*
*e do regime democrático, como eu entendo,*
*com a devida vênia de posições contrárias,*
*se verifica na hipótese destes autos.*

*Dito isso, e quanto ao caso concreto,*
*— por que está em julgamento o senhor*

*Aécio Lúcio Costa Pereira —,*
*eu trago voto escrito que juntarei aos autos,*
*e me reporto integralmente*
*ao voto brilhante do eminente relator;*
*Eu o subscrevo integralmente.*

*Apenas relembro que o conjunto probatório robusto,*
*trazido aos autos, assegura que ele incorreu, sim,*
*nas figuras típicas que*
*a ele foram imputadas na denúncia.*

*Em brevíssima síntese, repito,*
*do meu voto, que vou juntar aos autos,*
*eu digo comprovado pelo teor do seu interrogatório,*
*pelos depoimentos das testemunhas arroladas*
*pelo Ministério Púbico,*
*pelos vídeos que tivemos ocasião de rever,*
*pelas conclusões do interventor federal*
*e por outros elementos informativos*
*dos que integravam o grupo*
*autodenominado de patriotas,*
*que buscava, em claro atentado à democracia*
*e ao Estado de Direito,*
*a realização de um golpe de estado,*
*com decretação de intervenção federal.*

*E que como participante e integrante*
*das caravanas que estavam nos acampamentos,*
*defronte aos quarteis,*
*primeiro estava ele em São Paulo,*
*depois aqui em Brasília,*
*e aqui em Brasília, naquele final de semana,*
*e (foi) invasor de prédios públicos na*
*praça dos Três Poderes*
*— no caso específico*
*foi do Congresso Nacional, o Senado —,*
*e tentou com essa turba, repito,*
*com esse tipo de conduta, tentou abolir*
*o Estado Democrático de Direito,*
*tudo para depor um governo legitimamente eleito,*

*sobre uma narrativa de ilegitimidade de resultados eleitorais.*
*É como voto.*

O Oito de Janeiro parece coisa do além.
Num voto, o decano da Suprema Corte indaga:
*— Faltou alguém?*

E esse alguém — ou melhor, alguéns —
O relatório de uma CPI povoa,
No qual a relatora Eliziane Gama
Pede indiciamento de 61 pessoas.

Em mais de 1.300 páginas,
Jair e seu entorno aparecem em detalhes,
Estando ali as patentes de general, coronel,
Major, almirante, assessor especial,
Tenente-coronel, Policial Federal,
Empresário etc e tal.
São listados os financiadores dos atos do opróbio,
Os influenciadores daqueles horrores,
E até os integrantes do gabinete do ódio.
Disse a relatora, com claro brasileirismo que
*"O 8 de janeiro é obra do que*
*chamamos de bolsonarismo".*

Atribuiu os atos golpistas à omissão do Exército,
Nestes termos, no relatório insertos:
*"O Oito de Janeiro é resultado*
*Da omissão do Exército em desmobilizar*
*acampamentos ilegais que reivindicavam*
*intervenção militar;*
*da ambiguidade das manifestações*
*e notas oficiais das Forças Armadas,*
*que terminavam por encorajar os manifestantes,*
*ao se recusarem a condenar explicitamente os atos*
*que atentavam contra o Estado Democrático de Direito;*
*e de ameaças veladas à independência dos Poderes".*

Ao focar na responsabilidade de militares
Das forças armadas e da polícia Militar

do Distrito Federal,
Ela asseverou de modo certeiro:
A "omissão de militares diante de movimentos
de cunho golpista levaram aos ataques de 8 de janeiro".

Sugeriu o indiciamento, além do ex-presidente,
De 29 militares — da ativa e da reserva —
das Forças Armadas e da PM do Distrito Federal.

A peça histórica atrela os ataques de janeiro
A estes eventos, que se tornaram corriqueiros:
— Politizações em instituições de segurança;
— Minuta de decreto de golpe;
— Manifestações em rodovias nacionais;
— Ataques à sede da PF e ao aeroporto de Brasília,
em dez/2022.

Especificamente a respeito de Jair,
Foi precisa ao anotar que Bolsonaro
"tem responsabilidade direta, como mentor moral,
por grande parte dos ataques perpetrados
a todas as figuras republicanas
que impusessem qualquer tipo de empecilho
à sua empreitada golpista".

E, em relação aos ministros de Jair,
a relatora afirma que eles aderiram
"subjetivamente às condutas criminosas
de Jair Messias Bolsonaro
e demais indivíduos em seu entorno,
colaborando decisivamente para o desfecho
dos atos do dia 8 de janeiro de 2023".

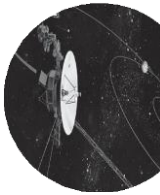
De Jair, pediu indiciamento por 4 crimes:
Golpe de Estado, associação criminosa,
Tentativa de abolição
Violenta do Estado Democrático de Direito
E emprego de medidas para impedir
O livre exercício dos direitos políticos,
Cujas penas, somadas, podem chegar a 29 anos.

Para Anderson Torres, requereu igual condenação.
E para os generais Augusto Heleno,
Luiz Eduardo Ramos,
Paulo Sérgio Nogueira e outros da agremiação,
Postulou condenação de 23 anos.

A passagem do capitão pelo Planalto
Abriu uma ferida na democracia nacional,
E esta só não caiu na anarquia total
Por força do ministro Alexandre de Moraes,
E doutros, do Supremo Tribunal.

Chegada a data de 8 de janeiro de 2024,
As instituições se reúnem
No Salão Negro do Congresso
E celebram da democracia o sucesso,
Em evento intitulado Democracia Inabalada.

Textos e mais textos são escritos,
E entre os mais importantes ditos
Está um, do ministro Barroso,
Sob a epígrafe *Um dia para não esquecer:*
"De tudo o que vi e ouvi,
Um fato me causou especial abalo.
Um policial judicial do Supremo me descreveu que,
Após marretadas na parede
E arremesso de móveis e de objetos,
Muitos dos invasores se ajoelhavam no chão
E rezavam fervorosamente. De onde, Deus do céu,
Poderá ter saído essa combinação implausível
De religiosidade com ódio, violência
E desrespeito ao próximo?
Que descontrole espiritual pode ser esse
Que não é capaz de mínima distinção
Entre o bem e o mal,
Entre o estado de natureza e a civilização?
Que tipo de inspiração terá empurrado essa pessoas
Numa ribanceira moral?"



A corda já envolve a jugular de
Centenas de tolos de Jair,
Que resolveram cair na armadilha
Desse falso messias,
E, por isso, vão sofrer por muitos e muitos dias...

Quando acesso jornais de fevereiro de 2024,
A imprensa informa um total de mais de cem condenados
Pelo Supremo Tribunal Federal.

No primeiro niver da infâmia do Brasil,
Um balanço apresentou esta conta,
Pelos danos causados por aquela gente tonta:
STF, R$ 12 milhões;
Câmara, R$ 2,7 milhões;
Senado, R$ 1,3 milhão;
Palácio do Planalto, R$ 297 mil.
No Supremo, por atos daqueles possuídos,
951 itens foram furtados, quebrados
Ou completamente destruídos.

Nos demais Poderes, aqueles criminosos seres
Danificaram carpetes, cortinas e tapeçarias,
Além de estátuas, estatuetas, telas e galerias.

Mesas, cadeiras, bancadas e lustres
Entraram na lista de tais criaturas,
Que destruíram vasos, telefones e pinturas.

Mas não só, precisavam atingir muito mais:
Então destruíram relógio, vidraças, painéis,
Tampos de mármore e mídias digitais.

Sistemas elétricos,
Hidráulicos e paredes não escaparam
E uniram-se a computadores e elevadores,
No insano show de horrores.

A caminho da condenação
Está a cúpula da PM do Distrito Federal

Que dolosamente se omitiu,
E parte daquele mal permitiu.

É no dia 8 de fevereiro
Que o Poder Judiciário brasileiro
Se defronta com os autores intelectuais
Do golpe armado em 8 de janeiro.

A PF colhe elementos de convicção,
E a PGR, em seu produtivo combate,
Pede para Morais autorizar a operação
*Tempus Veritatis.*

No bojo do pedido feito ao Grande Jurista,
Um vídeo de uma reunião ministerial
Mostra todo o "arranjo da dinâmica golpista".

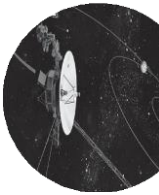
A gravação dormia no computador
Do tenente-coronel Mauro Cid,
Então ajudante de ordens malfeitor.

Ao centro da mesa está o capitão, sentado,
Gerenciando a longa reunião
Do fracassado golpe tentado.

A ordem do mal é divulgar a mentirosa tônica
De existência de fraude nas urnas eletrônicas,
E semear *fake news* sobre o processo eleitoral.

Nas 135 páginas da decisão de efeito,
Alexandre vê comprovada a materialidade dos crimes
De tentativa de golpe de Estado e tentativa
De abolição do Estado Democrático de Direito.

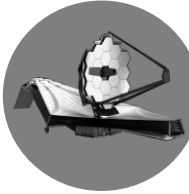
Esse vídeo somado ao decreto golpista,
Lavrado pelo pior dos presidentes do Brasil,
Já nos dá a certeza de que esse cidadão vil
Será o condenado zero um dessa vasta lista.



Uma avaliação perfeita do que é um Brasil
Sob as armas do capitão é feita por Arnaldo Bloch,
Na Folha de 19.fev.2024:

“Um país com Jair Bolsonaro (PL)
é um país de ruptura institucional,
de desconstrução das garantias do cidadão,
de estímulo às armas. Um país necrófilo,
miliciano, desdenhoso da natureza
e dos povos nativos, de caráter golpista,
de negacionismo da ciência. Um país mitômano,
perverso, homofóbico, sexista, paranoico,
adepto da perseguição às minorias,
da estética e do ideário nazifascistas”.

Vejo que a Jair vinte anos de cárcere o aguardam,
Mas como a prisão desse messias tropeiro
Está muito além da hora,
Eu é que preciso ir embora,
Deixando a sós esse maldito Oito de Janeiro.



# Quadra infame de eventos

## c) Guerra na Ucrânia

O terceiro evento histórico
Põe o mundo todo a cismar:
Nasce na manhã de 24.fev.2022,
Quando a Rússia invade a Ucrânia,
E o temor a mais medrar
É a Terceira Guerra começar.

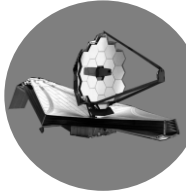
Desarmado e fora da OTAN,
O país invadido sofre bombardeio inclemente,
Obrigando seu líder a socorrer-se do Ocidente.

O terror se instala no solo irmão.
Mísseis atingem casas, escolas, hospitais,
E vão destruindo a indefesa Nação.

Putin quer de Kiev a soberania,
Tornando-a parte de Moscou,
Mas Kiev um grito enorme soa
E quase o mundo inteiro a auxilia.

Amigos de Zelensky o ajudam a reagir,
E dão-lhe armas e treinam soldados
Pra ele enfrentar a guerra de Vladimir.

São múltiplas guerras numa só:
A de informação, cuja "vítima primeira é a verdade";
A cibernética, com seus ataques digitais,
Que paralisam os sistemas mundiais;
A econômica, que aplica sanções as mais enérgicas
E abalam a pátria desalmada.



Do sanduíche às reservas estratégicas
A Rússia vai sendo cancelada.

Apesar disso, a destruição prossegue:
Kharkov, Kharkiv e Irpin
Parecem ter o mesmo fim,
Que alcança Luhansk e Donestki.

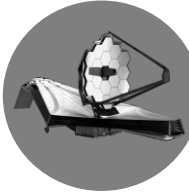
Um revoar brutal de armas inteligentes
Rasga os céus ucranianos
E semeia terror a toda gente.

Drones russos, de todo o tipo (armas potentes),
Inclusive os camicases, surgem, vorazes,
Derramando sangue de inocentes.

Desde o funerário 1945
Não se viam tantos refugiados
Em busca de um corredor humanitário.
O russo iracundo e autoritário
Quer mais terra do que tem,
Mais poder do que possui,
Menos democracia para o mundo.

E para o globo mandar pelos ares
Possui o gélido Putin
Poderoso sistema de mísseis,
Eficazes satélites militares,
E uma frota robusta de aviões,
Submarinos e ogivas nucleares.

Daqui a pouco, um único louco,
N'algum lugar deste planeta
Destruirá todos nós,
Num surto implacável de veneta...
O Ocidente a frágil Ucrânia acode,
E ela vai resistindo à fúria russa
De vencer a guerra num sacode.



Em maio.2022,
Zelensky já manuseia robusto arsenal,
E obriga Putin descer do seu pedestal.

Passado um semestre, a guerra não escalou.
Kiev das mãos russas fugiu
E fê-lo porque o Ocidente ajudou.

Feita de novo grandiosa,
A OTAN avança em socorro ucraniano,
E a ela envia mais armas poderosas.

Três armamentos fundamentais surgem
Para anunciarem aos russos seus funerais,
Aí inclusos diversos generais:
Um míssil guiado, antitanque — o Javelin —
Impelido do ombro de um único soldado,
A colunas de tanques russos põe fim.

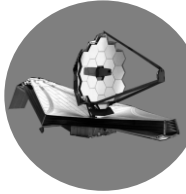
Um sistema de armas de precisão — o HIMARS —
Montado sobre um caminhão,
Arremessa ogivas orientadas por GPS,
Atingindo o moral russo, que não arrefece.

Os drones bayraktar TB2,
— Veículos aéreos não tripulados —
Despejam mísseis, foguetes e bombas,
E fazem a morte abraçar muitos soldados.

Eis que nasce o sol de 2023,
A guerra segue, mês a mês,
E eu sigo esse jogo de xadrez.

Leio análises de gente entendida,
Que diz estar a guerra energética de Putin
Para a Europa indiscutivelmente perdida.

A receita do gás russo caiu de modo ímpar,
Enquanto seus vizinhos se enriquecem
De energia totalmente limpa.



Um general americano,
Aponta de Moscou várias erradas:
Desacertos no recrutamento, treinamento,
No comando e no uso de equipamentos,
Além de falhas em usar armas combinadas.

A guerra reúne uma tecnologia de manchete;
Smartphones por toda a parte, conectados à internet;
Sistema avançados de inteligência,
Vigilância e reconhecimento,
Capazes de tudo explodir a qualquer momento.
Artefatos não tripulados, eficientes,
Atuando no ar, terra e mar,
Prontos para tudo ver e aniquilar.

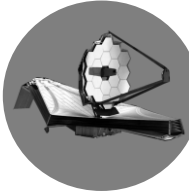
A OTAN e a América armam a Ucrânia
Com seus melhores tanques,
Armas qu'ela nunca tivera antes.

O bilionário Elon Musk para Kiev enviou seu Starlink
E manteve abertas as comunicações ucranianas,
A salvo de qualquer destruição putiniana.

Satélites aéreos comerciais,
Atentos ao campo de batalha,
Veem tudo o que o inimigo faz.

Pobres soldados, na escuridão das trincheiras,
Vistos inteiros das alturas,
Deixavam de ser criaturas,
Ao explodir de bombas certeiras.

A defesa aérea na Ucrânia é implantada,
Mísseis e drones russos são no ar explodidos,
E a moral de Putin vai sendo arruinada,
Mas ele não desiste.
Na posse do território alheio insiste
E mantém seu dedo em riste.



Amplos recursos ocidentais
São à Ucrânia enviados,
E sanções econômicas e pessoais
Mantêm os russos pressionados.

Centenas de empresas estrangeiras
Do solo russo se retiram,
E sem darem um só tiro
Na batalha influenciam.

Diz o general que o fim da guerra ocorrerá
Quando Putin a reconhecer insustentável,
Tanto no campo de batalha quanto no próprio lar,
Dando azo a uma resolução negociável.
Há um ano exato do início da invasão,
Não houve a grande explosão,
E esperamos qu'ela não aconteça, não.

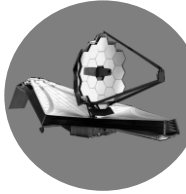
Em Kherson, uma barragem,
Sob controle russo é estourada,
E a cidade de Nova Kakhovka é alagada;
Aldeias são destruídas, terras agrícolas, inundadas,
Energia e água potável, interrompidas,
Muitas mortes, provocadas.

Em junho o grupo de mercenário, Wagner, se rebela,
E Putin tem na lapela uma gravíssima crise política,
Sendo obrigado a lidar com ela.

Em coletividades do Telegram vejo vídeos de blindados,
Nas ruas de Moscou e de Rostov-do-Don enfileirados,
Todos bem armados.

Esse grupo é uma empresa militar privada,
Por Putin contratada, desde 2014,
Quando a Criméia foi anexada.

Mas o autoritário de Moscou,
Com ajuda do irmanado, de Belarus,



Faz um acordo com o Wagner
E o motim é controlado.

Devia saber o líder Prigozhin que
O destino dos Wagners estava selado;
Embarcada a cúpula num Embraer,
Putin mostra como a democracia na Rússia é.

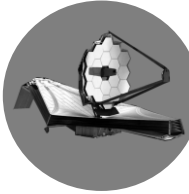
Uma explosão ocorre num avião,
E este dos céus despenca com dez passageiros;
A queda é filmada e vista no mundo inteiro.
A alma tirana dá a Prigozhin o mesmo fim
Que deu a dois Boris, dois Alexander
Uma Anna, um Sergei e um Navalny.
Apertar de Putin a mão assassina
É contaminar-se de carnificina.

A OTAN dorme com a Ucrânia,
Treina seus guerreiros,
E armas e mais armas lhe envia,
Toda mês, toda hora, o dia inteiro.

Para destruir mísseis de cruzeiro,
Drones camicases, helicópteros e aviões russos
Remete-lhe um sistema eficaz de defesa aérea,
Montado sobre chassis de caminhões,
E pilotado por um comandante,
Um condutor e um artilheiro.

Sofisticados drones — as libélulas dos horrores —
Provaram nessa guerra serem devastadores.
De múltiplos feitios e para fins diversos,
Os drones reconhecem e se tornam perversos.

O Bayraktar foi o primeiro a despontar
Como arma apta aos russos enfrentar.
Depois a própria Ucrânia passou a produzir
Drones capazes de Moscou atingir.



O Bober, o R18 e o RPV, além de destrutivos,
Mandam recados objetivos,
Fazendo os russos verem que a guerra
Chega rápido na imensa terra.

Além de todo o embargo econômico sofrido,
A Rússia vê a Ucrânia armando-se até o dentes,
Com a ajuda dos amigos do Ocidente.

O show de armas fatais ganha mais ritmo
E a Ucrânia já usa drones marítimos.

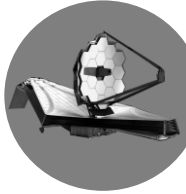
Putin — que imaginou vitória com rapidez —
A esta altura de setembro de 2023,
Sente que não vai ganhar a guerra,
E ameaça explodir toda a Terra.

O fim do ano chega com a Rússia
Ocupando um quinto do território ucraniano.

O comércio com a China e com a Índia
Mantêm a economia russa em boa medida,
E ela se mantém firme nas terras invadidas.

Vozes, venerandas vozes, vivem a vociferar,
Em seus literalismos,
Que esse conflito geopolítico,
Travado entre democracias e autoritarismo,
Não tem hora para acabar.

Eu, que preciso este livro concluir,
Deixo de esse conflito aqui narrar,
E volto-me para esta obra terminar.



# Quadra infame de eventos

## d) Israel x Hamas

Em outubro de 2023,
Um quarto evento infame tem vez.

Era um sábado, dia sete.
Sem dar a menor manchete,
— De modo violento e cruel —
O Hamas acorda Israel,
E, com extremo rancor,
Deflagra-lhe um ataque devastador.

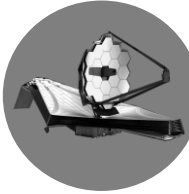
Usando explosivos e tratores,
Mil e quinhentos terroristas notórios
Infiltram-se em 8 pontos do território,
E vão distribuindo seus horrores.

Abastecem drones de explosivos,
E mandam pelos ares torres de vigilância
E veículos militares.

Paramotores sobrevoam a cerca fronteiriça,
E rumam para fazer a maior das injustiças.

Contra o solo judeu,
Arremessa milhares de foguetes
Mostrando o real desejo seu...

Vinte e dois lugares são invadidos.
Um dos primeiros agredidos é Netiv HaAsara,
Onde matam quinze cidadãos,
E seguem mostrando quem são.



Comunidades vizinhas da cerca, violada,
Sofrem as primeiras maldades:
Nahal Oz tem dez assassinados;
Em Kissufim, oito chegam ao fim;
Em Holit, onze já não gritam,
E vão se juntar aos cinco de Re'im.

Para que esse mal ainda cresça,
Uma camionete é filmada em Sderot,
Repleta da morte, que veste preto
E tem uma faixa branca na cabeça;

Abrem fogo em quantos podem atirar,
E mais vinte corpos esperam o sepultar,
Na estrada e nas ruas do lugar.

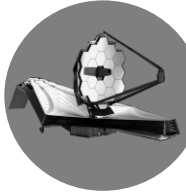
No Kibutz de Be'eri, a selvageria medeia,
Destroem, matam e incendeiam;
Cento e oito vidas não verão mais
A luz do Sol, que a todos clareia.

Cerca de 1.100 pessoas ali tinham morada.
Dias depois, a TV mostra a vila devastada,
Somente por militares ocupada.

A violência ficou nas paredes das casas,
Nos tetos e nos telhados,
E o interior das residências foi todo revirado.

Dois enormes buracos na parede
Mostram que foguetes foram utilizados.

O fim atroz chega cedo
A dezenas doutras vilas rurais
— que morrem de medo.
Um ato de extrema maldade,
É praticando no Kibutz Nir Oz;
Atiram granadas numa casa,
E a incendeiam completamente,
Carbonizando os corpos de uma avó



E de sua neta, inocente.
Noya contava 12 anos de idade.

No Universo Paralello,
Evento musical, organizado por brasileiros,
Milhares de jovens formam elos,
Sem notar a morte a cavaleiro...

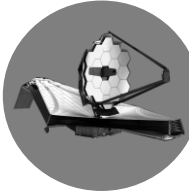
O Hamas ali aparece motorizado,
Portando bombas e metralhadoras,
Executa duzentas e sessenta pessoas,
No pior ataque que em Israel ressoa,
Desde tempos mui afastados.

Toda a gente se desespera com o ato selvagem,
E alguns correm para a mata ao lado;
Dentr'eles está Carla, que envia esta mensagem:
"Vieram os terroristas, jogaram bombas.
A gente saiu correndo. Eu tô aqui no meio do mato
Com outras duas pessoas e o Gabriel.
E com medo de alguém vir matar a gente".
Karla Stelzer e seu namorado Gabriel
Têm um fim inclemente...

Bruna Valeanu
— que a mãe pediu para não ir à festa —
Corre para um bunker, junto com amigos,
Mas não se salva do perigo:
Aparece encolhida no chão, em morte manifesta.

Os brasileiros Ranani Glazer e Karla Mendes
Também dão adeus ao Brasil e a seus sonhos...

Os banheiros químicos são metralhados.
Há mais de 260 corpos pelo local espalhados.
Rafaell Zimerman é um rapaz de sorte:
Finge-se de morto
— esparramando-se sobre corpos — ,
Sofre alguns cortes, mas sobreviveu ao Hamas.



Um vídeo mostra em dado momento
Carros parados pelo agrupamento;
Alguns jovens tentam fugir do Hamas
Mas o grupo cruel abre fogo,
E crava de bala o veículo inteiro
Em que estava Gavriel Barel,
Israelense, filho de brasileiro.

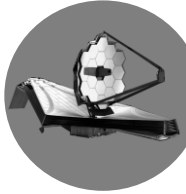
"Seu corpo foi totalmente dilacerado
E queimado junto com seu melhor amigo,
Que estava a seu lado no carro.
E o carro foi totalmente perfurado
E destruído com balas de grosso calibre
E carbonizado", disse o pai.

O Harakat Al-Muqawama Al-Islamiyya
Faz mais de uma centena de reféns
E muitas crianças e mulheres
Mandou para o além.

Tel Aviv acorda, toca suas sirenes
Ativa seu domo de ferro
E dá os primeiros berros.

Telas de TV e de celulares,
Notadamente as do Telegram,
Enchem-se de imagens espetaculares,
Que exibem os ataques invulgares.

Vemos mísseis riscarem o firmamento
E antimisséis perseguirem o tormento
Até a explosão do mau intento.
Os que passam pelo domo de ferro
O alvo israelense não erra,
E fazem surgir uma declaração de guerra.
Traçando no espaço riscos brancos,
Mísseis chegam a Gaza,
E todos daquela casa
Veem o mundo vir a abaixo.



A destruição a tudo alcança,
Atingindo prédios residenciais,
Campos de refugiados e hospitais.

Gaza fica sem gás, água e energia,
E é cercada por Israel,
Que dá 24 horas para civis
Deixarem aquela agonia.

O mundo inteiro fica aflito
Incerto de como vai acabar esse conflito...
E se essa guerra escalar?
E se a outra também prosseguir?
E se mais alguma surgir,
Como vamos ficar?

O caos instalado obriga multidão
A retornar a seus países,
E lotam voos de repatriação.

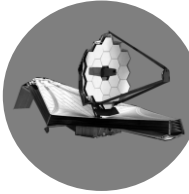
Israel convoca trezentos mil combatentes
Para cercar e invadir a Faixa,
Além de aniquilar a liderança do Hamas
E resgatar reféns, que'la pode não verá nunca mais...

Única rota terrestre de fuga, desse conflito,
É pelo posto de Rafah, no Egito.

Uma semana após os atos matutinos,
Seis mil bombas Israel lançou em Gaza,
Matando 1.900, no lado palestino.

Documentos em mãos de terroristas mortos,
Imagens de câmeras e relatos de sobreviventes
Provam o planejamento da ação vil,
Cujo propósito era só matar e sequestrar civis.

Intelectuais debatem a proporcionalidade
Da resposta israelense,



E indagam se a nação não se iguala ao Hamas
Ao atingir civis, como aquele o faz.

Dizem que reconhecer apenas
O direito de defesa de Tel Aviv
E omitir a autodeterminação dos palestinos
É um juízo injusto, leonino.

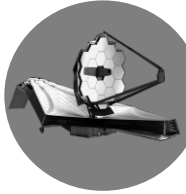
Gaza está em ruínas — como nunca estiveram antes —
Com seus mais de dois milhões de habitantes.

Apoiando o Hamas há nação poderosa,
E ela não pode rabiscar a fatal prosa
Que faria o conflito escalar.

Leio que o Irã ameaça empregar no conflito
O 'eixo da resistência', uma confluência
De grupos e milícias no Afeganistão, do Líbano,
Da Síria, do Iêmen e do Paquistão.

Israel já está a caminho para invadir o local,
Mais sangue molhará ruas e túneis,
E todos nós nos sentimos muito mal...

Quando dou este livro por terminado,
É fevereiro de 2024 o tempo chegado.
Israel já domina da guerra o teatro,
Encontra e destrói a imensa rede de túneis
Que é pelo Hamas diariamente usada.
A estatística da carnificina soma mais de trinta mil
Mortos, a maioria habitante da Palestina.
Longa será mais essa ânsia de matar.
Triste, muito triste é esse evento infame,
Que mais sangue humano receio que se derrame,
Nas terras em que vivem dizendo *"Allahu Akbar"...*



# Reinado infinito

O pior dos cânceres desta pátria inteirinha
Aqui se alastra desde os tempos de Caminha:
São os quinhentos anos de corrupção,
Que corroem os pilares desta grande nação.

O incômodo secular dessa doença
Alevanta do túmulo Cícero, com sua impaciência:
*Quousque tandem abutere, (corruptio), nostra patientia?*

Gerações vão, novas vêm,
E cada sala de aula
Muitas futuras saúvas têm...

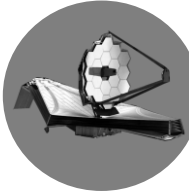
A escolaridade não tem sido barreira
Para a gatunagem que assola
A raça brasileira.

Do que exatamente é feito o *gen* imoral
Que nos impede de jogar o jogo
Sempre de modo legal?
Parece compor-se de IDADE:
Oportunidade, desonestidade e impunidade.

Em todos os poderes a corrupção é um ser vivo,
Ativando-se mais no Executivo e no Legislativo.

O ninho mais vulgar das infecções
Faz morada no lar do Executivo,
Bem no seio das licitações.

No Legislativo,
Para obterem sujas pratas aos milhares,
Valem-se de rachadinhas e de emendas parlamentares.



No Judiciário, é menor a incidência dela;
Gestam-na fechando as janelas...

Transcorridos cinco séculos
Maculando-nos a beleza,
A corrupção se tornou nosso
Gigante pela própria natureza.

Cada vez que o país realiza eleições,
A dinheirama eleitoral contamina
Incontáveis corações.

Do chão de terra ao melhor granito,
O reinando dela parece infinito...

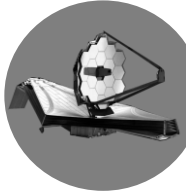
Do meu Arari criativo ressalto dois feitos,
Gestados no colo do Executivo:
Um deles é a maior suspeição de malfeitos,
Que tramita no Judiciário, para apreciação do Direito.

O que o PJE mostra são duas ações penais,
Ajuizadas pelo Ministério Público,
Fazendo a muitos graves acusações formais.

A causa de pedir central
É a ideação governamental
De fazer uma grande licitação,
A fim de alugar veículos que a
Empresa vencedora não possuía, não.

O líder bateu à porta de cada secretaria para
Os subordinados dizerem quantos carros queriam;
Os nomeados assinaram os requerimentos,
E homologados foram aqueles intentos.

Os dois pregões presenciais
— Assim tombados nos anais: 014/2014 e 004/2016 —
Selaram-se em dois contratos que, juntos,
Somavam mais de cinco milhões de reais.



Esses milhões todos para serem gastos
Com locação de veículos automotores,
Em um Município mui pouco vasto...

Mas a armação fora descoberta,
E denunciados foram o prefeito, a turma da licitação,
Os Secretários de Obras, de Saúde e de Administração,
Além do da Assistência Social, de Abastecimento
E de Educação.

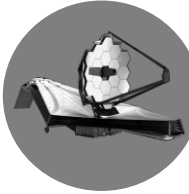
A esse ajuntamento de ocasião não podia faltar
Os dois empresários da combinação.

Por conta do fórum privilegiado do prefeito de então,
As ações penais iniciaram-se no Tribunal de Justiça
Do Maranhão.
Findo o mandato do tal gestor,
Os processos desceram ao primeiro grau,
Onde tramitam em lentidão normal.

Estou em jun.2024,
Vendo as duas ações penais
Seguirem seus trâmites virtuais,
E indago-me: — Alguém será condenado?
Eis a futura questão,
Cuja solução estará nestes autos:
(0002394.97.2018.8.10.0000,
0002242.15.2019.8.10.0070).

Noutro acesso judicial, acho-me diante
De um processo impressionante,
Que ganhou o número adiante:
(0000256.44.2018.8.10.0070)

Arari fez um convênio com o Bradesco,
Assinando o contrato no dia 27/7/2017,
Para o banco emprestar dinheiro a servidores.
Centenas de funcionários assinam os consignados
E os valores são em suas contas creditados.



O convênio obriga Arari a repassar ao banco
Cada parcela do empréstimo contratado,
Tão logo o pagamento haja sido efetuado.

Mas não é isso que acontece.
O dinheiro é retirado do contracheque do servidor
Mas não é repassado ao banco emprestador.

O Bradesco cobra e notifica o gabinete do prefeito,
Alertando-o de que o malfeito caracteriza
"Crime de improbidade administrativa e estaria
Configurada a apropriação indevida do Código Penal",
Mas o repasse não lhe é feito.

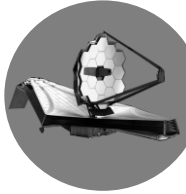
De nada sabem os servidores,
Os quais imaginam estarem adimplentes,
Já que o débito lhes é feito regularmente.

Meses se passam sem resolução
E o Bradesco ajuíza ação em abril.2018.
Nos autos, o banco dá a conhecer de suas dores:

"Não há dúvida sobre a apropriação indébita dos valores
Descontado da folha dos servidores".

Pede tutela provisória de urgência
E sua Excelência a defere em outubro de 2020,
Para o Município de Arari "proceder ao imediato
Depósito dos valores descontados
Nos vencimentos dos servidores".

Dezoito meses depois de o contrato assinar,
O prefeito autoriza a conta 5084-9 debitar,
Mas três questões notáveis ficam às escuras:
1) Por que Arari passou
Dezoito meses recebendo os valores,
Sem repassar ao banco a fortuna
Tirada de centenas de servidores?
2) Para qual conta enviava a quantia mensal,
Que, somada, nos dezoito meses,



Dá um valor monumental?
3) A conta debitada é do FPM,
O real pagador dos empréstimos?

Tais questões os autos não respondem,
Cabendo à Câmara de Vereadores de Arari,
Na sua obrigação de fiscalizar,
Perquirir onde as prestações foram parar.

No instante final desta assentada, — jun.2024 —
Não há sentença prolatada no processo,
E tal *decisum* teria de acionar o Parquet
Para investigações requerer,
E só depois iniciar ação penal.

Decerto é tarde demais,
E esse caso ficará impune
Descansando na mais injusta paz.

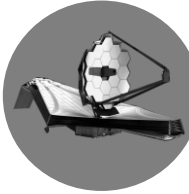
Razão ao Bradesco assiste,
Em pedir o prosseguimento do processo,
Por que pretende receber vultoso benefício,
A título de honorários advocatícios.

O pagamento de tal verba sairá dos cofres públicos,
Mas o prejuízo fora causado pelo gabinete do prefeito,
Responsável por esse espantoso mal-feito.

O reinado da corrupção só é infinito
Porque contra ele não é dado o devido grito
Por todos quantos poderiam contra ele gritar.

Uns entram no serviço público e na política
Para servirem a si e não à pátria,
O que me faz assim imitar camões:

*Vários anos de mandato, Jacó filho da Nação,*
*Servia a si, não servia a ela, não!*
*Servia em verdade à corrupção,*
*Que só a ela por prêmio pretendia.*



# Senhor das vindas e idas

Em tantos balanços que na vida faço,
As páginas cheias que virei no tempo
Foram escritas ao lume do meu passo-a-passo.

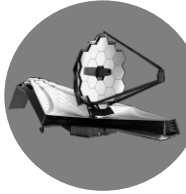
Nestes jogos olímpicos do cotidiano,
Já corri meus cem metros rasos;
Após quarenta anos de muito-caso
Posso dar à rotina meu pleno descaso.

Caminho pelo último quadrante da vida,
E neste espaço de brisas sublimes
Serei o senhor das minhas vindas e idas.

O tempo é dedicado a tudo que é amado.
E a grande alegria destes anos bem resolvidos
É biografar o próprio campo florido,
É estar junto dos entes mais queridos,
É fazer as leituras que foram esquecidas.

Resolver do mundo o problema da fome,
Construir a paz entre palestinos e judeus
Não povoa mais os sonhos meus.

Essa gente que corre desde manhazinha,
Que quer progredir até explodir,
Não terá mais a companhia minha.
O mundo apreciado é aquel'outro,
Indubitavelmente mais amado...



# Quase escuras noites eternas...

É n'último mês de mil novecentos e sessenta e um
Que respiro e choro pela primeira vez.
A estas horas, em que teço estes versos,
Vivo o ano de dois mil e vinte e dois,
Incerto de quantas translações me virão depois.

Estar aqui, entre os vivos deste planeta,
É tanto sorte quanto bravura
Desta improvável criatura.

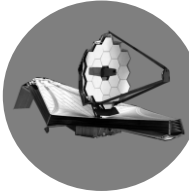
Das mãos da morte libertei-me em mais de um aporte,
E tais graves eventos ora revejo,
Como vitórias dos sérios ensejos.

Lá no princípio do meu verbo poderias,
Ó tempo-eterno,
Ter-me imposto a tua hora,
Quando, nos primeiros anos de vida,
Me enviaste vermes, diarreias,
Sezão, sarampo e catapora.

Estava eu no meio do mato,
Nascido pelas mãos de uma parteira,
Num lar sem água potável,
À luz de um candeeiro.

Cabia-me reagir bravamente
Contra as investidas das noites eternas,
Que me queriam levar precocemente...

Nos anos 1970, no Mearim,
Bem ao fundo da minha morada,



(Sem ainda saber nadar),
Escorreguei num peral
E ao tentar desesperadamente respirar,
Três poderosos goles d'água
Deram início ao meu afogar.

Ao invés de os pulmões encherem de ar,
Quem os enchiam eram largos sorvos d'água,
Engolidos desesperadamente
Na ânsia aguda por respirar.

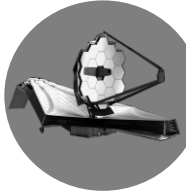
Que sensação desesperadora
É morrer daquele jeito,
Sem o ar vital vir ao peito...!

Mas uma mão amiga, por sorte,
Pelos cabelos puxou-me,
E livrou-me daquela cruel quase-morte.

Ali, naquela hora ruim,
Toda a história da minha vida ia ficando
Nas águas barrentas do Mearim...

Inda poderias ter-me apagado a luz,
Tempo remoto, irmão da noite,
Quando, por três vezes, em 1988,
Fizeste-me dormir ao "volante" da minha moto.

Amanhecido da festa do Vagalume,
Na Pinheiro, de José Sarney,
Logo da festa a estrada peguei,
A caminho de São João Batista,
Lugar de morada e labor deste autor.
Na longa via semideserta,
Numa bravura para manter-me alerta,
Travei insano litígio contra o sono,
Que por pouco não corta o fio dos meus verdes anos.



Pés de algodões, na margem crescidos,
Inclinados para a estrada,
Acordavam-me quando a moto quase descia.

Um superespanto despertava-me e, tempestivamente,
Conseguia manter da Honda o controle.
Parava, descia e gritava palavras de descontrole,
Para o sono espantar, inutilmente.

Por volta de quinze minutos depois,
O sono de mim se apossava,
A moto para a esquerda inclinava,
E a planta novamente me salvava.

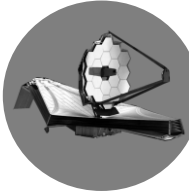
Na terceira vez, a uns 60km/h,
Mais esforço fiz para continuar alerta,
E até hoje guardo a impressão
De ter dormido na moto, de olhos abertos...

Nessa perigosa caminhada,
Raramente veículos por mim cruzavam;
E sempre que a moto a BR deixava,
Saía para a esquerda e não para a direita,
Para o meio da estrada.

Chego na república são e salvo, da jornada idiota.
Na porta largo a moto — ligada —, e na cama me atiro,
Para me livrar do martírio.

Dominici, amigo-irmão, põe a Honda para dentro,
E dos pés me tira as botas.

Noutra vez, em tempos de outrora,
Na BR-135, de Arari para São Luís,
Ao ultrapassar uma Toyota,
O asfalto subitamente vai embora,
E surge um solto piçarral,
Pronto para fazer eu me dar muito mal.



Exato quando cai na piçarra solta,
A moto dança por uma eternidade,
E eu bravamente consigo mantê-la em pé,
Numa repentina habilidade,
Que veio de um lugar qualquer.

Um susto potente e uma perícia afloram
Para livrarem-me do acidente,
Estando eu a mais de 100km/h.

O risco de morte fora ali um lembrete
Para alguém que não usava capacete...

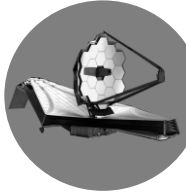
Era noite quando me veio outro açoite.
Montando um cavalo desembestado,
Percorri nove quilômetros,
— Da raposa à cidade de São João —
Tendo abandonado amigos no porto,
Dentre eles Zé Manoel, do Capão.

Esquecido das esporas nos pés,
Cravava-as no arisco animal,
Que feito louco corria, corria
Até cansar, bufar e marchar.

Só nós dois, eu e o cavalo,
Vivemos aquela singular aventura,
Movida por altos níveis de bebida pura.

Diante de mim e do corcel em alerta,
Havia uma estrada inteiramente escura,
Uma via completamente deserta,
Um chão feito de terra dura...

Por vários momentos, um grave bufado
Juntava-se ao pocotó, pocotó, pocotó,
Mas do mamífero eu não tinha dó
E nele corria, sem vê-lo cansado.



No silêncio da hora embriagada,
Eu via o céu estrelado correr comigo,
No dorso daquele animal alado,
Posto em galope cerrado.

Chego à cidade horas depois,
Percorro a Humberto de Campos,
E já de frente para a praça, à vista de tantos,
O cavalo escorrega e caímos os dois.

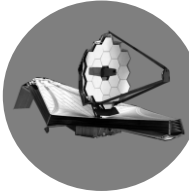
Dele tomo as rédeas, monto novamente,
E chego ao lar residente.
Achando que pusera fim à aventura insana.
Atiro-me na cama.

Algo inesperado inda aconteceria:
Os amigos deixados para trás,
Preocupados com meu sumiço,
Procuram-me por toda a luarada
Até chegarem, já pela madrugada,
Na casa onde eu dormia.

E para vingarem-se da minha ação
— De haver deles sumido sem atenção —,
Naquela noite mesma ordenam-me
Para com eles voltarem à fazenda Capão.

Montando outro animal,
A doze quilômetros da Fazenda,
Caindo de sono eu voltei,
Numa ressaca estupenda.

No longo percurso, de vez em vez,
Zé Manoel e outro meu nome chamavam,
Para manter-me n'alguma lucidez.
Chegado, dormido, amanhecido e ressacado,
Tinha eu de à república regressar,
Para, no dia seguinte, trabalhar.
No dorso do arisco Faísca, retornei.



No caminho, sozinho, sob torturante cavalgar,
O estômago fez-se moinho,
E do cavalo desci, para vomitar.

Agachado, com a corda do animal na mão,
Eu vomitava o nada que comera...
E o cavalo a tudo assistia, com muita atenção.

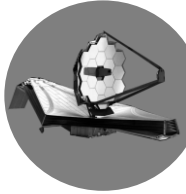
Naquele momento, de vasto sofrimento,
Fui obrigado a seriamente refletir
Para o consumo de álcool da minha vida banir.

Esgotado, tento no cavalo montar,
Mas era hábito dele a isso recusar.
Enfim montei, tomei o destino da vez,
E fiz a mais longa viagem que um ressacado já fez.
Afinal, eram doze quilômetros a distância, de volta,
A serem percorridos sem uma única escolta...

Outra quase-morte me bate à porta quando,
Ao fechar meu caixa, no Banco do Brasil,
Já por volta das seis da tarde
Ele acusa uma diferença hostil.
Identificada, meu supervisor se manifesta, ligeiro:
— Pagaste em dobro o empréstimo agrícola de
Alípio Bispo Corrêa. Vai amanhã na casa dele
Buscar o dinheiro. Sai de madrugada.
O itinerário do povoado
Está no envelope de fiscalização anotado.

Noite mal dormida...
Acordo por volta das quatro da manhã,
Pego a moto e nela dou partida.

São João Batista está deserta,
Pelo escuro da madrugada inda coberta;
Logo estou na praça (hoje, de Eventos)
Que registrou muitos dos meus momentos,
Nos três anos que entre joaninos vivi.



Na praça, vi de perto os olhos escuros, de Jade,
E as reluzentes íris verdes, de Raíza,
Ambas notáveis graças da cidade.

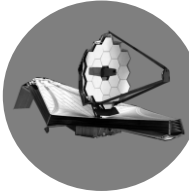
Um poema a Raíza dedicado,
— Nascido na casa do finado Salico —,
Constou no livrinho *Antologia Poética*,
Pela AABB-Recife organizado, em 1988:

*Há um pensamento solto nas folhas,*
*Por entre as árvores do meu quintal.*
*Embalam-me,*
*No equidistante,*
*As folhas errantes,*
*Que a copa irreverente das árvores*
*Jogou para o espaço.*
*A folha amarela que caiu na lagoa*
*Não sabia que eu amava Raíza.*
*Embala-me Raíza*
*Com seu perfume de flor selvagem.*
*Embala-me o pensamento solto,*
*Por entre as folhas,*
*Que Raíza pintou com a cor verde*
*Dos seus olhos.*

Dois fatos divertidos em minha memória inda despontam
Ocorridos na citada residência, qu'eu tomava conta,
A pedido do locador, Gilson Silvério,
Gerente do Banco do Brasil, que saíra de férias.

Era noite já adulta
Quando escuto um barulho intermitente,
Que empurrava a janela levemente;
Espanto-me, da cama levanto, pego o rifle do chefe,
E fico a dois passos do barulho recorrente.

Sozinho na jornada,
Vagarosamente vou abrindo a janela,
E fico bem diante de uma cabeça parada,



Com o rifle mirado no rumo dela:
Era um cavalo que coçava a cara na janela.

Noutra lembrança qu'inda me faz sorri,
Estávamos na cama do gerente eu e adulta Leidi,
Quando um grito rompe o silêncio da fazendinha:
— Ê, Leidiane.
— É mamãe, é mamãe. E agora?
— Pula a janela e vai embora.

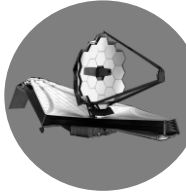
Leidiane atira-se na carreira,
Enquanto eu vou atender dona Faceira,
Na porta de entrada.
Da sala, vejo-a inteira, em pé,
Portando toda a certeza da sua fé.
Fico bem longe dela, parado e ela dispara:
— Cadê Leidiane?
— Não tá aqui, não.
— Não tá?
— Não, senhora. A senhora querendo, pode entrar.

Uma eternidade se passa, ela de lá me olhando,
E um alívio toma conta de mim
Ao vê-la, enfim, a casa retornando...

Retomo minha viagem na motocicleta,
Percorro a mais longa rua de São João,
E a moto vai tremendo sobre os tijolos no chão.

Depois desse calçamento,
A estrada é de barro e esburacada,
Obrigando uma viagem em ritmo lento.
Após treze quilômetros chego à vila Bom Viver,
E tomo caminho que aponta para São Bento.

A MA-014 está asfaltada, mas não sinalizada.
Nada de semáforos, faixas ou placas luminosas.
Só a luz da moto rompe a escuridão perigosa.



Saio da estrada, já em São Vicente Férrer,
Dobro na entrada que o itinerário apura,
Faço uma curva um tanto fechada
E dou de cara com uma manada de búfalos
— Com animais em pé e deitados —
Ao longo da curva, toda escura.

Já no meio deles,
Vou de cada um desviando,
Com o coração quase parando.

De um que estava em pé
Passo riscando-lhe o nariz,
E nele não bato por um triz.

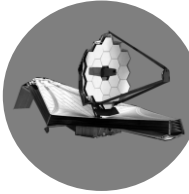
A lanterna da moto os encandeou
E contra mim nenhum deles avançou,
Naquele dia de quase escura noite eterna.

Por volta das seis da manhã
Chego na casa de Alípio.
Da porta dou um grito
E ele me recebe de modo anfitriã.

Estranha minha visita, e manda-me entrar.
Convida-me para um café preto tomar,
E com farinha o tomamos.

Falo da diferença, ele diz:
— É, siô, achei estranho, mas pensei que tava(sic) certo.
O dinheiro está todo aqui, neste envelope,
Ainda nem foi aberto.

Eu recolho a parte a mais e sigo para trás,
Lembrando que, se caísse no meio daqueles animais,
Poderia nada ter escrito, nunca mais...
Chego ao povoado Bom Viver,
E um dos mais difíceis acesso até São João
Começo a percorrer.



Não havia asfalto; era tudo um frágil chão
Que, no inverno, impunha sofrimento a todos,
Sem exceção.

Uma viagem surreal, sem chatice,
A fiz com meu amigo Dominici.
Era noite escura e chovia...
O tanto à frente que eu via
Vinha da pouca luz da minha moto.
Os céus disparam um relâmpago
E a uns cinquenta metros eu noto
Meu amigo rompendo o lamaçal.

Não fôssemos nós jovens e sonhadores
Não teríamos coragem de romper
Aqueles dias tão desafiadores.

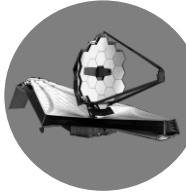
Mais perigos querem levar-me...
Passo por duas experiências terríveis
Que querem retirar-me deste nível
E se juntam para meu pleno desar-me.

Rasgaram-me o peito e aplicaram-me nocaute
O par maligno da depressão e da burnout.

Advogado outrora de plantão,
— De vida mui estressante —
Vivia agora algo preocupante:
Exaustão física e mental
A impedir o exercício da profissão.

Eu, que julgava advogar até o fim da vida,
Não conseguia mais dar partida
Em ações para ajuizar.

Estava esgotado, sem do trabalho ter mais sede.
Porém eu comigo arduamente lutava
E meu corpo ao escritório empurrava,
Mas ele só queria ficar no fundo da rede...



Percebia claramente um peso invisível, muito pesado,
Sobre o meu corpo todo estirado.
Nunca me sentira assim,
Sem forças para levantar e ir regar
As flores do nosso jardim.

Leio que a síndrome de burnout
É o cálice profissional transposto
Pelo excesso de conteúdo nele impiedosamente posto;
Ela abate e acovarda quem espancou a emoção,
Sem ter de si a devida compaixão...

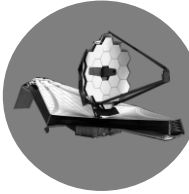
Essa inusitada doença derrotante
Anexada àquel'outra — a depressão —
Causaram-me dor intensa, repetida,
E fizeram-me sangrar a mente e o coração.
Era mais uma experiência dolorosa
Que me atingia, de forma impiedosa.

Enquanto uma amarrava-me as digitais e os pés,
A outra chicoteava-me a alma
Até lágrimas formarem igarapés.

Nas crises, era eu tomado por
Uma fragilidade vibrante,
Um desinteresse reinante,
Uma insônia constante
E uma angústia mental torturante.

Era entre quatro paredes
Que meu mundo vinha ao chão;
Era nesse espaço de solidão
Qu'eu sofria em meu degredo.

Meus olhos eram dois botões vermelhos,
Alagados de pranto,
Que jogavam na face dois canais de lágrimas,
Que eu via, chorando, escorrerem no espelho...



Ao ver-me naquele estado depressivo,
Eu morria de pena de mim mesmo,
Por haver perdido meu bem-estar subjetivo.

Por estar “nas bordas abissais
Desse profundo fosso doloroso,
Que acolhia os ecos dos meus infinitos ais”,
Num diário eu anotava do meu infortúnio o caminho,
Imaginando entendê-lo, para vencê-lo sozinho:
“DpB presentes, das 8h às 12h”;
“Choro vem de repente”;
“Tentei dormir, não conseguir”.

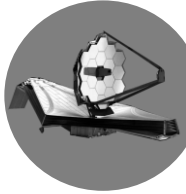
“15h30min: crise intensa agora...
Lágrimas jorrando”;

O homem à porta, que adorava sorrir e brincar,
Agora quase não podia nem se levantar;
Tudo o que via, via em cores mortas.
Estava claro qu’eu perdia o jogo,
E minh’alma, em gravetos, pegava fogo...

“Lilian marcou psiquiatra para terça-feira,
7h30min, dia 27/10. Dr. Hamilton Rapaso”

A fragilidade era tão grande que,
Se de alguém eu ouvisse uma admoestação,
O choro viria sem hesitação.
É que ninguém entendia exatamente
A dor do meu coração.

Então, meu tio-avô, sem entender minha textura
Manda-me um áudio com palavras ásperas e duras.
Ouço-o ao lado de Lilian, e desabo em choro,
Ante aquela inoportuna investidura.
Escrevo no diário:
“11h. Crise, por ter ouvido um áudio
grosseiro do meu tio-avô”;
“Sei que ele não entende o que eu passo”.



Noutro momento, em melhor condição,
Realizo pesquisas, que me dizem:
“Serotonina baixa causa baixa autoestima,
Depressão, irritação”.

“27.10: Fui ao psiquiatra.
Diagnosticou que tenho depressão leve.
Receitou cloridrato de fluoxetina. Tomei”

Uma semana depois dessa atitude,
Saio de crise e vou recuperando a saúde.

“31.10: Estamos indo para Arari. Viagem muito boa.
Voltamos 18h30h. Fui e voltei dirigindo.”

Meus sentidos e avaliações foram afetados,
Razão por que precisava redobrar comigo
Os próprios cuidados.

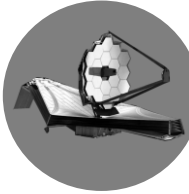
Decaíram-me o equilíbrio no fazer,
No apreciar e no julgar.
Minhas tomadas de decisões
Ficam repleta de hesitações.

Meses passam, a vida ao normal recomeça a voltar,
E eu lamento minha demora em o psiquiatra consultar.

Três meses depois, acreditando no autoajuste do corpo,
Eu suspendo toda a medicação
E fico a ele dando atenção.

Nenhuma crise mais por mim trafega.
Nenhuma lágrima por minha face navega.
Meu organismo reage bem
E eu volto a viver como convém...

Volto a ver a cor azul do céu
E as núvens que nele viajam ao léu,
Da mesma forma como as via antes:
Coloridas, cheias de vida e vibrantes.



Chegam-me aos ouvidos, de modo natural,
Os belos poemas escritos pelo vento ao balançar
Os galhos das árvores do nosso quintal.

Retomo nas mãos livros impressos,
No teclado, deixo as digitais destes versos,
Mas sou obrigado a outro plano de voo dar partida,
Plano aqui esboçado em “Senhor das Vindas e Idas”.

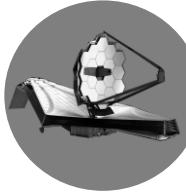
Cicatrizado pelo exponencial conjunto da obra,
É imperioso efetuar tais manobras
Em prol da saúde física e mental.

Dentre as marcas deixadas pelo viver singular,
— e que as sinto constantes —
Percebo-me intolerante para ser, estar e ficar
Como ficava, como estava e era antes.
Nunca cogitei o suicídio,
Mas um dia pensei em morrer:
Numa noite, deitado para dormir,
Sentindo todo aquele mal me afligir,
Desejei que meu coração parasse de bater.

Ele deu de ombros ao meu desejo
E segue vibrante em meu peito,
Tocando dias, cheio de arpejos.

Passo a perceber nitidamente
A enorme diferença do meu cérebro desolado,
Para este outro, nivelado, feliz, contente.

Já faz alguns anos que me recuperei daquela agonia,
E tal percepção aparece bem sempre qu’estou envolto
Em alegria, paz, silêncio e harmonia.
Então eu entendo, sem meios termos,
O que significa alguém estar assim enfermo...



A agonia mental, quando se apodera da gente
— E é algo persistente —
Exige-nos a força dos seres mais valentes...

Em revista a essas quase-mortes
Vejo a imensa ventura que tive d'inda vivo estar,
Para parte das minhas histórias contar.

Dezenas de amigos não tiveram a sorte
De tantas vezes vencer a morte,
E partiram precocemente.

Pesaroso, a eles dediquei um poema
— A Próxima Nota de Pesar —
No qual há muito deveria eu estar...:

*Que amigo, tão cedo, constará*
*Na próxima nota de pesar?*

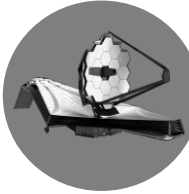
*Como dói ler as que li,*
*Noticiando partidas de filhos de Arari,*
*Entre eles as de Totó Vale, Bogéa Jr,*
*Júnior Boy e a do filho de Almir!*

*Assim foram-se deste mundo*
*Vaguinho, Aristea, Zé Francisco,*
*Seu Di, Edmilson e Zé Raimundo.*

*Deixaram saudade Tonvá, Heider, Jesiel,*
*Jovino, Perrone e Zé Andrade.*

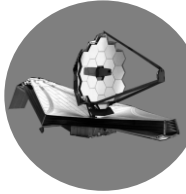
*É mesmo de dar dó morrer como morreram*
*Ana Dulce, Joseildo, Jinha,*
*Humberto, Edson Pires e Cocó.*

*Não andarão mais pela praça Nonato de Zélia,*
*Rivelino, Zezinho, Washington, Chico,*
*Zé Campos e Da Graça.*



*Foi dolorosa a ladainha*
*Que anunciou os ocasos de Newton,*
*Sílvio, Paulo César e Terezinha.*

*O próximo, da nota de pesar,*
*Poderá ser eu, ou ser você.*
*Quando ela aparecer,*
*Algum amigo haverá de lamentar...*



# O mau-tempo

Em meio às nossas horas vivas e mortas,
O mau-tempo sempre nos baterá à porta.
Ora surgirá para nos ofender a sorte,
Ora virá para nos trazer a morte.

Sem respeitar sabedorias nem propriedades,
O mau-tempo cumprimenta todas as idades.

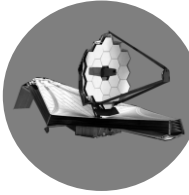
O pior dos tempos ruins é aquele
Que vem para nos levar,
Quando ainda queríamos ficar...

Essa ardente fogueira — esse tempo que desplanta —,
A qual nos queimará a páginas tantas,
Acende-me para reverenciar Bandeira,
Deste jeito, desta maneira.

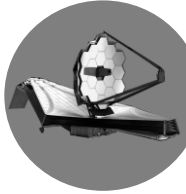
Quando a inevitável das gentes chegar
(Não sei se hoje ou amanhã),
Que venha veloz, fulminante,
Sem nem tempo eu ter de medrar.

Sorrir ou chorar?
Dizer alô ao doutor?
Não. Nada disso, senhor.
A vida foi de frescura,
E a noite escura poderá descer,
Sem que me faça sofrer.

Outros campos irão brotar;
Novas regras serão impostas;
Outra gente viverá na casa;
Diferentes mesas serão postas.



Chegada a minha gente indesejável,
Digam-lhe que a recebo satisfeito,
— E que a ela venci em vários feitos! —
Exceto no derradeiro, inevitável...



# Ecos da Baixada Maranhense

Em noite de céu formoso, estrelado,
Fiz parte de um luminoso evento literário,
No qual o livro *Ecos da Baixada* foi lançado.

Na obra, solenes crônicas e versos ecoaram
Em um fervilhante novembro noturno,
E para sempre em nossos olhos ficaram.

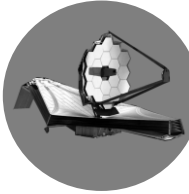
Um brado desta humílima pena ecoou
E a outros belos textos no compêndio vigorou:

*Deslumbra-se a Baixada Maranhense*
*Em vasta paisagem de sol e de chuva*
*E nela escreve a sua singular epopeia.*

*Sob um dezembro ofegante*
*Ou debaixo de um abril lacrimoso,*
*A Região ecológica enamora golfo,*
*Serpenteia lagos, abraça rios,*
*Revigora campos e luta pela vida.*

*Útero de tanta gente*
*— geradora de santos e santa —,*
*A Baixada é mãe de Helena,*
*De Bento,*
*De João Batista*
*E de Vicente Ferrer.*

*Como todas as mães seculares,*
*Perfilhou gentes até o corpo fatigar,*
*E dezenas de filhos*



*Ainda lhe escaparam do ventre:*
*Nasceram as belas Viana, Vitória,*
*Olinda e Palmeirândia,*
*Que se irmanaram às formosas Conceição,*
*Anajatuba, Matinha e Penalva,*
*Todas de excelsa Bela Vista.*

*E como a descendência baixadeira*
*Não se podia compor só de princesas,*
*Eis que das suas entranhas regionais*
*Irromperam rebentos varonis,*
*Crismados de Pinheiro, Peri-Mirim, Monção e Cajari,*
*Este último de perfeita rima com o ribeirinho Arari.*

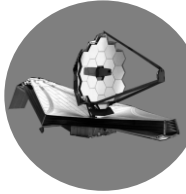
*E para não rimar com mais irmãos*
*E serem a singularidade do todo,*
*Vieram Igarapé do Meio e Pedro do Rosário,*
*Para, à mesa, sentarem-se com Presidente Sarney.*

*Uma bacia hidrográfica*
*— farta de Mearim, Pindaré, Turiaçu e Pericumã —,*
*Plantada bem no seio dessa Planície olímpica,*
*Faz a vida seguir bagrinhos, mandis e jacanãs.*

*Siamesa, outra bacia, lacustre,*
*— servida de Itans, Formoso, Viana e Aquiri —,*
*Lacrimeja curimatás, jandiás e socós,*
*Além de japeçocas, surubins e acaris.*
*E para pescar esse peixe abundante,*
*Há o choque, o caniço e o landruá,*
*A se juntarem à tarrafa, ao espinhel e ao puçá.*

*No quintal baixadeiro,*
*Um cardápio de galinhas e patos avizinha-se*
*De suínos, bovinos e caprinos,*
*Espalhados pelos vastos campos*
*Dos litigiosos búfalos africanos.*

*Na bela Planície inundada,*
*Sobre aguapés, juncos, mururus e gameleiras*



*Inda paira a memória da luz azul da curacanga,*
*Que assusta até o boi marrequeiro...*

*Se o verão é o pote de barro*
*— que se esvazia e se racha —,*
*O inverno é o copo cheio,*
*Derramado nesse Jardim flutuante,*
*Que seca, e que enche, e que pulsa*
*Na mente, e no corpo da gente...*
*E viva a Baixada!*

No lançar da obra, revoado de alegrias,
O coliseu fartara-se interna e externamente,
E vivera o glamour inusitado dos seus dias.

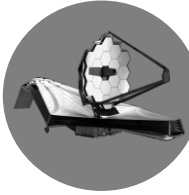
Um saxofone vazava o tempo, o espaço e corações
Soprando seus acordes emoções em toda tez.
Aquela noite teria chegado aos ouvidos de Camões?
Talvez...

Cartazes, microfones e luzes de TV
Iluminavam smokings, sedas e algodões
Ambientados por vozes, gestos e risos de prazer.

Um céu gentil, de estrelas salpicado,
A tudo espiava — bem de cima —,
E pasmava ante a força com a qual se estima
A arte literária de Bilac e de Machado.

Ao soar altivo da trombeta,
Um colar seguro de ledores
Unia-se a outro, de autores,
E canetas poetavam mil autógrafos,
Na memorável noite das letras.

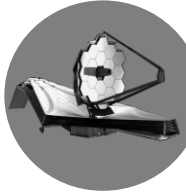
Tempos além, ouvia eu a voz vianense
Da jornalista Tânia Diniz
Dizer o poema nas redes sociais,
Embelezado por paisagens naturais
Do singular pantanal maranhense.



No fluir inteiro de maio de dois mil e vinte e três,
Assisto aos versos anoitecerem sem igual,
Para alunos do prof. Manoel Barros,
Criador dos Diálogos Baixadeiros,
Na Universidade Federal.

Ver que a obra feita transbordara lagos e rios
Anima, em vida, do poeta os próprios brios.

Mas o poeta sabe que
*"Pequeno é meu tributo: ei-lo qual posso,*
*Qual me é dado pagar-vos reverente:*
*Não é o dom opimo do opulento,*
*E sim a escassa of'renda do indigente."*



# Maninha

À revelia minha,
O tempo me obriga viver
A triste história de alguém
Que muito futuro tinha.

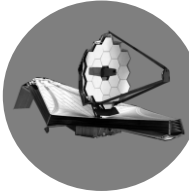
Adolescente, ela chamava a atenção de toda a gente.
Lisos cabelos compridos, ao meio divididos,
Ornavam o corpo esbelto e atraente.

Fardava-se de azul e branco,
Dirigia-se ao largo da matriz
E se reunia às muitas amigas,
Vivendo a vida feliz.

Queria ser médica a jovem linda,
Mas muito cedo foi ser esposa.
E o sonho da medicina
Ficou mesmo pelo caminho.
Depois de alguns momentos,
Também pela estrada ficou
O priorizado casamento.

Então, numa manhã qualquer,
Fui visitar aquela beleza,
E quem a mim se dirige é outra mulher,
De olhos arregalados, seminua e língua presa.
— Maninha, o que aconteceu? Abre a porta.
Não há resposta. Ela adoeceu; está desorientada,
Medrosa, irreconhecível.

— Como é possível?
Seus grandes olhos me fitam,



Mas parecem me desconhecer.
O que é que fez isso acontecer?

Fala algo sem sentido,
E abre a porta com dificuldade extrema.
Está de pés descalços, só de short.
Um arrepio forte percorre-me o corpo,
Diante do desconhecidíssimo problema.
O que, afinal, ela tem?
Vê coisas que nós não vemos;
Fala frases do além.
Não dorme quase nada;
Tem a vida arruinada.

Estamos na década de 1980,
Inda aversos a tratamento oficial.
O diagnóstico que os leigos sustentam
É de grave problema espiritual.

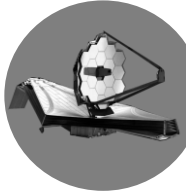
Desesperado eu a levo ao Jardim das Almas.
Uma mesa branca acolhe Maninha,
Que está enlouquecida, sem calma.

De lá voltamos sem uma cura urgente,
Sentindo-nos todos impotentes.

Noutro rumo desesperado,
Não sei por quem indicado,
A levamos a outra mesa branca
Para ser por um *medium* tratada.

Ela não aceita os ritos,
Nem passes, orações ou benzições,
E o diagnóstico dado e que "recebe espíritos".
Sem êxito algum daquelas medidas,
Continuando perturbada e agressiva,
A levamos para o vidente Pedrinho da Silva.

Rezas e pleitos é tudo que é feito,
Concluindo o vidente sofrer a paciente



De sérios encostos espirituais.
E ficamos na mesma, sem avanços reais.

Enfim batemos às portas da psiquiatria.
Conduzimos Maninha para Rui Palhano,
Que diz estar a paciente com esquizofrenia,
E lhe receita fármacos do dia.

A medicação a deixa sem ação,
Com olhos pesados, e mente incurada.

Sem progresso alvissareiro,
Decidimos levá-la ao Rio de Janeiro.
Lila a acompanha no voo,
E entra em desespero quando a irmã desfere
Um tapa no rosto de um passageiro.

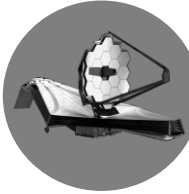
Descem no Galeão
E vão para a clínica Margaridas,
Tentar curar de Maninha suas graves feridas.

Em busca de um tratamento eficaz,
Aplicam-lhe choques elétricos,
E quando Lila vai revê-la
A irmã já não a reconhece mais...

Está sem memória;
Não tem aflição;
Está sem história,
Sumiu-lhe o chão.

Recupera a consciência
E segue carregando a cruz de espinhos,
Que espeta a alma dela
E a de todos do mesmo ninho.

O jovem irmão da paciente,
Morando no Meyer,
Dela faz-se assistente:



— Quando eu saio daqui, meu irmão? Quero ir-embora.
— O médico dirá a hora.

Sem a cura esperada,
A levamos para São Paulo,
Ficando na Clínica Maia internada.

As enormes despesas para refazê-la feliz
Tornam-se insuportáveis.
O jeito é trazê-la de volta para São Luís.

A família, extremada,
Torna-se refém da paciente,
Que rejeita os medicamentos,
E só os toma à força,
Depois de imobilizada.

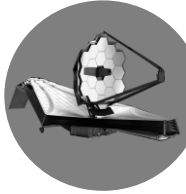
Alucinações lhe são constantes,
Bem como inusitadas superstições.
Um gato preto que passe por perto
A deixa em inexplicável estado de alerta.

Só eu reúno forças para enfrentá-la
Nas crises agudas, daquele estranho mal.
Estar do lado dela era correr risco de agressão,
Física e verbal.

Por vezes, a luta era inevitável,
Para conter chaga tão insofismável...

Numa noite infeliz,
Minha mãe vem a São Luís
E vai com a filha dormir, num apartamento.
Sem remédios (por recusá-los),
E cheia de sofrimento,
Maninha a surpreende com tapas e pontapés,
Deixando todos abalados em suas fés.

A família teme o pior,
E todos acham melhor



Só dormir com Maninha
Se ela estiver medicada.

Injetar-lhe a medicação era um momento do cão.
Tínhamos de imobilizá-la,
E esses momentos nos doía o coração.

A clínica La Ravardière tornou-se caminho regular.
Mui angustiantes as vezes que a tínhamos de internar.
Dr. Hamilton Raposo a atendeu várias vezes nesse lugar.

Dentro do carro era preciso contê-la.
Mesmo amarrada com lençóis,
Vinham agressões contra nós.

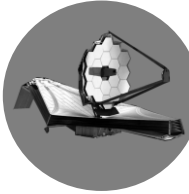
Eu ia atrás atracado com ela,
Enquanto Lila dirigia o veículo.
Naquele cubículo,
Com os pés ela chutava a motorista,
E obrigava-me a mais esforço fazer
Para um acidente não acontecer.

O trajeto tão longo se tornava,
Que o mais curto dos sinais fechado
A todos angustiava...

O estresse da viagem nos consumia a emoção,
E quando à clínica chegávamos,
A ansiedade era para aplicarem logo a medicação.

Mas esta de imediato não fazia efeito.
Como ela continuava enlouquecida,
Era preciso amarrá-la ao leito,
Até que ficasse adormecida.

Numa das vezes, a vejo com mãos e pés amarrados,
A boca amordaçada, olhando-me fixamente,
Com os olhos esbugalhados.



A dolorosa cena outras vezes se repetiria,
E a fortaleza que eu fora um dia
Ia trincando a cada dia...

Aos prantos caí, quando, ao interná-la,
Ela é posta numa ala comum,
Junto com todo tipo de paciente.
Assim qu'ela entra no pátio,
Eles a cercam, e Hamilton os afasta.

Estou sentado num banco, bem em frente.
Não me contenho, deságuo a chorar
E vou embora chorando sem parar.

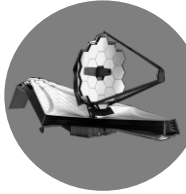
Décadas se passaram,
Novos medicamentos reinam
E um alívio adveio, trazendo-nos
Um pouco de paz ao nosso meio.

Maninha nunca foi curada, mas resiste bravamente,
Sendo por nós acompanhada diariamente.
Sabemos que para sempre se foi a saúde mental
Daquela linda jovem do nosso quintal.

Quando para mim liga, em estado deprimente,
Quer que eu creia nas suas fantásticas estórias,
Forjadas nos labirintos de um cérebro doente.

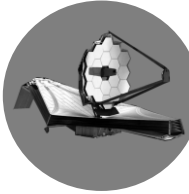
A história é longa, repleta de cenas.
Hoje, quarenta anos passados,
Somos todos ilhas, já disso cansadas,
Colhidos por experiência tão plena.
Maninha navega entre a loucura e a lucidez,
E nós vemos esta última estar em plena escassez.
Até quando suportará essa trágica invalidez?

Impossível a alguém partilhar o lar com Maninha,
Em face dos riscos iminentes,
E da pressão qu'ela exerce para enfiar
Suas loucuras na mente da gente...



Ela vive sozinha, sob a vigília diária
De toda a família.

Há tempos não mais é internada.
Conquistou algum equilíbrio, algum arrego,
Que nos dá um incerto sossego...



# Sessenta anos

Sempre há datas magnas em nossas estações.
A de hoje perfaz a sexta década
Que aqui eu expresso emoções.

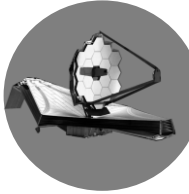
A contar deste aniversário,
Eu integro uma camada social
Que navega n'outro astral:
A dos sexagenários.

Junto-me ao grupo daqueles que olham para trás
E veem uma longa rodovia percorrida.
A estrada que está à frente é bem menor
Do que a que foi vencida.

E por ser assim,
Por ter estado em tanta competição,
Correr para mudar o mundo não é mais uma opção;
Caminhar para melhorá-lo no possível, sim.

Neste 14/12/2021 ocorre-me
Um sentimento de êxito na vida,
Fruto de décadas de intenso torneio:
A ficha-limpa, a superação, o recreio,
A profissão, a renda, a saúde, a habitação,
Irmãos amicíssimos e uma família espetacular,
Tudo isso fez essas seis décadas terem esse rosto singular,
Esse estado de completas, de saudáveis e de festivas.

Consciente do novel tempo que me acolhe,
Sigo fruindo novas estações,
Agora sob o império d'outras emoções...



# O ocaso das flores[2]

Ontem — um dia qualquer —
Colhi uma bela flor
No jardim da minha mulher.

Exuberante, a escol vestia vermelho
E não precisava de nenhum espelho
Para confirmar-se radiante.

Dei-la nas mãos de Lilian,
Minha eterna princesa,
Que, logo de amá-la,
A pôs sobre a mesa.

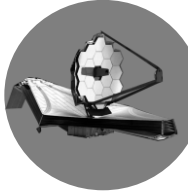
Corrida a noite, o tempo a flor judia,
E ela perde a excelência;
Amanhecera murcha, fria
E sem imanência.

Vê-la assim a alma corta,
E no peito aperta um lamentar, uma dor
Por vê-la desse modo, precocemente morta.

Dei-me com outra flor vivandeira,
Plantada no jardim de Alberto de Oliveira
(Céo, Terra e Mar, de 1930)
E ela portava as cores desta tinta:

*Debruçada nas águas dum regato*
*A flor dizia em vão*
*À corrente, onde bella se mirava...*
*"Ai, não me deixes, não!*

[2] Poema publicado na antologia Prêmio Off Flip 2023 – Poesia.



*Commigo fica ou leva-me contigo*
*Dos mares à amplidão,*
*Límpido ou turvo, te amarei constante;*
*Mas não me deixes, não!"*

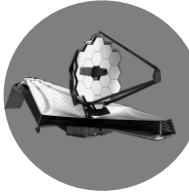
*E a corrente passava; novas águas*
*Após as outras vão;*
*E a flor sempre a dizer curva na fonte:*
*"Ai, não me deixes, não!"*

*E das águas que fogem incessantes*
*À eterna seccessão*
*Dizia sempre a flor, e sempre embalde*
*"Ai, não me deixes, não!"*

*Por fim desfallecida e a côr murchada,*
*Quasi a lamber o chão,*
*Buscava inda a corrente por dizer-lhe*
*Que a não deixasse, não.*

*A corrente impiedosa a flor enleia,*
*Leva-a do seu torrão;*
*A afundar-se dizia a pobrezinha:*
*"Não me deixaste, não!".*
*(Gonçalves Dias).*

Feitas para tão breves trajetórias,
Inda assim as flores nos deixam
Um muito das suas histórias...



# Não é não![3]

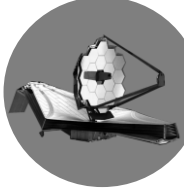
O jardim florido que você tem para mim,
Eu gentilmente o dispenso;
Ele é suspenso e lindo pra você,
Não para mim.

Do seu ídolo,
— Por quem tanto chora —
Dele não desejo um aperto de mão.

Tampouco disponho de tempo
Para dar-lhe atenção.
Quem o adora é você. Eu, não.

Esta minha recusa é do fundo do coração,
E eu preciso muito que você entenda
Que não é não!

[3] Poema publicado na pág. 33 da antologia *As Batidas de um Coração Partido*, da Editora Invicta.



# Tempo de crença e de descrença

E sigo amontoando experiências
Desta vez no reino das crenças...

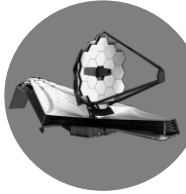
A infusão religiosa coercitiva,
Que da Palavra emanou,
Muito cedo me alcançou.

Minha devotíssima mãe
Ao me pôr para dormir
Obrigava-me a longas rezas,
Qu'eu repetia sem inquirir.

Um pedaço cruel duma oração
Inda povoa a mente deste outrora subalterno:
*"Ó meu Jesus, perdoai-nos,*
*Livrai-nos do fogo do inferno.*
*Levai todas as almas para o céu*
*E socorrei principalmente as que*
*Mais precisarem".*

Na matriz arariense,
Raro era o domingo em que lá eu não fosse visto
Atentamente ouvindo a palavra de Jesus Cristo.

Um dia, na cerimônia do Lava-pés,
Eu era um dos fiéis, que o padre Brandt
Limpou os pés.
Mas... nem em sonhos ou divãs imaginaria eu,
Ó tempo-libertação,
Aquilo que farias comigo no tema religião!...



Em 1978 — impregnado de Cristo —,
Fui estudar no Colégio Marista.
Ali, defrontava-me, pela primeira vez,
Com gente que via religião como mera embriaguez.

Numa das missas — na igrejinha dos cristãos —,
Um colega irritou-se com o senta-levanta,
Do *Orai, irmãos,*
E baixinho ele disse: — Que chatice!
Ao lado dele, volvi-lhe os olhos
E comigo reputei o dito de extrema maluquice.

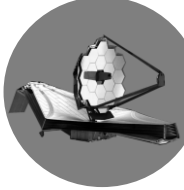
De tanto falar em religião, na sala de aula
Transbordei o amigo sentado à minha frente.
Ele, vendo minha nota baixa em Física,
Indagou-me, vingativamente, na hora:
— O que é que os santos podem fazer por ti, agora?

Seguia firme no meu fetiche,
E quando iniciei faculdade de Letras,
Fui ter na biblioteca, por puro acaso,
Com as ideias de Friedrich Nietzche.
Era a primeira vez que lia alguém
Falar tão mal das coisas do além...

Haveria de continuar lendo, lendo em demasia
Se quisesse realizar os sonhos que sonhei um dia.

Com leituras diversas no meu altar,
Verdades inabaláveis da bíblia
Começavam a desmoronar:
— O homem já nasceu adulto,
Sem nunca criança haver sido?
Isso parece não fazer sentido...

Minha pesquisa diária, meus estudos amados
Fizeram-me um enorme problema ganhar,
No lar, doce lar dos meus pais fanatizados.



Quando lá eu chegava, uma revista libertadora
Eu portava na bagagem, como nova professora.
Deixava-a sobre a mesa e meu pai pegava e lia.
Estava agendada a primeira porfia.

Outras buscadas leituras,
Mediante cotejo com as escrituras,
Foram retirando-me da vista
Os antolhos de catequista.

Passei a preocupar pai e mãe
Por não ser mais aquele crente
Dos tempos de adolescente.

Recebo cartas, santinhos, terços e jornaizinhos,
Todos objetivando reconverter o cinquentenário Hiltinho.

Não percebiam meus pais o oposto efeito
Que a pressão pelo Cristo — já deposto —,
Causava no novo peito...

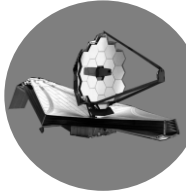
Outro alvo elegeram para pôr-me nos trilhos,
E voltaram suas atenções para catequisar meus filhos.

Um dia, do trabalho chego estressado,
E deparo-me com meu pai
Obrigando minha prole a rezar.
Estão os quatro ao redor da mesa da cozinha,
Repetindo aquelas conhecidas ladainhas.

Meu acúmulo de irritação logo apareceu:
— A educação dos meus filhos é encargo meu
E não seu!, disse-lhe com firmeza.

Outra grave discussão entre nós surgiria,
Por causa dela, da milenar religião.

Minha descrença já estava consolidada,
Mas os fanáticos sempre creem que podem
Reconverter os que deixaram a manada...



Sou eleito para uma academia de letras
Que reúne Arari e Vitória de Mearim.
Do jornal assumo a coluna *Língua Acadêmica,*
E falo de uma figura de linguagem, num texto assim:

*Na casa do brasileiro*
*Tem mais bíblia do que gramática;*
*Mais vela do que caneta;*
*Mais rosário que dicionário.*

*Nos municípios das parcas letras,*
*Os escritores não são tantos quantos os pastores;*
*A leitura é tão rara quanto a escritura.*

*No Estado dos ocultos,*
*Palestras e congressos não são tais quais*
*Missas e cultos.*

*Na União das mãos postas*
*Há bem menos ciência do que crença;*
*Há muito mais devoção do que razão.*
*Tenha paciência!*

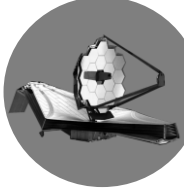
O poema é visto com repulsa e decepção
Pelos mais ligados à religião.

As figuras de linguagem são a temática do dia,
E noutra edição eu discorro sobre a paronomásia;
Para isso, crio o poema a *Distração de Maria:*

*Maria ouve a palavra de Tércio,*
*Mas não se dá conta da pessoa*
*Que houve por bem escrevê-la.*

*Embromada, ela aufere as lições dele,*
*Mas não afere quem diabos foi Tércio.*

*Teme expiar,*
*Se espiar o ardiloso escriba*
*Com olhos mundanos.*



*O que mais esse*
*Romano dezesseis-vinte-e-dois*
*Sobrescreveu sem subscrever?*

*Onde e quando nasceu?*
*Aonde foi parar?*
*Ela não se importa.*
*É que Maria não se preocupa*
*Em distinguir estória de História.*

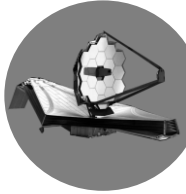
Para falar da apóstrofe,
Escrevi este Brado Essencial:

Ó humanidade mística, entendei:
*Após a morte,*
*Nós vamos para o mesmo local*
*Para onde vão os colibris.*
*O chão é a morada final (e única)*
*Dos seres febris.*
*Pare de buscar*
*A mão inexistente da divindade.*
*Troque a devoção pela curiosidade.*

Meus textos são um grito de libertação
Em face de tanta pressão,
Para manter-me na milenar prisão.

Em minha casa, numa viga na varanda,
De cinco metros de comprimento,
Escrevo este mandamento:
*Deus é criação humana.*

Minha mãe me visita,
Passa o texto em revista
E me manda apagar.
— Não, senhora! Aqui é o meu lar.
Na casa da senhora há dezenas de santos
E eu não fico a implicar.



O olhar fúnebre que minha mãe lança ao texto
É tão fúnebre, tão bissexto,
Que junto carrega todas as lágrimas
Que a própria religião fez verter,
Em seus pretextos!...

Meses depois, meu pai é quem vem me visitar.
Reservamos-lhe o quarto do caçula,
Onde ele se instala e põe-se a rezar.
Após, segue para a varanda,
Para numa das redes deitar.

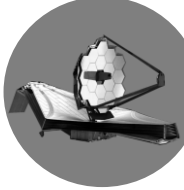
Decepcionado comigo, conversa com Lilian,
E da fresta janela ouço eu
A máxima de um fanatismo de matar:
— Se eu soubesse que teria um filho ateu,
Não botaria para estudar.

Religião adoeceu meus pais a mais não poder,
E a paz só me chega bem à frente,
Após eu resistir bravamente
Pelo direito de não mais crer.

Por três vezes, em minha casa,
Nós dois entramos em terríveis embates:
— O homem que não crê em Deus
Não pode se salvar, rapaz!
— Salvar de quê, papai?
— Do fogo do inferno.
— O inferno só existe dentro da sua cabeça
E da cabeça desses bandos de fanáticos.

Ele se levanta, e sem pausa,
Apanha uma vassoura próxima,
E eu sou obrigado a correr dele,
Dentro da minha própria casa!

Ligo para a amada irmã, Lila:
— Vem buscar papai daqui, agora!



— Qual foi a confusão?
— Religião...

Meses se passam...
Ele de novo retorna numa triste manhã.
E tudo acontece quase da mesma forma.
Dele novamente corro,
E fico atrás de bananeiras, no final do sítio,
Até Lilian o levar à casa de uma irmã.

Uma infeliz terceira vez haveria de ocorrer.
Chego da luta advocatícia, impaciente,
E minha mulher amada vem me receber:
— Seu Hilton está aqui...
— Vai dar merda, digo eu.
— Te acalma, pelo amor de Deus.

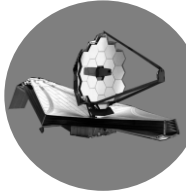
Da garagem, vejo-o com aquele semblante
— Fechado e zangado —, que portara antes.
Mal eu entro...:
— Olha, eu vim aqui te lembrar que tu foi (sic)
Batizado e é pelo batismo que...

Enlouqueci na hora. Aos berros, descontrolado:
— Vá embora da minha casa. Pode sair daqui.
Vá pro inferno com sua religião,
Com seu deus e seus demônios. Vá embora!

Ele não esperava tão forte objeção!
Perto do sofá estava, e nele sentou-se, sem reação.
Um dos seis filhos vem buscá-lo;
Leva-o embora, e acalma a situação.

Minha luta pelo direito de não crer
Foi uma guerra feroz travada outrora.
Hoje, posso ser o ateu feliz que sou agora.

Mas, ao tempo das polaridades,
Retornar à casa paterna tornara-se a maior dificuldade;
Não reunia eu coragem para rever minha querida cidade.

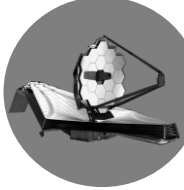


Irmãos clamavam meu retornar,
Mas eu não conseguia o trauma superar.
Quase dois anos se passaram
Até à casa dos meus pais eu voltar.

O tempo fluiu a meu favor,
E o ponto sensível do litígio
Foi sendo evitado com todo o fervor.

Em 2021 meu pai fez 90 anos de idade!
Lá estivemos, filhos e netos,
Partindo o bolo da longevidade.

Neste limiar de 2024
A paz segue junto aos meus,
E eu conquistei o devido respeito
Ao meu sagrado direito
De não mais crê em deus.



# Um raro anel de formatura

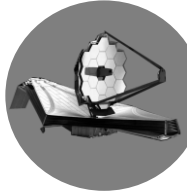
Uma joia em meu dedo
Fez mais bonita a minha mão;
Esse ouro — que de beleza quase grita —
Estava entre as relíquias de um lindo coração.

Veio dos arcanos do avô de Lilian
— Minha bela mulher —
E nesse passo de bem-me-quer
Já conta mais de sessenta anos!

Tão lindo, tão bem-feito,
O anel de formatura simboliza
A ciência do Direito.

Cabe também no dedo do meu filho
Que estudou as letras jurídicas
Com amor e muito brilho.

Joia histórica e rara assim
Deve continuar brilhando em nosso jardim...



# Nós...

Uma gloriosa viagem por esta vida
A fiz de par com a mulher mais luminosa,
Que à fortuna me foi trazida.

Aqui avivo linhas de nossas histórias,
Cujo enlace — duradouro e notório —
Vai para a quarta década de muitas vitórias.

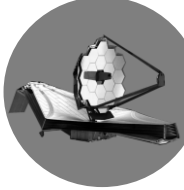
Enquanto ao mundo eu vinha no meio do mato,
A mulher da minha vida nascia em fino trato,
Na Rua Rio Branco, num casarão feliz,
Edificado na capital, São Luís.

Luzia a década de mil novecentos e sessenta,
E dela já faziam fotografias.
Da janela ela via o bonde passar
E sumir a caminho da beira-mar.

Longe da capital, e com raros vizinhos,
A minha porta aberta não mostrava ruas,
Se não longos e estreitos caminhos.

Na mansão dela — de confortável dormida —,
Havia energia elétrica, lustres de cristal com bronze
E piso em tábua corrida;
Rádio, radiola, TV e telefone compunham o lar
Da criança muitíssimo bem acolhida.

À direita do imóvel dela (uma casa se passa),
E Odorico Mendes inda vigia sua própria praça.
No espaço nobre,
A graciosa bípede andava de velocípede.



Odorico e Lilian viram um episódio, de triste sina,
Que teve lugar na casa da esquina,
Na qual o atuante jornalista Zuzu Nahuz
Apaga sua própria luz.
A imprensa ergue luto em todo o Estado
E pranteia o filho suicidado.

Dois sexênios antes de jogar-se no além,
Nahuz estivera em Arari
E entrevistara a prefeita Justina Fernandes,
Que todos chamavam Bembém.(O Combate, 27/8/1952).

Nos vãos da minha graça não havia uma só praça;
Desse espaço de rir e brincar eu nunca ouvira falar.
Um petromax clareava o chão batido do meu lar,
E lamparinas também havia, para a noite clarear.

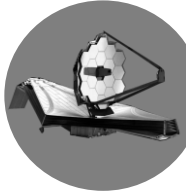
Num comerciozinho bastante nu
Meu pai fazia escambo,
Trocando mercadorias por côco babaçu.

Viajando longes águas,
A fim de abastecer seu pequenino comércio,
Ele ouviu de um advogado um valioso sussurro:
— Tira teus filhos desse lugar e põe pra estudar,
Se não vão ficar todos burros.

De um povoado pobre de oprimir,
Chamado Bacuri dos Regos,
Hoje pertencente a Pio XII,
Mudamos para a cidade, Arari.

Em dois de março de mil novecentos e sessenta e oito,
De uma lancha saltamos todos contentes,
Para sermos da casa os novos residentes.

Então eu conheço bicicleta, carro, motorista,
Luz elétrica, vaso sanitário, médico e dentista.



Mas ainda comemos com mãos e colheres.
Só depois é que nos chegam os talheres...

1978 é o ano em que deixo Arari rumo à capital,
Para estudar no Colégio Marista.
Uma formosa e meiga colegial,
Há anos já estuda no colégio Dom Bosco.
O que o tempo fará conosco,
Por oito anos ainda dista.

Junto da mãe — servidora estadual e colunista social —
Ela abrilhanta, no Lítero, um dos carnavais,
E ambas são destaques em jornais.

Dentre as várias moradas minhas
Está um pensionato na Rua Osvaldo Cruz.
Nele também mora Marcelo, de Riachão,
Qu'estuda na mesma sala da minha futura paixão.

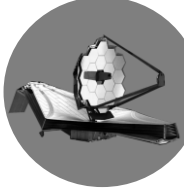
Disso somente sei muito depois,
Quando ele encontra nós dois...

Certamente, da sacada do pensionato,
Alguma vez vi Lilian passar, entre aqueles andarilhos,
Sem supor que era a mãe dos meus filhos
Que lá embaixo passava, sob pleno anonimato.

Passam-se oito anos.
Agora estamos em 1986.
Eu já ostento notável perfil,
Por ser funcionário do Banco do Brasil.

Numa dolorosa manhã,
Ela chora a perda precoce da mãe,
E vê sua família resumida a ela e a uma irmã.

Os ricos avós
— Donos da mansão da Rio Branco —,
Repousam no Gavião juntos da filha, Meigue,
Cedo morta por um câncer feroz.



Para ter melhor acolhida,
Resolvo comprar uma casa na capital;
E o imóvel adquirido pertencia à Dona Meigue,
Recém-falecida.

O vendedor me encaminha à advogada de renome,
Com escritório na Rua de Santo Antonio,
A dois passos do Seminário de mesmo nome.

Vejo-a pela primeira vez,
Com seu lindo ar de festa;
Cabelos aloirados, lente azul
E franjinha sobre a testa.

Responsabiliza-se pelo inventário,
Para a mim transferir o imóvel.
Os frequentes contatos nos conduzem
Ao jovem largo dos namorados...

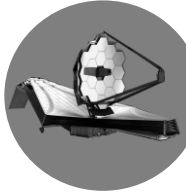
O destino une nossos floridos campos,
E passamos a sonhar os mesmos sonhos
Que sonhamos ambos...

Apresento-a a meus avós, a meus pais e irmãos,
E todos se encantam com aquele singular coração.

Em 1990, concedemo-nos uma Lua de Namorados,
E com a Europa ficamos encantados!
Visitamos várias nações, numa grande excursão.

Por quase trinta dias
Andamos pelo velho mundo,
Conhecendo o progresso e histórias de lá,
E comparando com os poucos avanços de cá...

Uma chuva fina molhava Paris
— A rainha do mundo —,
Onde nos deixamos fotografar
Com a Torre Eiffel ao fundo.



Já no hotel, o frio parisiense
Acendeu a lareira dos maranhenses,
E o amor deles renasceu, fiel:

*Quão belo é teu corpo nu, querida!*
*Teu busto quente, de Vênus,*
*Ornado por dois seios cintilantes,*
*Animam no amante a centelha da vida.*

*O vital umbigo,*
*Anteposto à origem do mundo,*
*Recebe o amigo fecundo,*
*Que frui o gozo do eterno abrigo...*

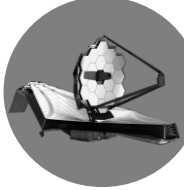
Nos Alpes suíços o sol se abriu,
E do alto daquelas montanhas vimos
A bela paisagem que a luz permitiu.

A Alemanha, repleta de historicidade,
Já derrubara sua excentricidade:
Ao divisório muro de Berlim foi dado o justo fim.

Na bela Colônia, alemã, criamos um contratempo,
Ao entrarmos num museu, fora do tempo da excursão,
Para rapidamente conhecer alguns documentos.

Ignorávamos que a porta fechada a nossas costas
Não se abria mais; era impossível voltar para
Dali irmos logo embora.
Fomos obrigados a fazer todo o trajeto,
Atrasando a excursão em quase duas horas!

Em Lourdes, na França,
Ainda embebido de religiosidade,
Colho água benta nas fontes,
E a ponho em santas embalagens
Para trazer de lembrança.



Um médico-amigo, do alto do seu alter-ego,
Pergunta-me sobre o conteúdo que carrego:
— É água benta. Vou levar para meus pais.
— Essa água é igual a tua do Maranhão, rapaz!
Responde ele, com certa mágoa,
Sacudindo-me a religiosidade rasteira,
Que de tão longe transportara água de torneira...

No Louvre, tivemos de nos encantar,
Ao nos ver tão perto de icônicas artes,
Como Monalisa, Davi, Moisés e Pietá.

Na Itália,
Dois lugares atraíam os pensamentos meus:
O Vaticano, com sua capela Sistina,
E o formidável Coliseu.

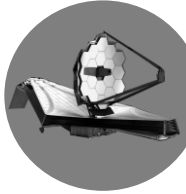
Papas mortos — mantidos quase vivos, sem ruína;
Michelângelos de encantar os olhos
Espalhavam-se por toda a Capela Sistina.

Tudo aquilo contava cinco séculos,
E onde eu estava pisando, pisou gente fenomenal!
Ao sair, trouxe comigo uma gravura do Juízo Final.

No Coliseu, sentia-me dentro da própria História,
Com seus fracassos e glórias.

Na milenar Veneza, andamos de gôndolas,
Em águas sem correnteza.
E eu lembrava das enchentes do Mearim
Que também invadiam casas.
Mas estávamos era em Veneza...

N'Áustria, vimos jardins enormes,
Com árvores modeladas e padronizadas,
Dando ao local uma paisagem linda e uniforme.



Um concerto de música clássica
Presenciamos vibrar.
Um estilo nunca por nós visto, nestas bandas de cá.

Numa das paradas do nosso ônibus,
Indago de um amigo:
— Onde estamos?
— Aqui é a fronteira, entre a Áustria e a Itália.

Eu, vindo da secular Arari,
Não sabia que estava tão perto do milenar Ötzi:
O homem do gelo, feito relíquia da humanidade;
Fora tão bem preservado, e é por mim admirado,
Com seus cinco mil e trezentos anos de idade!

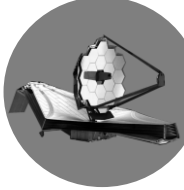
Na Holanda, um passeio de barco
Mostrava-nos uma Amsterdã imponente
E muitíssimo bem zelada por sua gente.

Em Espanha, passei instantes vendo o Mediterrâneo,
Lembrando que dele ouvira falar — distante... —
Quando aluno em Arari.
Depois de tê-lo ao alcance dos olhos,
Fomos contemplar Gaudí,
O célebre arquiteto do modernismo catalão.

Após quase trinta dias de intenso turismo,
A saudade de casa já forte batia.
O frio europeu era-nos um desespero,
E a comida servida não tinha o nosso tempero...

Tendo visitado vários castelos e monumentos,
Sentimos falta de portar vastos conhecimentos
Para melhor entender o que as nações tinham a oferecer...

Banhados do progresso alheio,
Regressamos ao nosso seio,
E nos enxergamos distantes
Do sucesso daqueles habitantes.



Por três anos namoramos,
E em meses de eu fazer 30 anos de idade
— No dia 9/8/1991 —,
Trocamos as alianças da eternidade.

Palmilhar nessa estrada finita que é a vida
Melhor sentido faria se eu me unisse à alma querida,
Que conquistei na mais acertada investida.

O casal que formamos devia multiplicar-se,
E após sete anos de inexplicável infertilidade
Lillian dá à luz Amanda, e enche-nos o lar de felicidade.

A princesa nos veio com a genética materna:
Tranquila, equilibrada, mansa e terna,
Sem o grau genioso e personalista do lado paterno.

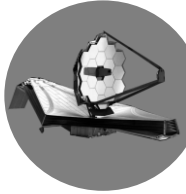
Formou-se arquiteta.
Na área trabalha desde a colação de grau,
E a vida dela na nossa diariamente se afeta.
Eu morro de feliz, ao vê-la quase todos os dias...

Logo da princesa,
Dois príncipes são postos em nossa mesa:
Mateus e Lucas vieram compor nossa realeza.

Mateus fez-se contador e,
Mediante êxito em concurso público,
A contadoria da Câmara Municipal de São Luis galgou.

Lucas em Direito já está formado,
Cursa Tecnologia da Informação
E alcançará seu lugar no mercado.

Passada a fase mais trabalhosa,
— De criar e bem educar três filhos —,
Vivemos esta hora maravilhosa
De tê-los por perto, com olhos de brilho.
Criamos um valioso grupo de amigos,
Que se transforma em um preciso abrigo.



Mas como foi caro três filhos educar!
Não podíamos a casa chegar
Só com um presente a oferecer;
Ou eram três ou nenhum.
Três mensalidades da escola tínhamos de pagar;
Três malas de livros foi preciso todo ano obter;
Três planos de saúde tivemos de contratar.

Dias havia em que era preciso dar quatro viagens à escola,
Para levar e trazer os filhos amados,
Em seus afazeres variados:
Além das aulas normais, havia a prática de esportes e
Ainda um cursinho para aprimorar a redação.
Por tudo isso, hoje sentimos grande alegria no coração.

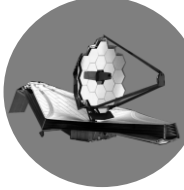
Porém... aquela vida minha, de certas trilhas,
Trouxe-me mais duas filhas:
Bárbara e Aline, das quais não pude ser
O pai presente que deveria ser...
Em face das impossibilidades minhas,
Deixei às mães delas o gigantesco encargo
De criá-las sozinhas...

Lilian, essa mulher impressionante,
Nunca fez uso da espada de Dâmocles
Contra meus erros marcantes.

Nasceu revestida do tempo certo,
Da nota mansa, do riso fácil, da mão amiga,
E isso me deixa de orgulho coberto.

Da voz dela não ecoa a nota injuriante,
Não conjuga ela o verbo humilhante,
Não pronuncia a palavra terminante.

Quando se faz um império,
Quando se mostra zangada,
Todo o rancor nem parece sério.



É que ela não porta facas na voz,
Não chicoteia com o olhar,
Não fere com o gesticular,
Nem atira pedras em nós.

Não cobra além da medida,
Não aplica lição de moral,
Tem alinhado o prumo da vida.

O excesso de pudor não ganha dela relevância
Ante outros temas de maior importância...

Expressa suas cobranças,
Exibe suas revoltas
Sem destruir tudo qu'há em volta.

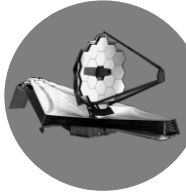
Sabe usar o valioso silêncio
— Bem como o decurso do tempo —
Para ver resolvidos certos eventos.

Por mim vista em todas as direções,
Resulta claro que a minha consorte
Possui o mais precioso dos corações.
Justo é qu'eu reconheça ser na vida
Um homem de muita sorte.

Como não carregar o vaso de plantas qu'ela pede?
Como não lhe beijar a face quando despede?
Eu — que nunca gostei de cachorro nem de gato —
Não posso da casa expulsar os três gatos qu'ela ama criar...

Ao citar essa esplêndida mulher minha,
— Que já nasceu rainha —,
Saúdo-a com a devoção de Vinicius,
Pedindo-lhe vênia para podar — do soneto dele —
Os nomes "feios", que a lei não permite usar.

*"Essa mulher que se arremessa, fria*
*E lúbrica aos meus braços, e nos seios*



*Me arrebata e me beija e balbucia,*
*Versos, votos de amor "e galanteios".*

*Essa mulher, flor de melancolia*
*Que se ri dos meus pálidos receios*
*A única entre todas a quem dei*
*A "eterna companhia" que nunca a outra daria.*

*Essa mulher que a cada amor proclama*
*"A segurança" e a grandeza de quem ama*
*E guarda a marca "do meu amor" nela.*

*Essa mulher é um mundo! — "uma tela"*
*Talvez... — mas na moldura "de um lar"*
*Nunca mulher nenhuma foi tão bela!*

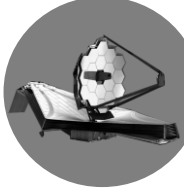
Navega para quatro décadas
O tempo do nosso enlace;
Ainda nossas mãos se juntam,
Tais quais se nos unem nossas faces.

Uma mulher sem demônios e sem rancores
É essa Lilian singular e admirável,
— Que não faz esforço algum pra ser amável —,
Por isso mesmo atrai tantos amores.

No trabalho público de gerir e lidar com gentes,
Tipos rudes e grosseiros, que a sala dela adentram,
Amam-se-lhe as virtudes e dali saem sorridentes.

Mas dela guardo alguns senões:
O verbo no imperativo e os olhos arregalados
Não chegavam aos filhos amados.

Nunca pelas orelhas puxou nossos lindos fedelhos
E nem por uma vez os pôs de joelhos.
Essa tarefa ingrata de aplicar-lhes castigo
Sempre ficou só comigo...



Feliz e grato, tive na vida
(E para a vida toda!)
A Lílian dos sonhos — A única —

Que escapou a Nilo Bruzzi (infelizmente)
E assim ele sonetou, magistralmente:

*No turbilhão da vida cotidiana*
*Há sempre um rosto oculto de mulher.*
*Há no tumulto da existência humana*
*Alguém que a gente quis e ainda quer.*

*E numa sede de paixão insana*
*Cego e humilhado aceita outra qualquer,*
*Mas, sem íntimo ardor, de alma profana,*
*Porque a alma nem acordará sequer.*

*E vão passando, assim, uma por uma,*
*Mulheres e mulheres, como vieram,*
*Sem despertar saudade alguma...*

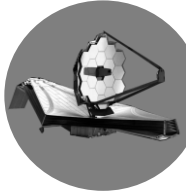
*Pobre de quem, como eu, vê que, infeliz,*
*Teve todas aquelas que o quiseram,*
*Mas nunca teve aquela que ele quis!*

Nilo não alvejou certeiro a mulher pra desposar.
Faltou-lhe sorte e talento
Para a preciosa metade encontrar.

Aguardar a princesa encantada vir até nós
Pode custar o alto preço de vivermos a sós...

A propósito de todo o meu outrora vivido,
Passível de não virar páginas deste livro,
Fui colher os *Tempos Idos*, de Augusto dos Anjos,
A motivar-me tecer estes arranjos:

*Não enterres, coveiro, o meu Passado.*
*Tem pena dessas cinzas que ficaram;*



*Eu vivo dessas crenças que passaram,*
*E quero sempre tê-las ao meu lado!*

*Não, não quero o meu sonho sepultado*
*No cemitério da Desilusão,*
*Que não se enterra assim sem compaixão*
*Os escombros benditos de um Passado!*

*Ai! Não me arranques d'alma este conforto!*
*— Quero abraçar o meu Passado morto,*
*— Dizer adeus aos sonhos meus perdidos!*

*Deixa ao menos que eu suba à Eternidade*
*Velado pelo círio da Saudade,*
*Ao dobre funeral dos tempos idos!*

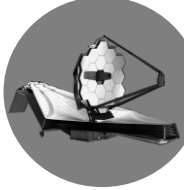
Nesta hora e neste mês, vivemos o ano de 2024.
Desfrutamos de uma casa espaçosa
A qual abriga a nós e outros três.

Uma longa varanda, ventilada,
Recebe uma mesa comprida,
E duas redes armadas.

Nesse agradável espaço,
Por longos anos conversamos,
Sem sentir nenhum cansaço.

Tantos bolos na varanda partimos!...
Os cinco aniversariantes da casa
Recebiam e davam valiosos mimos.

Meus irmãos vezes sem conta me visitaram;
Meus pais outras tantas conosco ficaram;
E meu tio — outrora meu carrasco —
Passou dias aqui, expulsando seu cansaço.
Abril de dois e vinte e três era-lhe a hora derradeira.
Faleceu em São Paulo, onde vivia, aos 76 anos,
Deixando a família em largos prantos.
Num dia ermo no local,



Meu amado filho Mateus esteve no cemitério,
E fez várias fotos da urna sepulcral.
Adornado por três vasos de flores,
— Rosas, amarelas e vermelhas —
O jazigo mostrava a morada final do meu amigo...

Um lugar agradável a nossa varanda em festa.
E ainda dá vista para uma pequena floresta!...

Num pedacinho de chão, Lilian e eu plantamos flores,
E quando nos deparamos com elas abertas,
Saudamos o belo das suas cores.

Um pé de ingazinha atraía maracanãs,
Que sempre vinham tomar o café da manhã.
Ao ouvir caírem as cascas e sementes,
Eu sabia que elas estavam ali,
Fazendo a refeição silenciosamente.

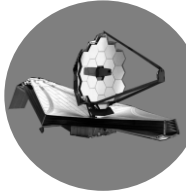
Vez em vez, chamava Lilian para ver o bando voar.
E ela o via da árvore partir, após se alimentar.

Duas touceiras de juçara (ou açaí),
Alimentavam jandaias e sabiás,
Aves que sempre aparecem por cá.

As mangas de um pé de manga-rosa
Inda deixam-me em versos e prosas;
Relembram os bons tempos de adolescente,
Quando eu as comia prazerosamente.

Nossa longa varanda nos conduz a um pequeno açude,
No qual criamos tambaquis, tilápias e curimatás.
Em plena cidade, temos esse luxo a desfrutar!.

Pés de bacuri, jaca, manga e de cacau
Espalham-se pelo local,
Que nós escolhemos para um ótimo viver matrimonial.



Um vento agradável sempre passa por nossa varanda
E nos refresca do calor que cada dia mais forte anda.

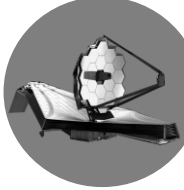
Posso confidenciar que me sinto deveras feliz
Por ter acertado na mulher para casar,
No lugar para morar,

Na família construída
E na hora de me aposentar.

Costumo pensar a vida como uma circunferência,
Em quatro quadrantes dividida;
O último deles é o quarto da quintessência...

É nele que vivo sabendo-me realizado.
Ir contra os limites do meu corpo
É coisa que ficou no passado.

Nós — eu e minha mulher amada —
Passamos a vida misturando corpos,
Sonhos, moedas e sentimentos,
E agora dividimos os finais momentos;
E, como grandes amigos,
Juntos estaremos no mesmo jazigo...



# Ó vida, ó bela vida, ó meus amores...

Tive a fortuna de estar entre os vivos desta Terra!
Por vinte mil manhãs aspirei o ar campestre,
E muito absorvi os raios deste sol nordeste.

Pude olhar o infinito que o céu encerra;
Pude amar meus filhos diariamente;
Pude dormir tranquilamente.

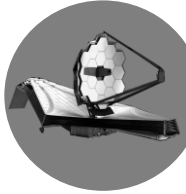
Entre amigos mais sorri do que chorei;
Na família, completamente me realizei.
Com a literatura muito me ocupei.

Escrever os próprios louvores,
Ver das pessoas os grandes valores
E superar noites de horrores
É da vida, ó bela vida, ó meus amores.

Dei comida aos peixes, colhi flores aos feixes,
E quando soar o alerta para que tu me deixes,
Ó vida, ó bela vida, ó amores meus,
Estarei de mala em mãos, com o coração aberto,
Pronto para da vida receber o extremo adeus.

Bondoso, inda o tempo me permite ver o Sol raiar,
A Lua brilhar, o mar gemer e a juriti cantar...
Mais dias — além dest'hora poética — viverei,
Vendo tudo do mundo moderno;
E isso é um prêmio, um luxo, um rico caderno.

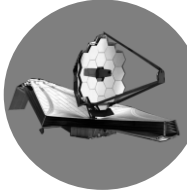
Em vista de todos os clarões
Que me iluminam nestes dias,
Tenho ensejo de reescrever Gonçalves Dias,



E assim dedicar-lhe esta messe, amável criatura,
Que me deu a graça da leitura:

*Ó vida, ó bela vida, ó meus amores.*
*Mãe dos meus desejos e dos meus louvores!*
*Os anseios de minh'alma realizaste,*
*E grato sou se mais refrigérios me ofertares*
*Nesse teu ondular prenhe de enlevos!*
*Enquanto de te viver gostei tanto,*
*Enquanto inda sentir a vida em mim vibrar,*
*Enquanto a morte de mim se afastar,*
*Flores e mais flores em meu jardim cultivarei,*
*Ó vida, ó bela vida, ó meus amores!*

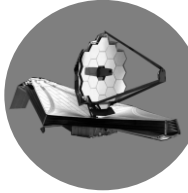
# Arari em
MINHA VIDA



# Sumário


Prelúdio, por Adenildo Bezerra _____ 180

1. Arary e Arari, às margens de Meary _____ 183
2. D'outras flores do meu vergel _____ 195
3. Amigos queridos _____ 254
4. São Luís, o mar e Gonçalves Dias _____ 255
5. Lazeres ararienses _____ 258
6. Bullyings _____ 263
7. Nossa deseducação... _____ 267
8. Sexus bestiarum _____ 269
9. Saudade arariense _____ 271
10. Cercadinho planetário _____ 273
11. Fins de tardes _____ 274
12. Arari, Candidatura à Intendência _____ 276
13. Figuras de linguagem _____ 285
14. Os rios que amei _____ 289



# Prelúdio

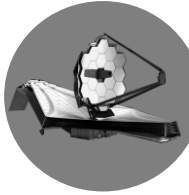
Numa conversa diária, pelo *WhatsApp*, fui surpreendido por Hilton Mendonça com a pergunta: "Grande Adenildo Bezerra, você aceita prefaciar dois livros meus"? De imediato, respondi que sim. Aceitei de pronto devido ao respeito e a admiração que tenho por este notável arariense que nutre um verdadeiro amor por nossa terrinha, Arari. Daí, pensei, quanta responsabilidade! Porém, ao mesmo tempo disse a mim mesmo, quanto prestígio e quanta honra Hilton dedica a mim com esse convite. Encarei a tão venerável missão com muita dedicação.

Mas se você pensa que encontrará aqui, nestas próximas linhas, um prefácio, com spoilers do conteúdo deste livro, ledo engano! Aqui você encontrará um prelúdio. Isto sim! Mas qual a diferença entre prefácio e prelúdio? Em termos literários, prefácio e prelúdio são duas palavras que se referem a partes introdutórias de uma obra. O prefácio é um texto introdutório de um livro, onde quem o escreve descreve de forma sucinta o objetivo da obra, sua estrutura bem como o conteúdo, assim como discorre sobre o autor. Já o prelúdio é a introdução de uma sinfonia, uma pequena mostra do que virá a seguir, preparação para um acontecimento maior.

Observe, portanto, caro leitor, que a explicação de prelúdio combina com sinfonia, e os poemas que Hilton Mendonça tece em seu "Arari em minha vida" são belas sinfonias, ritmados e embelezados com uma escrita elegante, lírica e nostálgica. Uma bela demonstração de amor à sua terra amada. Arari são cinco letras que soam ritmadas em nossos corações. Lugar único que mexe com nossas emoções. Emoções que deixarão cada arariense ainda mais orgulhoso, e deixarão os não-ararienses com vontade de visitar a nossa simpática e alvissareira gleba.

Na brevidade do tempo buscamos a eternidade dos sonhos. O tempo trouxe à memória de Hilton Mendonça sentimentos nobres e marcantes sobre sua vida em Arari e sobre Arari em sua vida. Histórias entrelaçadas, nuas e cruas, poetizadas por um poeta que ama o seu chão. Na dimensão e intensidade do tempo, versões e imagens pululam em nossas mentes ao descortinar essa encantadora obra.

Experiências registradas em recordações poéticas afetivas, que transbordam do peito de cada um de nós ao ler cada verso de "Arari em minha vida". Bagagens carregadas de amor e orgulho. Resgate de memórias vividas intensamente no seio da nossa amada e nobre terra do Arari. Nas



belas poesias desde maravilhoso livro frutificam a fortalecem jornadas de existência e trajetórias com todos que terão a oportunidade de ler e compreender o quanto o nosso poeta tem amor telúrico.

Nas páginas deste livro, amigos e amigas, vocês encontrarão uma odisseia de uma vida marcada por sensibilidade, cadência e profundidade do existir de um poeta que tem sua vida amalgamada com Arari. Esta obra é um legado que Hilton Mendonça nos deixa e que as gerações futuras poderão também desfrutar desse verdadeiro amor por sua terra amada.

[...] Um porto sadio para cidades enfrentarem seus desafios
É nascerem tranquilas às margens dos rios.
Arari cedo entendeu assim
E veio postar-se junto ao Mearim.

As muitas luzes acesas no coração do Arari
Encantam todos os olhos que passam por ali.
Quem lembrar de Arari como ele era
Bem fará a leitura dessas duas eras... [...]

Que privilégio para Arari ter nascido às margens de um rio, de um grande rio como o Mearim. Arari não só se postou junto ao Mearim como o reverencia e trona-se exuberante, banhada por suas águas pardacentas. Arari e Mearim formam uma simbiose perfeita. Simbiose espetacularmente poetizada por Hilton Mendonça neste afetuoso livro, "Arari em minha vida". Afeto, emoção, gratidão e orgulho são alguns adjetivos que encontrei ao ler esta obra poética. Em cada página mergulhamos nas reentrâncias de uma Arari única, com seus ônus e seus bônus. Com seus problemas, seus dilemas, suas glórias e memórias.

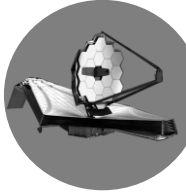
A cidade, banhada pelas águas do Mearim, emerge como personagem central nas composições de Hilton Mendonça. O autor, dentre tantos versos encantadores e reais, entrelaça poeticamente a importância do rio para a existência da terrinha, atribuindo-lhe um papel vital na história e na alma arariense. Cada verso, caro leitor, caríssima leitora é como uma gota d'água que contribui para a construção de um cenário relicário, revelando a riqueza das relações entre o povo arariense e as águas que moldam nossas vivências.

"Arari em minha vida" é mais do que uma coletânea de poesias telúricas; é um testemunho que destila emoções, lutas, alegrias e tristezas vividas pelo nosso poeta Hilton Mendonça em sua jornada pela cidade que o viu crescer. Esta obra se revela, a meu ver, como um tributo a Arari, um

convite para que todos nós nos aproximemos ainda mais do nosso torrão querido. Que cada um que ler esta obra se deixe envolver pela poesia pulsante que emana da mente fértil e inquieta do organizador da obra *Julgados das Turmas Recursais do Maranhão.*

"Existem muitas portas para ir até a fantasia, rapaz. E existem ainda mais livros mágicos. Muitos não se dão conta disso. Tudo depende de quem pega um desses livros". Ende, Michael (1982), *A história sem fim*, Madrid, Alfaguara, p. 418. Embarque nesta viagem pelo Arari e faça uma boa leitura!

***Adenildo Bezerra***,
Professor e
Escritor arariense
adenildo25@gmail.com



# Arary e Arari, às margens de Meary

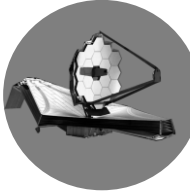
Um porto sadio para cidades enfrentarem seus desafios
É nascerem tranquilas às margens dos rios.
Arari cedo entendeu assim
E veio postar-se junto ao Mearim.

Criterioso pesquisador — e isso não se nega —
Padre Brandt usa o termo mbiá-r-y,
Relacionando-o ao Miary,
Significando "Rio da gente, onde se navega".

É antes da segunda década do século XVIII,
Em ano incerto, nunca sabido,
Que Arari desembarca na ribeira do Mearim.
O mais remoto registro dele por mim obtido
Data do ano de mil setecentos e vinte.
É uma Carta de Sesmaria
Colhida na Torre do Tombo, em Portugal,
Por Lilian Mendonça, uma mulher especial.

Na carta, Bernardo Pereira de Berredo
— Fidalgo da Casa Real e autor dos Annaes
Históricos do Maranhão —
Diante de petição de Francisco Vieira,
A este concede "uma légua de terras no rio Meary"
Para fazer lavoura e apascentar gado,
"Na parte que chamam Arary".

O documento é prova irrefutável, retininte,
A demonstrar que Arary já existia
Em mil setecentos e vinte.



Essa carta padre Brandt não conhecia.
Por isso afirmou que, nessa época,
"Arari ainda não existia".

A origem do vocábulo Arary
É para nós alienígena;
Não emana do latim nem do grego,
Mas do nosso povo indígena.

Seu nome não foi gerado por aqui.
Dizem ter sido "transportado
Do Pará para o Mearim",
Vindo da língua Tupi.
Em obra rara e respeitada,
— *O Dicionário da Língua Tupi* —
O imenso Gonçalves Dias anotou que
Arary significa "arara encarnada".

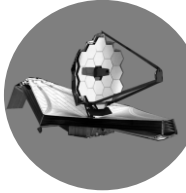
Colho no Koogan Larousse Seleções
Que Arari foi nome de um "chefe indígena
Guianá, irmão de Tibiriçá", que "atacou
A cidade de São Paulo em 1562."

No "Vocabulário Tupi, Guarani, Português",
De Silveira Bueno,
Leio: "Arary — Arara canindé. Em tupi
Seria o rio das araras. De ara-y."

N'outros registros, feitos em obras importantes,
Arari é nome de peixe, de lagoa, de rio e de planta;
É também nome de ave, de gente e de árvore,
E nomeia a cidade que mais me encanta.

O vocábulo foi sendo grafado ora com "y", ora com "i",
Até aquele desaparecer no século passado.

Raimundo José Gaioso é degredado ao Maranhão,
E pelas liras desse culto cidadão
Sabemos que os timbiras, gamelas e tapuias
Infestavam as matas desta nossa região.



Ponho-me a imaginar
Outros índios pescando no Mearim,
D'entr'eles os tabajaras e tupinambás.

Da herança indígena qu'inda fazem piracema,
Entre nós vigoram os termos Ubatuba,
Pororoca e Nema.

Estaria certo o culto César Marques
Quando a nós confessa que Arari fora fundado em 1723,
Por José da Cunha d'Éça?

Padre Brandt isso refuta com muito vigor,
E nesse particular parece-me correto
Ao dizer que "Arari nunca teve fundador".

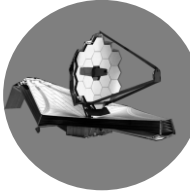
D'Eça pisa solo arariense nos distantes idos de 1723,
Mas pouco antes de 1720, Arari já ganhara lucidez.

Se o exato dia do seu primeiro choro é um mistério,
Sabemos que em 27/6/1864 Arari foi levado ao batistério.
A lei provincial n. 690 emancipou-o,
Dando-lhe independência municipal.

Exato no dia 27 de junho de 2021
Arari festejou seus 157 anos vitais;
São vários os poemas ararienses
Que ao município versejamos.
Um deles mandei correr nas redes sociais:

*Sim, amamos Arari.*
*E lhe desejamos o melhor.*
*Mas amamos com a razão,*
*E lhe enxergamos o pior.*

*O pior de Arari*
*É a pobreza permanente;*
*É a educação deficiente,*
*Que inda imperam por ali.*



*Não temos aqui nem um doutor*
*Dentre todos os professores.*
*Nossa renda per capta*
*Só compra algumas batatas,*
*Mesmo assim, amamos Arari.*

Analisando Arari desde cinquenta anos passados,
É notório o progresso por ele alcançado.

Os escassos recursos federais dantes recebidos
Deram lugar aos milhões de reais,
Hoje mensalmente ao município remetidos.

A miséria orçamentária de antigamente
Foi eliminada completamente.

Trabalhadores aos milhares foram contratados:
Centenas de professores, empregados;
Incontáveis outros servidores, registrados.

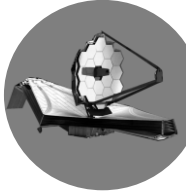
A economia ganhou outra postura,
Fortalecendo-se à custa do INSS
E de salários pagos pela prefeitura.

A piçarra nas ruas deu lugar ao negro verniz
E deixou toda a gente mais feliz.

A quase completa escuridão de outrora
Para sempre se foi embora.
As muitas luzes acesas no coração do Arari
Encantam todos os olhos que passam por ali.
Quem lembrar de Arari como ele era
Bem fará a leitura dessas duas eras...

Escolas e ginásios multiplicaram a edificação,
E praças e mais praças foram entregues à população.

Unidades de atendimento ao público diversas
Surgem facilmente, até às pressas.



Profissionais da saúde atendem nos postos,
Ambulâncias pacientes transportam,
E a saúde do arariense melhor se comporta.

Um vasto comércio espalha-se pela cidade,
Com uma farta rede de farmácias,
Que proporciona comodidade.

Mas... Se Arari é visto do Cristo Redentor,
Da Torre Eiffel ou da Estátua da Liberdade,
Então o cenário é de extrema precariedade,
De um atraso avassalador.

A renda per capta é deprimente.
A escolaridade, de baixo nível.
O parque industrial inexistente.
A agropecuária, desprezível.

A terra da melancia — que fora um dia —
Hoje só produz alvenaria;
Tanto faz ser verão ou ser inverno,
A produção não dá nem pro consumo interno.

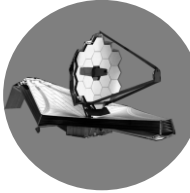
No trânsito, a cidadania sofre diário revés;
As normas são violadas da cabeça aos pés.

Condutores sem capacetes e sem habilitações,
Motos sem documentos e sem tributos pagos,
Formam parte do banquete de infrações.

O passeio público — notadamente as calçadas —
É diariamente invadido por certas criaturas,
Que fazem pouco do Código de Obras e de Posturas.

Isso tudo tem raiz na pífia escolaridade
E nas omissões dos Poderes Públicos,
Que incivilizam quase toda a cidade.

Na política do nosso amado Arari
Quatro personagens atuam com vigor:



O letrado, o semiletrado, o analfabeto e o eleitor.
A respeito deles algo vos direi aqui.

Dados do TRE, levados à publicação,
Exibem os eleitores em proporções.
Dos trinta mil que povoam a ribeira,
Vinte e cinco mil têm aptidão eleitoreira.

Todo o revigorar democrático é feito
Pelas digitais desses milhares de sujeitos.

Os letrados da cidade
— Que em alguma Ciência colaram grau —
Formam um diminuto percentual, menor
Do que 5% do eleitorado.

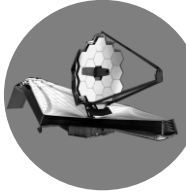
Tem saído desse florilégio maranhense
O nome preferido para comandar
A nau arariense.

De Leão Santos a Rui Filho II,
— Três décadas depois —
A escolaridade dos senhores eleitos
Tem andado em bom conceito.

Prefeitos analfabetos ou semiletrados
Têm sido da prefeitura afastados.
Esse dado positivo merece distintivo.

No entanto, é mister que se ressalte
Que esse letrado só fará boa gestão
Se possuir ótimas noções de Contabilidade,
Direito e de Administração.
Se se mantiver longe desses acessos,
É bem provável que termine o mandato
Respondendo a mil processos.

Um desses prefeitos de perto conheci.
Cursamos disciplinas na mesma faculdade
E com ele, por breve tempo, a profissão exerci.



Era como eu, advogado,
Mas faltava-lhe tudo de administração;
Não possuía a perícia desejada
Para realizar boa gestão.

Foi o mau governar, na verdade,
Quem o afastou do poder.
Para a Justiça, outro foi o motivo da cassação,
Até cômico: abuso de poder econômico.

Cômico porque ele nunca tivera bens,
Nem mesmo de baixa estatura.
El'entrou e saiu pobre da prefeitura.

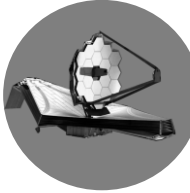
A revolta popular da tarde de 20.out.2006,
Já narrada pra vocês, ocorreu na era dele,
Por obra da má gerência qu'le fez.

Passados quase vinte anos de sua cassação,
Inda responde a processos em profusão;
Um deles lhe cobra cem milhões de reais,
Por danos causados ao erário.

Nossa Magna Carta possui o grave defeito
De permitir que qualquer despreparado sujeito
Vire presidente, governador e prefeito...

Os semiletrados de Arari somam mais
De dois terços da população.
Têm escolaridade cujo crédito ficou ilhado
Nos degraus dos ensinos fundamental e médio.
É para o Legislativo qu'eles mais são enviados,
Para dois deveres principais cumprirem:
Legislar e fiscalizar atos do Executivo.

Até para os de alta escolaridade
Essas duas tarefas são difíceis de exercer!
Imaginem para os de paupérrimas letras,
Que não possuem hábito de ler e escrever...



Sentarem-se em seus gabinetes, na Câmara,
E atentamente as publicações oficiais lerem,
É tarefa que não gostam de fazer.

Nos diários oficiais é que corre
A vida formal dos poderes locais,
Cabendo ao vereador fiscalizar
Os atos dos seus e dos mais.

Ler documentos e aferir-lhes a legalidade
É missão impossível para muitos da edilidade.
Então, passam a fazer a política do atraso,
Do assistencialismo e do pouco caso.

Pouco caso é fiscalizar canteiros de obras;
É requerer do prefeito meras sobras;
É vagar pela urbe, em inúteis manobras.

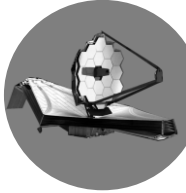
Assistencialismo é dedicar seu dinamismo
Para do eleitor resolver a carência pessoal,
A qual fortalece o laço da subserviência.

A política do atraso fazem-na
Os que só focam a própria reeleição;
A grande agenda é encabrestar o eleitor,
A custa de migalhas, reza e salvação.

Acaso a Câmara fiscalizasse atos do Executivo,
— Como é de sua obrigação fazer —,
Ganharia o próprio Executivo, que se
Livraria de tantos processos responder.

Digo, supondo acontecer,
Que se um prefeito de Arari, à sorrelfa,
Vendesse o Lago da Morte para Anajatuba,
Parlamentar nenhum iria perceber...

Atualizar Lei Orgânica, Regimento Interno,
Código de Tributário, de Obras, Plano Diretor



— E muito mais! —, não entra na pauta do iletrado,
Que de legislador o votante faz.

Muito ganharia o Legislativo
Se tivesse o imediato cuidado
De nomear os concursados.

Na estrutura administrativa não poderia faltar
Um setor jurídico de alma produtiva...

Ninguém cuida da legislação!
Não sabem quais leis estão em vigor!
Trabalham nessa desorganização,
Sem zelo com o acervo, sem primor.

Um dia a ser em Arari festejado
Será aquele em que for publicado
Um livro — físico ou virtual —
Contendo parte da legislação local.

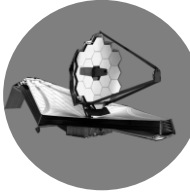
Não tem havido presidente de Câmara ou Prefeito,
— Ou mesmo outra pessoa eleita —
Capaz de realizar esse necessário feito...

Desde quando o sufrágio fora instituído,
Na Casa arariense de fazer leis
O edil analfabeto tem assento garantido.

Sim, elegê-lo é real.
O partido dá azo,
O eleitor admite
E está feito o grande mal...

Tal gênero eleito — quase sempre masculino —
É por um voto malino enfiado por aquela porta,
E para ele isso é o que importa.
Enxergar-se um engano não está nos planos...

O analfabeto tenta agitar suas bandeiras,
Mas a desescolaridade é insuperável barreira.



Então... Tal figura feita vereador,
Vai o mandato inteiro passar
Como marionete do administrador.

Quando proposições apresenta ao Legislativo
Estas são obra do jurídico do Executivo,
Que o tomou por filho adotivo.

Ele estará onde o prefeito indicar:
Na praça, para distribuir peixes aos carentes;
Nos povoados, para dar cestas à pobre gente
E nas inaugurações, como auxiliar imponente...

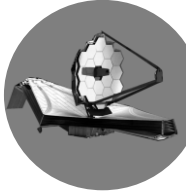
Não tem ele como entender
A preciosidade de ser o Legislativo outro Poder...

Para outros órgãos da República acessar,
A lei exige notórios conhecimentos,
Mas nos acolhimentos da política — para nosso azar —
Ela permite que o mais deseducado cidadão
Seja feito legislador de um já atrasado lugar.

Por enfim, no estudo exposto aqui
Digamos palavra sobre o quarto personagem:
O eleitor de Arari.

Consignam dados do TRE que, somados os
Eleitores analfabetos aos que mal leem e escrevem,
O total encosta em 20% do eleitorado.
É muito desse voto tal para ser votado...

Ao dito eleitor pouco lhe pesa saber
O quanto o candidato estudou.
Questões de íntimo trato é que, de fato,
Antolham voto votado no dia definidor.
Se a quase totalidade dos votantes pouco estudo tem,
A escolha por eles feitas será deficiente também...



Sabemos nós — e sabem os partidos —
Que em Arari há o voto votado
E, dizem, também existir o voto vendido.

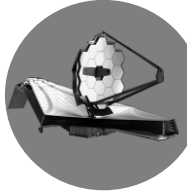
É o estado de necessidade
O grande ofensor da dignidade;
Ele obriga o carente eleitor
A votar sem tanto louvor...

Em Arari e região,
Um problema de envolta eleitoral chama a atenção:
Sem o candidato bater-lhe à porta e apertar-lhe a mão,
O eleitor tal nele não vota, não.
Essa regra do atraso vigora à socapa,
E tão cedo dela Arari não escapa...
Os tipos políticos citados neste breviário
Têm em comum um ponto lastimável:
O total desapego literário.

As administrações de Arari não têm história,
E as das vereanças também;
Ninguém parece capaz de produzir
Matéria de 1 parágrafo,
Ou de escrever livro de 1 página...

É a história local quem se ressente
Com as parcas letras dessa gente...

# D’outras flores do meu vergel



# D’outras flores do meu vergel

Tomado de inibições,
Mas com um recôndito bem-estar,
Confesso que em outros lindos corações
Fui tantas vezes repousar...

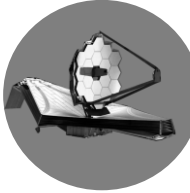
Enleios diversos compuseram-me a biografia,
E não podiam — sinceramente! —
Ficar cerrados em minha boca fria.

Poetas cantarem seus amores
Nunca foi e jamais será pecado.
Quem os viveu que os cantem,
Se julgarem devam ser cantados.

A lembrança de tais instantes
Hoje remexeu-se na praia morta,
E fez uma saudade refrescante
Bater secreta em minha porta.

Ou deveria eu mandar embora
Esses sentimentos macios,
Que podem afetar outros brios,
Se postos da intimidade pra fora?
Não, não deveria.

Meus próprios olhos viram
(Tão de perto!)
Límpidos sentimentos publicados nas



*Vozes veladas, veludosas vozes,*
De faces femininas, fascinantes,
Fervilhantes e faiscantes...

Tantas minúcias vejo delas
Nas mais diversas janelas:
O curvar do rosto ao espelho
Para o elegante batom renovar,
Nunca sem antes os lábios premer,
E concluir a arte perfeita,
A novo glamour esbanjar.

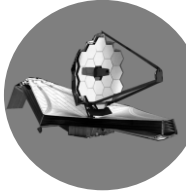
E quando com ar de riso sou visto,
Apreciando a bela cena,
Um bem-vindo porquê me antena:
— De quê estás sorrindo?

Recantos visíveis de paraísos,
Brotados de cada rosto,
Amei com extremo bom gosto
Os mais diferentes sorrisos.

Formavam lindas telas
— Vezes não poucas —,
Pintadas por elas,
Os risos que riam os olhos,
Os lábios e as bocas.

O vestir-se — um ato sem fadiga —
Cuida de pontos por nós sem avanço;
Dentre'les é bom que se diga,
O ajustar da calça ao corpo,
Quase sempre num suave balanço.

Vi um pavor ao espelho revelado
Quando um fiozinho solitário é flagrado
Bem escondido no flanco:
— Meus Deus! É um cabelo branco.



O fio da injúria,
Rejeitado de modo rude,
Não podia estar ali
Maculando aquela juventude...

Ela que pinta e se pinta,
Que ama e se ama,
Que faz da vida um festivo hino,
Faz-me lembrar de Virgínia Victorino,
A dama que devia ter amado e não amou:

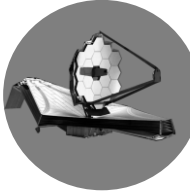
*Fui nova, mas fui triste... Só eu sei*
*Como passou por mim a mocidade...*
*Cantar era o dever da minha idade,*
*Devia ter cantado e não cantei...*

*Fui bela... Fui amada e desprezei...*
*Não quis beber o filtro da ansiedade.*
*Amar era o destino, a claridade...*
*Devia ter amado e não amei...*

*Ai de mim!... Nem saudades, nem desejos...*
*Nem cinzas mortas... Nem calor de beijos...*
*Eu nada soube, eu nada quis prender...*

*E o que me resta?! Uma amargura infinda...*
*Ver que é, para morrer, tão cedo ainda...*
*E que é tão tarde já, para viver!...*

Pesa-me muito saber
Que Virgínia não se apaixonou;
Que partira sem deixar queimar-lhe o coração
O fogo salutar da paixão;
Que viajara para a finidade
Sem levar consigo um só calor de beijo,
Um só fio de saudade!
E como pessoa alguma dirá palavra
De um só amor que amei,
Resta minha lavra para dizer que,
Como Bilac, amei a vida ardentemente;



Igual Medeiros e Albuquerque,
Amei “à farta, variadíssimamente”.

Bem mais do que Boccage, Alves e Dias,
Amei mulheres — e a vida —
Por quase doze lustros a fio,
Muito além até do que devia...

O primeiro amor “amado”,
— Ainda criança (12 anos de idade) —,
Deu-se na lancha de Zé Machado,
Em viagem ao Arari destinada.
Meu pai estava ali.

Alguém, não sei como, me pôs na rede dela,
Para com a donzela despertar
O amor no filho homem...

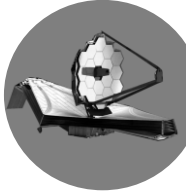
Uma lanterna indiscreta clareava-nos — vestidos! —
E eu ouvia risos de apoio
Por estarmos infantilmente unidos.

Não houve nem “cinzas nem calor de beijos”.
Existiu, sim, uma química de partida,
Que me seguiria por toda a vida.

Já maduro, flauteando a minha flauta de louvores,
Ouvi acordes frios e calientes, solidários e indiferentes,
Profissionais e amadores,
E todas as cores...

Feliz — encantado até —
Ouvi afetuosas formas de expressar dó,
Que só ouve da voz de uma mulher.

Vi e senti mãos de poetisas,
Feitas à perfeição das de Pietà,
E ao encanto divinal das de Monalisa.
Dentro, umas das outras, aquelas mãos de rubi



Afrontavam as minhas, másculas,
Tais quais as de Moisés e de Davi.

Lado a lado, dois pés heterogêneos
Estampavam o rústico e o delicado,
No silêncio de um mundo pequeno...

Nesse perigoso jogo de apostas,
Restou claro que na alma
A paixão entra oculta pelas costas.

Doeram-me lágrimas vertidas
De conexões ardentes,
Que pretendiam, às sabidas,
Colar as almas para sempre.

Naqueles ares incomuns,
Morava em mim o monarca das serestas,
Inclinado a ficar face a face
Com jardins, campos e florestas.

Sob o braço hiltoniano,
A valiosa lição de Francisco Otaviano:
"Quem passou pela vida em branca nuvem
E em plácido repouso adormeceu, (...)
Só passou pela vida, não viveu".

Só assistir a vida fluir e não vivê-la
Não estava nos meus planos.
Queria muito ao longo dos anos
Ter boas histórias para dizê-las.

Em meu vergel de vasto florir
Cultivei numerosos vasos de flores.
Poetizo alguns desses amores,
Que palmilharam na bela Arari.

Estudava no Arimatea a primeira namorada,
A quem chamarei Azaleia.
Nosso estar durou quase nada.

Deixou, porém, aquele ensejo,
A marca infinda do primeiro beijo.

Foi ali, na praça Major Pestana,
(Antigo largo do Cruzeiro),
Que por inteiro lábios se tocaram,
Numa noite fagueira da semana.

O verbo novo ‘‘namorar’’,
O rosto noutro rosto unir
Faziam as mãos suarem
E até a orelha esquentar...

Mas nós sumimos um para o outro,
Como somem certos vizinhos,
E não mais nos vimos
Ao longo de nossos caminhos.

Anos e anos passados,
Dela tive a última notícia
Que adiante registro, consternado.

Ao vir de um dia pandêmico de abril,
Enquanto lia ideias de Agripino Grieco,
O celular me avisa, em tom seco:
“Arari perde mais uma para a Covid-19”: *Azaleia.*

A prematura morte dela é um golpe vil do destino.
Comovido, volto páginas de Grieco para ler
*O Cadáver de Virgem*, de Luiz Delfino:

*Estava no caixão como num leito,*
*Palidamente fria e adormecida;*
*As mãos cruzadas sobre o casto peito,*
*E em cada olhar sem luz um sol sem vida.*

*Pés atados com fita, em nó perfeito,*
*De roupas alvas de cetim vestida,*
*O torso duro, rígido, direito,*
*A face calma, lânguida, abatida...*

*O diadema das virgens sobre a testa,*
*Níveo lírio entre as mãos, toda enfeitada,*
*Mas como noiva que cansou da festa...*

*Por seis cavalos brancos arrancada,*
*Onde vais tu dormir a longa sesta*
*Na mole cama em que te vi deitada?*

Azaleia partiu, deixou de ser gente.
Era só um corpo frio,
Dentro de uma urna deprimente...

Bergônia surgiu de um fazer jornalístico.
Nosso impresso ganhara em Arari ruas e praças,
Em meio a uma política motivadora da massa,
Para eleger quem não se demora e logo passa...

Sempre fora do nosso amor hesitante,
Mas o consentiu *ex toto corde,*
E o viveu bastante.

Em águas d'uma fonte escondida,
Numa manhã esplendidamente calma,
Ela molhou-se de corpo e alma,
Completamente despida.

O corpo desnudado, em clara pele
Mergulhou e logo ressurgiu,
A lembrar-me da Vênus, de Botticelli.

El'ouvira de si os próprios murmúrios,
E num minúsculo Itans
Gozara os melhores augúrios.

Dias à frente,
Bifurcam-se os caminhos da gente,
E daquele amor de verão secou-se a corrente.

O Maranhão se antena,
E grupos de *WhatsApp* se tornam Liceus.

Num deles encontro Verbena,
Uma geração mais jovem que eu.

Residia e trabalhava na nossa Arari.
Tão moça e tão bela, capaz de
Enamorar gente daqui e dali.

A jovem professora,
Apaixonada por leitura,
Era uma mulher sedutora,
Plena de alegria e bravura.

Uma evasiva para de novo vê-la
Surgiu de um acontecimento infeliz:
A leucemia — maldita hiena —
À vida do amigo Zé Francisco pôs termo.
Viajo ao Arari para o enterro,
Não sem antes combinar com Verbena.

Sozinho chego ao Santo Antonio,
Pouco antes da sete da manhã.
Junto-me às dezenas de presentes,
Cumprimento do defunto a irmã,
Qu'eu muito já vira feliz, sorridente...

Uma multidão sem-fim o velório acompanha.
Dou o último adeus ao amigo,
Imóvel bem diante de mim.

Reúno-me com o amigo Celso — o Carcará —
Que a nós permitia, nos anos de escola,
Assim o chamar.

Converso com Nonato, de Zélia,
E com Cesar Garcia;
Com eles faço uma selfie,
Enquanto o cortejo inda não se inicia.

Dezenas de carros enfileiram-se
A partir da Rua Balbino Costa,
E lentamente seguimos a dor da cruz imposta.

Na rua da Alegria — bairro Perimirim —
A fileira não anda mais;
Desço e fotografo a longa fila de carros
Que segue até após a curva que a rua faz.

Longe vejo o comércio do seu Antonio Silva.
Ali, aos treze anos de idade,
— E sem nenhuma maldade —
Meti-me em conversa de adultos.
Dissera eu uma fala de horror,
Que me custou uma segunda surra,
Esta dada por um tio-avô.

Outro tio — fumante viciado —
A seu Antonio pede uma caixa de fósforo
Para mais um cigarro acender.
Entro na conversa e cometo o delito:
— Se o senhor tiver a caixa, eu tenho o palito!
Nada pressinto... Entramos na C-10, vou na carroceria.

Ao chegar a casa, meu tio pede à minha mãe:
— Darcy, me dá um cinto.
— Pra quê, meu irmão?
— Hiltinho me fez passar a maior vergonha,
Na frente de Antonio Silva.
O cinto é dado e eu sou surrado impiedosamente,
E ao Mearim sou mandado
Para banhar de corpo quente.

Corrigir, espancando filho de parente,
Era ato recorrente,
Na Arari de antigamente.

Dali a pouco, à direita, bem na esquina,
Uma casa é só sombras dos antigos moradores.

Por décadas fora o lar dos pais de Gardênia,
A bela com a qual vivi ligeiros amores.

A alienação do imóvel empreendida
Sepultou a história ali vibrante,
De gente bem conhecida.

É como se, aos meus olhos,
A venda tivesse matado a casa.
Aquela gente toda foi-se embora
E o passado não mais se casa
Com a paisagem fria deste agora.

Gardênia foi sorver outros ventos,
E tornou-se elite na capital,
À custa integral do seu talento.

Um dia nos encontramos na festa de posse
De um conhecido desembargador;
Ela, já distante da adolescência,
Cuidava bem da própria aparência,
E mantinha notável esplendor.

À frente, fazendo vista com o mercadinho do Perimirim,
Residia seu Zé Caiçara, homem de longevidade rara,
Que viveu mais de um século.

Era janeiro de 2003 o ano que o entrevistei.
Na época eu era acadêmico,
E no jornal da academia a entrevista publiquei.

Fascinou-me a linguagem coloquial
Que o ancião naturalmente expressava.
Sobre a eleição do filho,
O ex-prefeito Dico Caíçara, assim se expressara:
— Até aquela preta, Margarida Precisão,
Fazidera de narquia, tava lá.
— Quando *nois* chegamos no Arari,
O povo tava apinhadinho, esperando a decisão.
Indaguei se na época havia muito peixe em Arari.

Respondeu que sim. — Tapava de pari.
Pegava canoa cheia de peixe.

Quando pergunto de qual brincadeira gostava mais,
A resposta é imediata e vivaz:
— De dançar. De valsa “pra riba, panhava tudo”.

Pergunta-me ele sobre um velho amigo:
— O que é feito de Tunico Santos, rapaz?
Falei: está em São Luís.
— Nunca mais *vi ele(sic),* rapaz. Era meu amigão.
Enchia num sei quantos côco manso, de cachaça,
Rulhado, pra *nois* beber. A gente bebia de acordo.
Nunca me embriaguei.
(O amigo do seu Zé fez 100 anos em jan.2023)

Por fim, peço-lhe uma mensagem
Para os que lerão a entrevista:
— Olha... A gente, por ter alguma coisa,
Ajude aquele que não tem nada. Sabe por quê?
Esse que tá atirado no chão, quer *livantar(sic).*
Se você não dar coisa nenhuma, ele não livanta nunca!

Por estas ruas, ainda nu,
Andava meu avô materno, Clemente;
Nascera em 1907, e era do Perimirim residente.
Bem jovem mudou-se para as margens do Grajaú.

Talvez seja eu dos últimos da descendência dele
— Consciente do parentesco e da história —
A disso lembrar nesta hora (2022);
Essas coisas tendem a fugir da memória,
E com o tempo vão-se embora...

O igarapé Ubatuba é logo adiante.
Possui ele estórias incríveis,
E duas delas no ato recordei,
Contadas pelo centenário Caiçara,
Que acima mencionei.

Foram seu Zé e um amigo o igarapé tapar,
Na esperança de muito peixe pescar.
Após o serviço — feito na madrugada! —
Ambos deitaram numa meançaba,
Para só despescar o peixe ao raiar do dia.

Horas depois, forças do além
Na meançaba batiam, batiam,
E assustados a lamparina acendiam,
Mas não viam ninguém.
— Não era nada.

Voltavam outra vez a deitar,
Mas, de novo, na meançaba batiam, batiam,
E a ninguém viam.

Tomados de pavor, ambos correram a casa,
E só de manhã retornaram,
Para o peixe pegar.
Mas para a desfeita da dupla,
Não havia nem uma piaba lá.

Dele ainda ouvi mais uma estória,
Contada com muita fé;
Ocorreu com o tio dele, Manico (Pedro Saraiva),
Dono do engenho vizinho ao igarapé.

Ao som da batida da peixada,
Saraiva tapou o Ubatuba,
E foi pra casa aguardar a hora de despescar.
Quando sozinho retornou, na escuridão do lugar,
"Um homem acompanhou com ele,
Mas não falava nada...".

Pedro assustou-se, e gelado de medo,
Ao engenho Santa Margarida voltou,
E nunca mais no Ubatuba pescou.

Em 2021, revi do mesmo lugar fotografias,
Em três estações vazias:

A memória morta do engenho, (de Pedro Saraiva),
A fazenda em prantos (de Cipriano Santos)
E um abandonado parque ambiental,
Feito assim por Decreto Municipal (Nº 23/2017).

A propósito dos engenhos
Que moviam a economia local,
Dei com este texto em jornal
Provando da terra o grande empenho:

*Em Arari eram fabricados nos engenhos dos*
*Srs. tenentes-coroneis José Antonio Oliveira*
*E José Antonio Fernandes e do alferes*
*Antonio Felipe Pimenta Bastos*
*Cerca de vinte mil arrobas de açúcar.*

*O engenho do tenente-coronel José Antonio Oliveira*
*Era movido a vapor, e considerado um dos melhores*
*Da província do Maranhão,*
*E o do tenente-coronel José Antonio Oliveira*
*Produzia excelente açúcar, sobressaindo-se*
*Entre os fabricados pelos outros concorrentes.*
(O Combate, de 23 de janeiro de 1934)

Ao tempo em que era Fazenda Santa Margarida,
Uma plêiade de ararienses esteve ali reunida.
Era um domingo de alegria e no local estiveram:
José Moreira, Clóvis Morais e Antonio Garcia;
Não só eles, outros tantos:
Pedro Alcântara, Teodoro Batalha, Cipriano Santos,
Thiago Fernandes, José Aureliano do Vale,
E Pedro Leandro Fernandes.
(Jornal Diário de São Luís, 1947)

Logo da fazenda morta,
Vejo o lar onde residiu o seu Chico Ribeiro,
Um ex-usineiro mui amado,
Que produzia no Arari arroz pilado.
Ele, meu pai, Antonio Silva,

Mário Prazeres e Diquinho Pereira
Beneficiavam o arroz comum e o lajeado.

A lutuosa confluência ainda dista da conclusão.
Sei estar próxima a residência do ex-prefeito Leão.
Defronte da casa dele, volto o rosto inteiro
Para rever a Rua João Luís Ribeiro,
Que nos levava ao Cocal,
O melhor dos campinhos de bola,
A nos proporcionar lazer semanal.

Mais divertido a ele chegar
Era seguir pelo teso, no verão.
Invadíamos os cercados alheios,
Abaixando-nos entre as linhas de arame farpado
Até dar com os pés no lindo gramado.

O campo, de muita fama,
Era aberto, sem muros a isolá-lo;
Dele ninguém cuidava, exceto alguns cavalos,
Que lhe aparavam a grama.

Aos poucos iam chegando jogadores de todo lugar,
E ao longo da tardinha, a nossa missão era correr,
Rir, brincar e jogar.

Passo diante da casa do falecido Mário Prazeres,
Pai do ex-prefeito Raimundo,
O primeiro gestor que vi no poder, neste mundo (1970).

Entro na Rua José Aureliano do Vale,
Na qual residiu o médico João Lima.
Nela eu visitava o amigo Chiquinho, de Firmino,
E numa radiola ouvíamos, em LPs, obras-primas.

Vejo o antigo porto naval do Arari,
Que muito viveu seus dias de glória.
Hoje é um recuo esquecido na História,
Sem nem sinal do antigo frenesi.

No estaleiro, donos de lanchas buscavam amparo
Para suas embarcações ancoradas no lôdo;
Ora trocavam uma caverna podre,
Ora mudavam uma tábua de anteparo.

A draga — lancha de ferro, residente em Arari —
Inda ancora no porto, em ruínas;
Está ali como lembrança heroína
Da força para impedir o Mearim de entupir.

Transposto o estaleiro,
A quatro marcos antigos fico atento:
A Cotonnière (Hoje hospital), uma residência,
A praça do abrigo (Praça Major Pestana)
E a Balbino Machado.

À esquerda da minha fileira,
Revejo duas mangueiras,
À frente do lar de Rosa-silvestre.
Ela andava a cavalo, jogava bola,
E, naquele libérrimo existir,
Encantava nossa Arari.

Certa noite, namorantes,
Deixamos o Arari Clube
Debaixo de uma chuva incessante.
A pés, passamos a lisa ponte sobre o igarapé,
Em meio a diálogos de alegria
Que só a rua deserta e lamacenta ouvia.
Bem no alto dos postes a gente via
A fraca luz acesa mostrar nitidamente
A chuva que sobre nós chovia.

Acompanhei-a até as mangueiras,
E, como se vivesse um conto de fadas,
A casa retornei feliz, andando naquela ribeira,
Agora só, com a chuva de mãos dadas.

Quarenta anos depois de escrito,
Pesquisando no jornal Notícias,

Encontro o proscrito poeminha “Jeito de Ser”:
*Enquanto caminho sobre*
*O chão dos meus pés,*
*Eclode em razões o sorrir e o chorar.*
*Enquanto um capim cresce*
*Ao relento do orvalho,*
*Outro, verde, morre no acalento do frio.*
*E quando a cidade não silencia por jeito,*
*Eu busco num gesto a calma de mim,*
*E encontro no morro das seis*
*A paz que procuro, sorrindo e pensando...*

Surpreendo-me com o achado
E faço um vídeo, logo compartilhado.
Rosa-silvestre o recebe e emite um juízo acertado:
— Esse poema tu fizeste lá no cercado, em Arari.

Digo-lhe que a alma dos singelos versos
Repousava em uma musa que morava por ali.
Ela apenas sorri, antes de partir.

O espaço urbano diante de mim
(O antigo largo do Cruzeiro)
É uma imagem imorredoura;
Não o vejo como ele é;
Vejo-o como ele fora.
Nele, décadas atrás,
Sob queda d’água ingente,
Jogávamos bola em profusa alegria,
Quando um trovão bombástico explodiu
Bem em cima da gente.

A voz ensurdecedora, vinda da atmosfera,
Atordoou-nos na hora.
Bastou para irmos embora,
Sãos e salvos daquela terrível fera.

Um abrigo existia na praça
E tornou-se o point da cidade;

Nele gentes de todas as idades
Divertiam-se com leveza e graça.

Uma vitrola o ânimo da praça acende,
Ao tocar carimbó e Fernando Mendes.

Comícios eram realizados ali.
Em um caminhão os oradores discursavam
E revigoravam a democracia do Arari.

Onde hoje é a praça Balbino Machado
Existia o campinho do Cruzeiro;
Era um dos maracanãs de Arari,
Disponível o dia inteiro.

Circos nele se estabeleciam,
E seus espetáculos faziam.

Num deles eu estava presente.
Com as arquibancadas lotadas de gente,
O palhaço apareceu com uma grande lata
— Dessas de dezoito litros —, na cabeça,
Da qual saía fumaça espessa.

Depois de atiçar a plateia,
Disse que fizera uma mágica, e que ninguém
Conseguiria virar a lata da cabeça dele!

Insistiu naquela bravata,
E um amigo ganhou coragem imediata.

Homem viril e sem foba,
Do meu lado levantou-se Caroba,
E foi lá, virar a lata.

O palhaço inda inflamou mais o coitado,
E o deixou muito encorajado.
Quando perto do artista chegou,
Caroba sentou a mão na lata,
Que facilmente virou, caindo ali, no chão.

O palhaço, fazendo todo mundo rir,
Na maior gozação, disse bem alto:
— Aí, ó, o maior vira-lata do Arari!

O pessoal explodiu em risos e vais, sem pena,
E Caroba deu um chute na lata
Que quase voou para as arquibancadas,
Dando belo desfecho àquela cena.

Agora, meus olhos veem a icônica casa à direita,
Cujo imóvel integrava o ativo da Cotonnière;
Julgo eu ter sido a casa feita
Pra ser o centro administrativo da empresa.

Enquanto segue a lenta caravana
Lembro bem que um dia
A casa acolheu quatro freiras italianas.

Consultando a memória mui sã da minha mãe,
No vigor dos seus oitenta anos,
Recebo os nomes delas: irmãs Alzira, Josefina,
Madalena e Manuela.

Em minhas pesquisas permanentes,
Encontro no Jornal do Maranhão, de 21.mar.1965:
*Viajaram para o Arari a 3 do corrente,*
*Madre Josefina Fadda, Irmã Alzira Amoroso,*
*Irmã Manuela Zaccugnino e Irmã Madalena Visciano.*

Tais franciscanas da fé
— Nunca residentes por aqui! —,
Reluziam seus brancos hábitos
Por toda a nossa Arari.

Um grosso cordão,
— Com o triplo nó da lealdade —,
Da cintura delas pendia,
Para marcar os votos de castidade,
De obediência e de pobreza,
Que todas elas faziam.

Uma delas a missa de domingo coloria
Ao fazer vibrar bem as cordas do único piano
Que em Arari se ouvia.

Na cabeça, um véu branco luzia,
E quando o conjunto todo se movia,
Era deus, vestido de mulher,
Que a gente via...

A vistosa casa envelheceu,
Foi parar em mãos particulares,
E só poucos, muito poucos lembram
Os dias de glória qu'ela viveu.

Em 2022, Carlos permitiu-me nela entrar.
As telhas, o piso, as paredes, as portas,
E até imagens de santos mantinham a aura do lugar.

Eis que ele mostra uma datação,
Escrita num bloco de cimento: 1936.
Foi o ano de construção da casa bendita.

Jaz no corpo do hospital de Arari
A encantada armação da Cotonnière Brasil Ltda.
Aqui inaugurada em 1937, tão coberta de riqueza
Que "o mearim tornou-se uma possessão da
Famosa companhia francesa".

A história desses prédios ganha nobreza
Quando os irmãos James e André Schwob
Decidem investir parte de sua riqueza,
Ao longo do Mearim, rio muito nobre.

Primeiro constroem a casa administrativa,
— Que bem depois se torna Convento —
E nela alguém registra, riscando o cimento,
O ano da iniciativa: 1936, já citado.

Em 1937 dois longos prédios gêmeos
Erguem-se do chão, e se destacam com brio
Na paisagem da alta margem do rio.

Os franceses, James e André, assustam
A nação brasileira com sua empresa estrangeira,
Que chega para revolucionar a navegação fluvial,
A lavoura, o comércio e a mão de obra local.

Os críticos da companhia atacam-na nos jornais
E eu vou lendo o que disseram nesses anais:

Era somente o algodão seu ouro ribeirinho,
Mas "a força dos seus milhões
Abrem-se-lhe todos os caminhos".

Pode asfixiar a concorrência local
"Já tendo montado, para experiência,
Uma serraria no Arary, onde também instala
Uma officina de construção naval."
(O Imparcial, de 13.mar.1937)

Outro articulista alardeia que
"A poderosa empresa extrangeira
Estava interferindo nos sectores políticos,
Tentando predomínio sobre as Prefeituras
E Câmaras Municipais da zona (do Mearim)".

Porém... Um senão insuperável surge
Para pôr os sonhos dos irmãos por terra:
Explode em solo europeu a Segunda Grande Guerra.

O conflito tudo desaba,
E com as finanças dos Schwob acaba.

Leio decisão da justiça do trabalho,
A qual neste vernáculo antigo relata que
Em "1940 a Empreza Reclamada paralizara
Os seus serviços, em virtude de motivo de 'força maior'

Creada pelo conflito mundial".
(O Imparcial, 10 de agosto de 1944).

A *Société Cotonnière Belge-Brésilienne,*
Empresa compradora de algodão para fabricar tecidos,
Cedo daqui pega um avião (1946),
E deixa-nos um prédio "esquecido".

Um aviso na imprensa noticia a venda
De todo o patrimônio da Cotonnière
Para a firma Chames Aboud e Cia,
Incluindo as edificações gêmeas, de Arari.

Prédios herdados do Estado do Maranhão,
Por anos viraram único ginásio de esporte,
Só na modalidade futebol de salão.
Nele jogávamos os garotos do bairro,
Até se tornar hospital, no governo Leão.

O cortejo me conduz a quatro endereços,
Que à minha imaginação dão asas:
Duas ruas, um beco e minha casa.

Pedro Leandro Fernandes é a rua que celebra
Esse português octogenário (1764-1844)
— Semeador de tantos Fernandes —,
E citado por Augusto César Marques
Em seu precioso dicionário.

Ou será que homenageia o
Pedro Leandro Fernandes, ararience,
(Neto do português), filho de Vicente e de Ignez,
Que, com o auxílio de Benedita Raimunda,
A este mundo trouxe Thiago e Lucílio Fernandes?

A dúvida por certo sucumbiria
Se a nossas mãos viesse
A íntegra da proposição legislativa,
(Com a indispensável justificativa),
Que deu a esse Pedro o nome da via.

É a rua que me conquistou o coração,
E se fez passarela a todos da geração.
Nela caminhávamos entre poças d´água,
E muitas vezes metíamos os pés na lama.
Aspirávamos o pó rubro daquela dama,
E dela não guardamos nem uma mágoa.

A mais antiga imagem da rua querida
Foi feita pelo IBGE (década de 1950).
Mostra-a muito pobrezinha, inibida,
Bem diversa do que hoje ela é.

Vi-a vestir-se de piçarra,
E de tijolos ser calçada;
Chegou a ser dividida por canteiros
Estando hoje toda asfaltada.

É a rua "da minha vida,
Da minha infância querida,
Que os anos não trazem mais".

Nela, aprendi andar de bicicleta!
De moto, a percorri por meses;
O caminhão do meu pai
Nela estacionei tantas vezes.

Frente a meus olhos está a casa
Que me acolhe até a presente hora.
Quis dela conhecer a história e três fontes consultei:
Minha mãe, uma foto e o cartório.

Minha mãe — inda criança, sob alheios cuidados
Veio estudar em Arari (1954),
E hospeda-se na casa ao lado.
O imóvel já pertencia à família Santos,
Tendo meu pai o comprado em 1968,
Do senhor José Santos, que o adquirira do seu irmão,
Chiquinho Santos, em 1961.

Na foto feita pelo IBGE (década de 1950),
A casa aparece nela,
Com seis imensas portas
E nenhuma janela.

Leio e releio a escritura pública
E vejo que fora tabelião Pedro Leandro Fernandes Neto,
Um dos serventuários na nossa República.
A casa era residência e indústria, conjugadas;
Abrigava oito irmãos e meus pais,
Que ali viveram dias felizes e agitados.

À direita ficavam os cômodos de toda a gente;
E à esquerda, a uzina de pilar arroz.
Servia eu de ajudante a meu pai,
Comandante da máquina ligeira.
Trabalhava na peneira,
Enchendo o funil de arroz,
Sempre vetor de pico e poeira.

O grão do agricultor (comum ou agulhinha)
Liberado na boca do funil caía na peneira
E subia por correias repletas de conchinhas,
Que o levavam ao brunidor.

A máquina enviava o arroz pilado,
Mandando-o limpo para as biqueiras,
Que enchiam os sacos nelas fixados.

O cuí e o xerém sofriam desvios,
Para caírem noutros rincões.
A palha e detritos eram ao rio lançados,
E atraíam incontáveis piabas e camarões.

Peixes maiores do porto se aproximavam
E ararienses os tarrafeavam,
Garantindo fartas refeições.

Corda e espinhel eram também usados
Para prender mandis, surubins e outros pescados.
Era o porto de Hilton Corrêa lugar de peixes variados.

Após a movimentada trabalheira,
Era hora de jogar-me no Mearim,
E do corpo retirar toda a sujeira.

Por um quarto de século,
Meu pai abasteceu o comércio local,
Sustentou e educou os filhos,
Cumprindo bem o dever paternal.

Passada a cheia de 1974, veio setembro.
Lembro de a casa ter vivido
Um evento festivo, que sacudiu Arari:
A festa de 15 anos, da minha irmã Hildacy.

Na residência ensaiavam a valsa
15 cavalheiros e 15 damas.
Os mais belos brilhos daquela chama
Brilhavam naqueles pés-de-valsa.

A grande festa no Arari Clube teve lugar.
No salão cheio de estrelas
A multidão insistia em vê-las
Dançar Danúbio Azul, de Strauss.

A dama das damas da noite
Sua festa mais bela vivia,
E nem em sonhos sonhava
O que em poucos anos lhe aconteceria...

Vejo o beco, vazio... Único acesso da rua ao rio.
Dele carrego uma memória doída,
Por ter sido nele que levei
A maior surra da minha vida!
A experiência da dor física, torturante,
Havia chegado ao meu semblante.

Pais havia, naqueles tempos,
Aplicadores de cruéis castigos.
De ajudar a pilar arroz um dia fugi
E fui jogar bola com amigos.
Ficava o campinho no final da João Paulino,
A cerca de cem metros da Pedro Leandro.
Lá estávamos em nosso brincar,
Quando um amigo emite o alerta de arrepiar:
— Hiltinho, lá vem teu pai!

Apavorado, corro por detrás da última casa
— Morada de Seu Justo, pai de "vovô" —,
E sigo embora, fugindo do meu pai bravio.
Despreocupado, fico no final do beco, vendo o rio.

Estou observando a maré vazar,
Levando consigo fileiras de mururus,
Carregando-as para o mar.

Não percebo meu pai surgir no beco
E caminhar em minha direção,
Com um cinto na mão.

Continuo de costas, vendo o belo rio
Descer suavemente, enquanto meu pai,
Rapidamente, em mim já encosta.

Espanto-me e grito alto
Ante a dor da primeira cintada;
Sou puxado, caio no chão
E dezenas de chicotadas são disparadas.
E eu gritava, gritava descontroladamente,
Enquanto meu pai surrava-me, impiedosamente.

Cansado de bater e vingado, deixou-me...
Meu corpo ficou todo marcado.

Horas depois — sozinho, em lento compasso —
Eu percorria meu abdome, minhas pernas e braços,

E via as marcas do cinto, espalhadas,
Em tom escuro, todas inchadas e eternas.

Meu avô, ciente do feito chega a casa e,
Comigo no colo, repreende meu pai bravamente;
A resposta eu a memorizo para sempre:
— Se o senhor quiser, eu me ajoelho nos seus pés agora,
Para o senhor me bater.
Não recordo o que dissera meu avô amado,
Que nunca houvera surrado um só dos seus onze filhos...

A segunda rua que me viu menino,
Festeja um neto de um português,
Filho de Demétrio com Izabel
E se chama João Paulino.
(A rua já citada).

Era uma via toda crua,
Que aderiu à minha história.
Em pés descalço e costa nua,
Nela eu ia e vinha toda hora.

Essa artéria mui amada,
Era ali que brincávamos de bandeira;
E nela formávamos constantes fileiras
Para, nos campos, perseguir a passarada.

Nos quintais, cujos fundos davam aos tesos,
Desciam incontáveis bigodes e caboclinhos,
Que eram por nós facilmente presos.

Apreciar o cântico dessas aves
Era um dos melhores lazeres.
Vivíamos de gaiola na mão,
Admirando aqueles seres.

Rua feita parque de diversões,
Também servia para jogar bola,
Baralho e outras competições.

Jogando descalços, os pés viviam machucados;
À Dona Vineca pedíamos luz,
E ela os benzia, com galhos de mastruz.

No despertar deste século XXI,
Ali não há mais campos — só cidade!
O que restou daqueles tempos
Vive conosco no livro da saudade...

Estou na curva que a Pedro Leandro faz,
Para, à frente, ver a ponte do Nema.
Neste setor residiram importantes Fernandes,
Dentre eles Thiago, Lucílio e José Fernandes.

Nessa curva, só em duas casas havia TV:
A de Pedoca Fernandes, à direita,
E a de Durval Pires, à esquerda.
Nelas, a criançada enchia a sala,
E, sentada no chão,
Vibrava com cenas de novelas.

Um curso de datilografia Seu Pedoca oferecia,
E essa era a grande formação,
Reinante naquele humilde chão.

Quem logo se aproximam são a ponte, o igarapé e o rio,
Três ícones de brio, guardados vivos em nossa estima.

É de 1845, mês de junho,
A mais afastada fé (que empunho)
A registrar verba para construir a ponte,
Ligando as duas margens do igarapé.

O valor gasto com a obra — dizem os papéis —
Não podia ultrapassar *dous contos de réis.*
(Jornal Publicador Maranhense)

Vinte anos mais tarde, no mesmo jornal,
Alguém de pseudônimo Horácio,
Publica esta redação cristalina.

“Esta villa florescente é cortada dentro da povoação
Por um igarapé denominado ‘Nema’,
sobre o qual existe uma ponte
Em completo estado de ruína”.

Horácio parece ser o próprio César Marques,
Vez que este, em coletânea, anotou com sua pena douta:
“Comunica-se este lago com o igarapé Nema,
que passa dentro da povoação,
e sobre o qual existe uma ponte de pau,
muito arruinada, e com muitas tábuas soltas”.

Pontes de madeiras — nesse mesmo local —
Motivaram suspeitas de corrupção, e,
“alguns habitantes do Arary”
Revoltados com a má conduta,
Assim denunciaram em jornal:

*A PONTE DO ARARY*
*Pergunta-se aos srs. Francisco Raymundo Bogea,*
*Vulgo paciência, e ao coronel*
*Vicente Ferreira Rodrigues, que fim teve*
*O conto e seiscentos mil réis,*
*Que receberam do thesouro,*
*Com o título de fazer pontes,*
*No igarapé Nema.*
*Isso é sério, senador Leite?*
*Menos Cynismo.*
(Jornal A Campanha, de 7.fev.1903)

Possuem as velhas pontes de paus-d’arco
Hilárias histórias a nos deixar pasmados;
Uma delas foi a mim contada
Pelo ex-cliente Leocádio Martins Rodrigues,
Quando dele fui advogado:

Ele e três amigos carregavam, na rede, um defunto,
Para enterrá-lo no cemitério de Arari.
Vinham do Perimirim,
Numa longa distância a cobrir.

A rede era presa a uma vara,
Carregada nos ombros de dois,
Um na frente e outro atrás.

Morto no inverno,
Debaixo de chuva era o corpo transportado.
Ao passarem a lisa ponte, embriagados,
Um companheiro os pés deslizam,
E ele e o finado no rio são mergulhados.

Todos se jogam na água
Para resgatar o infeliz.
Do rio recolhem o cadáver,
Devolvem-no para a rede
E seguem até final diretriz.

Muitos outros da ponte caíram,
De carro ou de bicicleta, em plena labuta;
Um deles foi seu Firmino, com sua bike,
E um jacá cheio de tomate na garupa.

Estreita demais, a ponte cabia exato um caminhão.
Tinha só duas fileiras de tábuas paralelas
Para os motoristas passarem por elas.

Com bastante aflição, tive de por ela passar,
Guiando o nosso largo caminhão Ford,
Que cabia exato na estreita ponte.

Meu pai — que não dirigia — desceu do carro
E andando para trás, nervoso me geria:
— Pra cá, pra cá, pra lá, pra lá, rapaz.

Olhava eu para ele com olhos arregalados
E o coração na boca,
Tentando sobreviver àquela coisa louca.
Sobrevivi.

Somente em 1981 a passagem veste-se de concreto;
A obra é enfim bem-feita, sob a regência
De engenheiro e arquiteto.

Irmão do Mearim,
O Nema foi pai pra muita gente;
Ambos são ainda os selfs-servs
Que a alguns servem constantemente.

Produtor de milhões de piabas,
O igarapé fornecia a isca
Para abastecer cordas e espinhéis,
Na captura de espécies ariscas.

O camarão, a branquinha e a *curimatá*
O riacho não se cansava de dar.

Elo fundamental entre o Mearim e o Lago da Morte,
O igarapé Nema, pela importância e história que tem,
Merece sorte melhor, para não morrer
Como se fora um João-ninguém...

Ele e o Lago da Morte
Têm sido deixados à própria sorte.
Ninguém os vê com olhos de encanto
Capazes de bem preservá-los aos quatro cantos.

Outrora, em 1934, um anônimo escreveu:
"O lago da Morte, que fica situado
A meia légua da povoação do Arari,
É muito saudável.
No verão, mede meia légua de circunferência,
E, sendo rodeado por campos baixos
Que o invadem com as chuvas,
No inverno mede quatro léguas."

Que o Nema de restaurante servia, é fato.
Mas, vez por outra, usávamos dele
Para praticar o furto de patos.

Numa lancha, no porto vizinho,
Reunimos meia dúzia de amigos.
Numa canoa partimos eu e Tutu
Para roubar os alheios patinhos.

Era eu o popeiro a conduzir a embarcação;
Cabia a Tutu a ingrata tarefa
De tarrafear a criação.

A lua solene clareava-nos o caminho,
E a canoa deslizava mansamente
Em meio àquele poético escurinho.

Vez por outra o silêncio de tudo
Era quebrado por nossas vozes de veludo.

A velha ponte do Nema
Ainda era uma esculhambação.
Por baixo dela passamos
Para realizar a ineficaz ação.

Discreto, falando baixinho,
Tutu ordena-me seguir
Da margem esquerda mais perto,
Onde, sabia, os patos dormiam:
— Encosta, encosta, Hiltinho.
Pouco antes de a canoa tocar a beira,
Tutu tarrafeia e rápido salta
Para recolher o fruto d'asneira.

Assustado, volta correndo, com a tarrafa na mão:
— Vamos embora, vamos embora, Hiltinho.
— Cadê o pato, rapaz?
— É uma pata. Tá cheia de patinhos!

Meu amigo apiedara-se
E não carregara a mãe dos bichinhos;
Agiu como deveria agir,
Num momento difícil de bem refletir...

Fracassados, à lancha voltamos de mãos vazias,
E aquele ato travesso e *contra legem*
Fez Tutu inesquecível desd'aquele dia.

Ao fim da ponte,
Vejo o cadáver da rua principal,
Que já fora de Arari um belo cartão postal;
Era todo enfeitado por habitações,
Em cujo porto ancoravam vapores, lanchas e batelões.
Hoje, desponta lacrimável, como orla irrecuperável,
A crivar de angústias muitos corações.

O empório da vila arariense
Andava nessa rua todos os dias.
Nela estavam a igreja, a cadeia,
A intendência e a delegacia.

Em 1919 ocorreu ali um fato grandioso,
Relatado na obra Arari — Candidatura à Intendência,
De autoria do eminente professor Cardoso.

Estudo a fundo esse acontecimento,
E de tudo trato neste tomo,
E num vídeo hospedado na minha página
*www.hiltonmendoncaarari.com.br* e no *Youtube.*

Uma inovadora tecnologia de então
Nessa rua foi instalada,
E jornais anunciam a inauguração:
"Communicam-nos da repartição dos telégraphos
Que no dia 28 de julho passado foram inauguradas
As estações de Axixá, Arary e Villa do Paço do Lumiar,
Neste Estado". (Jornal Diário de S. Luiz, de 10.8.1923)

A linha telegráfica
Dava à vila um salto nas comunicações;
Ligava Arari a Itapecuru-Mirim
E, depois, com outras regiões.

Por essa rua, íamos e voltávamos da escola.
Mas está hoje completamente em ruínas.
Os maus gestores deram-lhe essa triste sina,
Enquanto a memória por ela inda chora...

No já distante 1855,
Para tirar a Carta Hydrográfica do Mearim,
Nela esteve o visconde de Saint-Amand,
Que nos anais da imprensa manifestou-se assim:
*"A igreja é pequena mas bonitinha.*
*Como ela tem a frente para o rio e*
*é flanqueada de casas por um e outro lado,*
*apresenta esta rua a aparência de um caes".*
(O Observador, 1.dez.1855)

Encontro em O Jornal (1916) duas fotografias
Que parecem a mim mostrarem
A mesma magia relatada pelo francês:
Uma rua comprida,
Com uma igrejinha ladeada de casas,
Cuja torre e a cúpula viam
Os que pelo Mearim navegavam.

O jovem engenheiro Henrique de Saint-Amand,
Que três anos depois falecia em Caxias-MA
(Jornal *A Nova Epocha*, jun.1858),
Ainda registrou, sobre nossa querida Arari:
"A 28 de agosto (de 1855) pela manhã chegamos ao Arary,
aonde apenas tive tempo de saltar
em razão da curta demora da canoa.
Arary é uma povoação que me parece conter
quarenta ou cinquenta casas,
algumas das quais são de telha e bem construídas".

César Marques, contemporâneo de Saint-Amand,
De Arari nos disse:
"Em 1856 tinha esta povoação 40 casas de telhas,
90 de palha, 1.086 habitantes, sendo 313 escravos,
e 8 lojas ou quitandas. Em 1864 contava 2.500 almas.

Segundo o recenseamento de 1871
a população era a seguinte: moradores, 2.843;
(...) Casas habitadas, 419".

A rua principal de Arari,
Em tantos anos que se encerram,
É uma infeliz e dolorosa ruína,
Que pranteia a história da nossa terra.

A famosa fotografia de José Ribeiro,
Feita de um ponto do Mearim,
Mostra a rua enfileirada de imóveis,
Bem diferente disso, diante de mim.

Noutra foto vejo a largura
Que a rua tinha noutros ares;
Consta na capa do *Ressonância de Ecos*,
De autoria do arariense José Soares.

Da rua comparo as larguras
Que tinham no passado e no presente;
O tanto que erodiu, sem ação eficiente,
Atesta falta de competência da prefeitura.

Há décadas a engenharia é polivalente,
Mas em nossos prefeitos e vereadores
Esteve morta a singular desenvoltura.
Arari vai erodindo cada vez mais.
A pororoca come as margens ribeirinhas,
E vai destruindo a orla inteirinha.

O rio, com seus meandros,
Já algum tempo aos políticos avisa
Que vai partir a Pedro Leandro.
Nada é feito, por vereador ou prefeito,
Que se antecipe ao desastre eleito.

Segue o cortejo a viagem da triste cena,
E eu estou a dois passos do imóvel
No qual funcionou a Boite Nema.

Era neste largo, na piçarra pura,
Que erguiam um mastro alto
— alto de dar medo! —, era o divertido pau-de-sebo,
Com presentes amarrados nas alturas.

A garotada ali se reunia
Na mais vibrante algazarra;
Estava eu no meio daquela farra,
Iludido que um prêmio pegaria.

Os espertões deixavam a garotada tentar primeiro,
Para diminuir a liseira, contida no mastro
Enfiado no chão.

O prêmio só era alcançado
Após o mastro estar bastante alisado.
Dessa empreitada, sempre saí decepcionado.

Na boate, minha geração dançou,
Bebeu, paquerou e namorou;
Sentada no chão,
De filmes assistia a reprodução;
Encantada, divertia-se com a chegada
Da luz negra, uma revolução.
O imóvel dava o fundo para o igarapé;
Nele, algumas vezes encontrei Jasmim.
Sentados num banco de madeira,
Entre as idas e vindas da maré,
Uma suave brisa passava por ela e por mim.

Ouvíamos músicas e trocávamos afagos,
Vendo o Nema correr tranquilo para o Lago.

Uma foto minha, certa vez,
Ela guardou com carinho,
Mas não dei ao belo gesto
Todo o significado qu'ele tinha.

Pedi a foto de volta,
E ela a encostou no peito.
Até hoje me constranjo
De ter agido daquele jeito...

Nosso amor de verão ficou pelo caminho;
Não era algo sério. Somente em 2021,
(Finados, em Arari)
Deparei-me com aquele rostinho,
Venerando os seus no cemitério.

Por dois minutos ali conversamos,
Algo do passado revisamos,
Ela seguiu para prezar seus ascendentes
E eu rumei para a porta da frente.

Chegamos ao Farol da Educação
— Local do antigo mercado —,
O único açougue da cidade.
Com sua peculiar historicidade.

Próximos estamos da morada sem mistérios
Que a José Francisco Lima vai receber.

O imponente cemitério foi assim visto
Por um passageiro de um vapor,
Que da embarcação desceu para
Rapidamente o Arari conhecer:
“Ao lado do extensíssimo campo
Em cuja margem acha-se assentada a pitoresca Villa,
Vê-se uma colina, coroada pelo lindo cemitério que,
Ao avistar-se, ao longe,
Assemelha-se aos antigos castelos feudaes”.
(Jornal Pacotilha, de 19.maio.1906)

Nesse tempo, quase a Arari inteira
Esticava-se só pelas margens do Mearim,
Tendo os pés nos Barreiros e a cabeça na Rua da Beira.

Defronte do Farol do Saber,
O cortejo vira à esquerda,
E eu dou por cumprido meu dever;
Despeço-me do saudoso amigo,
E saio da cena para encontrar com Verbena.

(Abro neste ato um parêntese importante,
Para registrar algo mui relevante,
A respeito do citado Farol:

Anos à frente deste instante de sol,
Eu concluo promessa ao governo de Arari,
De preparar uma linda estante
Com 622 livros da minha biblioteca,
Para levá-la ao Farol do Saber.

Passo meses de ararienses reunindo a literatura,
E alcanço a bravura, de perfilar lado a lado,
Perto de noventa por cento dos autores publicados.

Gasto incontáveis horas e dias
Transformando a estante em uma
Obra-prima da bibliografia:
Raras obras do idioma alemão,
Da língua russa e francesa,
Do inglês e do espanhol,
— E até o latim e o tupi —
Estarão em Arari, ao alcance da mão.

Obras completas de Rui, Drummond, Cecília e Bilac
Juntam-se às de Carl Sagan, Steven Levistky,
Dan Brown, Sílvio Romero, Amoroso e Yuval.
Antologias de mais de cem anos
Fazem companhia para muitas
Publicadas hoje em dia.

História do Brasil, do Maranhão,
De Arari e da Baixada Maranhense estão ali,
— Em mais de cem volumes —,

Aguardando o manuseio de mãos desejosas
De um saber, que possa vir a lume.

São quinze prateleiras cheias de livros físicos
Que foram por mim emprestados,
Mediante contrato de comodato,
Ao querido Município arariense.
Que todo o raro acervo seja útil, cuidado e amado...)

Para avisar Verbena do nosso encontro a iminência,
O carro estaciono bem ao lado do Colégio Arariense.
Tomo em mão o celular, ergo os olhos e vejo
A última sala, na qual eu, garoto, buscava sapiência.

Da janela, ao tempo daquela mocidade,
Vi muitos policiais federais reunidos na rua
E na porta da casa em frente,
Com a missão urgente
De prender o falso médico da cidade.

O exercício ilegal da Medicina era,
Em muitas cidadezinhas,
Um lugar-comum, uma triste sina.
O enfermeiro preso naquele ato
Respondia pela alcunha CH4.

De uma atuação convincente
No Colégio Arariense bem me lembro:
Representei Tiradentes, em desfile de Sete de Setembro.

Mandei revelar uma foto
(Feita ainda em binóculo!)
Que me mostrava mui moço,
De barba longa, túnica branca
E uma corda envolta do pescoço.

A meu lado, um carrasco-companheiro
Compunha a bela cena, que agradou Arari inteiro.
O cenário que agora atentamente vejo
Tem à frente o memorial do padre Clodomir.

É uma casa cheia de lampejos,
Que também fora internato,
E deste algo revelarei aqui.

Pais esforços não mediam
Para seus filhos internarem no lar, amargo lar,
Do padre colinense, que veio para cá.

Amargo pelo educar torturante
Que o padre impunha aos internos;
Surrar-lhes era algo constante
Como modo de vê-los subalternos.

Da casa tenho clara visão, em perfil,
Dela vendo as duas janelas laterais.
Então, lembro do que me dissera meu tio
Em entrevista, alguns bons anos atrás:

Num dos dias de fome, que doía,
Estando o padre ausente, em desobriga,
Edmilson e outros tentaram furtar leite em pó,
Doado pela Cáritas, instituição que socorria
Aqueles aos quais tinha dó.

Ao tentar acessar o local para o leite obter,
Empurra uma janela e um tijolo que a calçava
Cai bem em cima da bilha do padre.
A bilha era uma garrafa de barro
(Que ninguém podia mexer), a qual assentava
E esfriava a água para o padre beber.

Denunciado por Anastácio, o padre chama Edmilson
Para explicar-se, e ele o faz assim:
— Foi você quem quebrou a bilha?
— Foi sim, padre.
— Quebrou porquê?
— Por que eu estava com fome e tentei abrir a janela
Para pegar um pouco de leite pra mim.

O reverendo só o adverte, agindo como amigo,
Mas o avisa que no próximo erro terá castigo.

Dentre os internos daquele alvoroço,
Estavam Manoel Gomes, Iron e Homero,
(Este do Pindaré), o Charles, de Santa Luzia,
E o Jackson, "um cara queimado, no pescoço."

Indago sobre uma fuga do internato,
E ele me reproduz a história:
— Foi num domingo à tarde;
Iron, Charles e Manoel Gomes pularam a cerca,
Pegaram aquele teso e foram embora.

Um da equipe do padre o fato denuncia,
E recebe a seguinte ordem:
— Vai chamar o José Calixto,
Pra vir pra cá com o Jipe.
Calixto e o padre rumam ao teso,
Vão até certa parte.
Os fugitivos ouvem do jipe o alarde,
Escondem-se por entre os arvoredos,
Mas não adianta, todos são presos.

Pelo grave crime cometido por aqueles,
Meu tio-avô me diz a pena aplicada:
— O padre bateu muito neles.

Pergunto a Edmilson, também,
Se ele viu, com os próprios olhos,
O padre bater em alguém.
A resposta é esta, que transcrevo inteira,
Como convém:

— Uma vez eu vi, numa aula de cântico,
Ele dá uma porrada na cara de Zé Ericeira.
Hilton, mas foi uma coisa tão humilhante!
Foi lá na igreja. Ele mandou Zé Ericeira tirar o hino;
Ele ainda era um rapazinho;
Acho que ficou com vergonha,

Ou talvez a voz dele estivesse mudando,
E ele teve dificuldade de cantar com a melodia do hino,
E cantou desafinado,
E o padre deu uma porrada na cara dele!

— Meu Deus do céu!... Todo mundo ficou apavorado.
Eu o vi fazer isso com Zé Ericeira
E o vi fazer com Silvino, filho de Zé Padeiro,
Irmão de Marcelino Everton.

Por que que ele bateu no Silvino?
— Lembra aquele salão grande
Onde antigamente era feita a projeção de filme?
Então, ali, naquele salão, bem na porta,
Funcionava o primeiro ano
E mais no fundo funcionava o segundo ano.
Aí, o padre estava dando aula
E o Silvino se levantou
E ficou como se tivesse procurando o padre,
Olhando por uma aberturazinha
Que tinha na divisória das salas.
Rapaz... O padre veio de lá, e bateu tanto no Silvino,
Mas bateu, bateu, bateu.
Hilton, eu tremia de medo desse cara.
Ele bateu só com a mão? Foi.
Eu o vi bater de cacete só nos três fujões
(Iron, Charles e Manoel Gomes).
Cacete de cedro que ele tinha.
Ele deu uma porrada tão grande na cabeça do Iron,
Que o cacete rachou, e o sangue desceu!

Ante tais atos — que hoje a lei tem de punir —, intercepto
E questiono se ninguém nunca reagia a essas agressões.
— Não, nunca. Era um medo enorme. E assim:
Os pais eram capazes de aplaudir;
Davam todo o apoio pro padre bater.
Era a cultura da época..., responde ele.

Qual a rotina que o padre tinha lá no internato?
— Acordava as seis horas da manhã,

Ia na porta do nosso quarto
(Lá todo mundo dormia de rede), batia na porta e dizia:
— Vamos ao banho.
E o banho desses muitos rapazes, onde era?
— Era lá no cais, no rio Mearim.

Anos após ter dado esses fatos à posteridade,
Edmilson faleceu em abril de 2023,
Aos setenta e seis anos de idade.

Em minhas buscas pela história arariense,
Meu ex-colega de Banco do Brasil, Zé Carlos,
Me leva a seu pai, José Carlos de Oliveira
(Carrinho Oliveira),
Um dos primeiros internos do padre,
Da turma de 1946.
Indago a seu Carrinho quantos internos havia na casa:
— Nós éramos parece que dezesseis.
A casa era pequena, não cabia mais.
A sala da frente era o colégio, de 1º e de 2º ano;
A outra também servia de sala de aula,
E no quarto dele, ele ensinava outra turma.
Ele dormia nesse quarto, com a mãe dele.

Seu Carrinho, em tom informal,
Me informa como era a higiene pessoal:
— (Nós banhávamos) Na rampa.
E o padre ficava lá em cima da rampa,
Vigiando a gente; e ninguém pegava num cabo
De um batelão daqueles que estivessem ancorado ali...;
Se pegasse, ele retirava do banho e colocava de joelho.
Segunda-feira não tinha banho,
Só molhava o rosto e tal.

— Cada um tinha uma bacia de esmalte,
Um copo, um prato etc.

— Depois que entrava na casa do padre
Não podia mais sair;
A gente ficava no quintal, de tarde,

Conversando um com o outro,
Em cima das toras de pau,
Que eram usadas para fazer bancos para a igreja.

— O banheiro lá, o sifon, era aquela caixinha de pau,
Com um buraco pra lá, outro pra cá,
E um buraco fundo no chão.
Só tinha esse banheiro pra todos usarem.

O padre banhava no rio com vocês?, pergunto.
— Não, ele só banhava em casa.
Tinha uma pessoa que botava água pra ele banhar.

A relevante obra do padre Brandt
Pela Baixada Maranhense se espalha;
Vida e obra dele estão bem registradas nos livros dele,
Nos de José Fernandes e nos de João Batalha.

*Existe um Arari antes e outro*
*Depois do passageiro d'Aurora.*
*Em tempos de outrora,*
*— com a chegada de Clodomir —*
*Multiplicaram-se os estudantes*
*Da nossa bela Arari.*

*Nascido em 22.nov.1917,*
*Sua influência entre nós inda hoje*
*Reflete o educador incansável,*
*O monsenhor onipresente,*
*O jornalista notável.*

*Nascera num dia de hoje*
*— Há mais de cem anos —*
*E nós agora o reverenciamos*
*Com o afeto e o carinho do nosso povo.*

*Padre Brandt veio, serviu e partiu,*
*Deixando-nos um Mearim*
*Repleto de flores,*
*Ao longo do nosso jardim.*

(Poema que circulou nas redes sociais,
por ocasião do aniversário de nascimento
do padre Brandt. Arari, 22.nov.2023)

Dou partida no carro, sigo,
E vejo o fundo da igreja.
Relembro aulas de oratória, os festejos
E mais um fato que ocorreu comigo.

Minha querida mãezinha uma promessa fez para eu pagar,
Acaso fosse aprovado no concurso do Banco do Brasil:
Teria eu de a uma santa metade do meu primeiro salário doar.
E numa bela manhã do ano de 1984
Eu e ela entramos nessa igreja, vazia;
Em minhas mãos, um envelope branco volume fazia.
E no alto, aos pés da santa,
O desejo de minha mãe eu cumpria.

Ali, o dinheiro fica alguns meses intocado,
Sem que ninguém cometa o pecado
De consigo levá-lo embora.

Conta-me minha mãe
Que o pedreiro Antonio, de Berto,
Localiza e recolhe o envelope, já empoeirado,
E ao padre entrega todo o valor ofertado.

Até agora guardo um grão de mágoa
Por haver minha mãe de mim retirado
O mérito daquela grandiosa vitória,
Fruto de tanto estudo por mim estudado...

Lanço o olhar em toda a dimensão da João Inácio Garcia,
E lembro da quadra do padre, onde nos divertíamos;
Era ali que jogávamos futebol de salão.

A escola inteira montava seus times
E se preparava para campeonatos.

Poder calçar uma conga ou kichute
Era grande alegria daquele fato.

O local também dispunha
De uma singelíssima lanchonete;
No cardápio de então, lembro que serviam
Picolé, refresco e bananada com pão.

Mas o item favorito,
Que disputava a preferência da rapaziada
Era o famoso picolé de coalhada.

A quadra era também lugar
De recebermos “aulas de educação física”,
Que eram a prática de atletismo,
Como disciplina curricular.

Tomo a av. Dr. João Lima,
Assim nomeada em memória do médico arariense,
Vitimado pelo trânsito, em novembro de 1970.

O corpo dele bem em frente de casa parou,
Dentro da rural que o transportou;
Vi enorme alvoroço, naquela noite de horror.

Fora ele atender uma parturiente,
Dirigindo seu próprio jipe,
Quando adveio o acidente.

Em Arari enterrado,
Seus restos repousam ali,
Em túmulo não-identificado.

Um dia, indaguei a um parente
Onde ficava o jazigo do estimado ente:
— Fica debaixo da árvore imponente...

A avenida fora sambódromo, no carnaval de 1986.
Várias escolas de samba troféus disputavam,

E na Turma de Frente de uma delas
Estávamos eu e outros três.

Ao avistar a sede do governo,
Relembro outro dia da infâmia,
Que ganhou destaque nestes termos:
A 20 de outubro de 2006,
A prefeitura de Arari é sitiada,
Por uma patriotada enraivecida
Com uma gestão pífia, adormecida.

Ante o desgoverno reinante,
Moradores se agregam para reagir,
E da calçada da Câmara de Vereadores de Arari
Marcham para a sede do Executivo invadir.

Uma comissão parlamentar se faz presente,
Dando um perigoso apoio moral,
Que muito atiça a veia radical daquela gente.

É final de tarde.
Um carro de som incita manifestantes,
E estes chegam à prefeitura em instantes;
Pedras são atiradas sem hesitação,
Dando início do prédio público a depredação.

Centenas de bons sujeitos, agitados,
De todas as regras democráticas esquecidos,
Invadem o imóvel, desassistido.

A polícia aparece, prende um invasor,
Mas a massa contra ela se arremessa
E a obriga a libertar o agressor.

A diminuta força retorna à delegacia,
E fica à espera de reforço
Para conter o vandalismo daquele dia.

Já é noite na ribeira arariense do Mearim,
Quando a polícia finalmente reaparece,

Mas apenas para fazer uma prece,
Na qual diz que a prefeitura ficou assim:

*"Todos os documentos contábeis*
*e licitatórios foram destruídos,*
*bem como todo o arquivo vivo da prefeitura,*
*além de computadores, mesas, ar-condicionados,*
*cadeiras, sofás, estantes, portas, janelas, lâmpadas,*
*balcão, divisória, ônibus escolar, ou seja,*
*todos os bens móveis da prefeitura foram quebrados,*
*destruídos, e, em alguns casos, incendiados.*
*Foram também furtados bens móveis da prefeitura,*
*assim como merenda escolar".*
*(Certidão Policial n. 693/2006).*

No *day after* do 8 de Janeiro de Arari,
Documentos havia pelo chão da avenida,
Espalhados pela turba enfurecida.

Diverso do assalto aos Três Poderes,
Nem um daqueles faltos seres
Fora denunciado para responder
Pelos graves crimes praticados.

O 8 de Janeiro de Arari mergulhou na impunidade,
Numa grave falha dos poderes públicos da cidade.

Pela João Lima eu chegava à Rua da Franca,
Para muitas e muitas vezes visitar
Meus avós, Dica e Clemente,
Vindos d'algures para viverem perto da gente.

Adorava estar com eles, e eles, comigo;
Conversávamos por horas,
Como dialogam os grandes amigos.

Eu era o amado neto
A quem os avós só davam afeto.
Há décadas eu os perdi...
Mas até o dia em que eu partir

Amarei aqueles velhinhos,
Aos quais dei e recebi tanto carinho.

A eles apresentei Maravilha,
Uma ilha de belezas da nossa ribeira.
Cobriram-na de elogios formais,
E dela quiseram saber sobre os pais.
— São dali, da Rua da Beira.
— Somos quase vizinhos. Fiquem à vontade,
Disse-nos paizinho, externando por nós
Todo o seu carinho.

Estar com aquela jovem radiante
Fazia-me sentir mui confiante;
Figurino notável,
Rosto admirável,
Cabelos abaixo dos ombros,
Meu coração em escombros.

Quando ela da capital paulista retornou,
Vestindo a grife reinante,
— Na Arari fora de moda —,
Lembrava a modelo Gisele, triunfante.

Aquele amor nos veio bem cedo, em nossa mocidade.
Contávamos menos de vinte anos de idade.
E em um mundo repleto de trilhas,
Para sempre eu perdi os olhos castanhos de Maravilha.

Décadas após nosso fim,
No lançamento de um livro,
É ela quem surge diante de mim.

Revejo a foto daquele instante
E não há como não vê-la ligeiramente imersa
Na minha vida de antes.

Os cabelos ainda cobrem os ombros,
Meu coração saiu dos escombros,

Mas um fio salutar de saudade
Eu vou levar para a eternidade...

Num dos carnavais,
Na casa dos meus avós cheguei, vestido de fofão;
Vim andando desde a Pedro Leandro,
Acompanhado da namorada de então.

Éramos um casal de mascarados
Andando nas ruas do Arari,
E sendo fotografados.
Logo uma meninada estava ali,
Bem atrás de nós, a nos perseguir.
Mas tudo era só alegria,
E nada houve que nos estragasse o dia.

Alcanço o Arari Clube,
Outrora lugar de tantos carnavais,
Das memoráveis Noites do Charme
E de outras festas mais...

Nele a alunos proferi uma palestra, e após ela,
Distribuí o livrinho *Alvorecer Intelectual,*
Repleto de endereços de sites
Para a pesquisa discente, fundamental.

Fluíam os ares de dois mil e quatro,
Tempo em que computadores nas escolas
E celulares nas mãos eram sonhos distantes;
Só uma ou outra *Lan House* havia
Para atender os habitantes.

No clube eu vi desfilar Graciana,
Uma princesa que encheu a passarela de graça.
Aquela noite passa, e tempos depois,
Nossa história se enlaça.

Pelas ruas ararienses andamos de moto,
E na praça da matriz paramos para uma foto.

Vestida em cores laranja e celeste,
Ela usa cabelos curtos, penteados a oeste.

Noutro registro, que eu mesmo faço,
Um sorriso ligeiro irrompe no belo rosto
E junta-se às vestes de bom gosto,
Ao brinco, à pulseira e ao relógio no braço,
Tudo ali, ao alcance do meu abraço.

Mas nossos caminhos outros rumos tomam,
E quando eu reencontro Graciana
Mais de vinte anos já somam.

Advogando para a Serasa, vou ao Planta Tower
Atender ao chamado dessa cliente,
E lá, numa sala de muitas pessoas,
Uma delas me olha constantemente.

Minutos passam — e por que inda me espia —,
Da mesa em que ela é atendida eu me aproximo
E dou bom dia.
Ela responde e me faz a pergunta que angustia:
— Não estás lembrando de mim?
Eu nela os olhos fixo, aperto-lhe a mão
E constrangidamente digo que não.
— Nos abraçamos, nos beijamos e tu não lembras mais?,
Brinca ela com aquele embaraçado rapaz.
— Eu sou Graciana.
— Graciana!... Me perdoa. Quanto tempo faz!...

Vejo o local da antiga rodoviária;
Era um prédio sem aprimoramentos, no qual
Nós, os adolescentes, por lá passeávamos.
Está em obras, e tempos depois virá a ser
Um charmoso Centro de Eventos.

Enfim chego ao local de estar com Verbena.
É quase no fim da João Lima,
Pouco antes da nova rodoviária.

Nessa via com meu pai arroz ao sol eu secava,
Para depois o pilar, em nosso maquinário.
Esticávamos os grãos ao longo da pista
E vez por outra um ônibus à cidade chegava,
Por cima do manto verde passava
Sem palavra alguma oposicionista.

Se um chuvisco, ainda que ligeiro,
Do céu caísse repentinamente,
Uma correria ardente se formava
Para ensacar os grãos rapidamente.

Já de encontrar Verbena ansioso,
Estaciono o carro e espero.
Vejo-a aproximar-se pelo retrovisor.
*"Os cabelos angélicos trazia pelos*
*Ebúrneos ombros espalhados";*
Vestia um short branco, folgado,
E uma blusa leve, de fina cor.

Antes a mim enviara
O novo corte de cabelos, que adotara;
A selfie mostrava-a de perfil,
Com uma cortina de cachos caídos
A esconder parte do belo rosto juvenil.

A porta do carro abre, ela entra e senta;
Volve-me um olhar *"de centelhas de amor tão incendido",*
E o segue um sorriso de ternura carpido,
Que ao mundo dos afetos nos convida...

Ao nos defrontar com a rodoviária,
Ocorre-me a penúltima reminiscência.
Ali, a discretíssima Hortência
Deixou o carro dela e entrou no meu.

Era a vez primeira que outro homem ela conhecia,
Além do ex-marido, do qual se divorciara.
Estava ansiosa, suando frio, mas curiosa.

Ao primeiro toque da minha mão na dela,
Uma reação fiel e notória parte dali:
— Amigo, eu estou nervosa!
Eu nunca saí com outro homem!
Ninguém pode me ver contigo.
Pra onde nós vamos?
— Para o motel, de Vitória.

Mesmo divorciada,
Longe da pessoa outrora amada,
Parecia que a ela traía...

Mais tarde,
Dos seus sentimentos já senhora,
Apreciava o novo que vivera em tais horas...
Expondo o amor que sente,
Surpreende-me com um presente,
Qu'eu recebo, agradeço, elogio,
E... me arrepio.
Se tem algo que desconcerta a gente
É receber da amante algum presente...
Onde ocultar esse inoportuno ente?

No último encontro, para surpresa minha,
Hortência se fantasia de coelhinha,
Havia o elo rompido,
Que a ligava ao ex-marido.

O ato final desta via-reminiscente
É rever o lugar do antigo cabaré de Arari,
Chamado Guaracy.
A minha primeira vez com uma mulher
Aconteceu ali.

Num quarto pequenino, de chão batido,
Uma bacia com água espiava-me:
— Pra quê aquela bacia ali?
— Pra tu te limpares.

Dei-me conta por inteiro
De que era um quarto sem banheiro...

Após a estreia, constrangido,
Dela me despeço e vou embora.
Soma-se à marca do primeiro beijo,
A estreia com uma senhora...
Mas eu não voltei sozinho.
Algo me seguiu desde aquele momento.
Alguns dias depois, meu pai dizia o que era:
— Darcy, Hiltinho pegou esquentamento!

O falecido João Pires fora chamado
Para tratar do usual problema juvenil.
Retirou duma caixinha o aparelho,
Ferveu bem a agulha
E nas minhas nádegas aplicou
A dolorosa benzetacil.

Deixo aqueles ontens a sós,
Procuro da minha musa a mão tão linda,
Dou-lhe todas as boas-vindas
E dela enamoro a mocidade e a voz.

Acessar aquele jovem mundo adulto,
Que orbitava vivamente a estrela-guia,
Contagiava-me com toda a glória
Que a força da paixão podia.

Em madrugadas tais fui dormir
Tateando as cores daquele colibri,
Que de motocicleta andava na bela Arari,
Enamorando gente daqui e dali.

Por meses — quase dez —
Fracionei-me em instantes felizes com ela,
E o fiz até Verbena fazer-se Marcella,
Com seus machadianos onze contos de reis...

Petúnia foi uma experiência bilateral.
Vivia ela os estragos sentimentais da última paixão,
Quando nos cumprimentamos numa sala virtual.

Julguei que seria como dantes:
Mais uma aventura errante,
Que só duraria alguns instantes.
Não foi...

Já em nosso primeiro congregar,
Eu a faço sorrir vezes amiúde,
E isso gira a chave de atrair,
E ela faz uma afirmação qu'eu não queria ouvir:
— Vou me apaixonar.
E ela se apaixonou com a plenitude
Do seu belo coração.

Buscando atenuar o caos que me espera,
Em tom macio sussurro-lhe ao ouvido:
— Não podes apaixonar!
E ela responde sem pestanejar: — Já era.

De negros cabelos — longos e lisos —,
A bela Petúnia dava-se ao trabalho com intenso vigor,
E com igual entrega vivia o novo amor.

Amava tão desesperadamente
Que queria publicar-nos aos olhos de toda a gente.
E eu vivia manobrando, para livrar-me
Daquele perigo iminente...

Sentir-se amado daquele jeito
Produzia o estranho efeito
Da coisa boa, inexplicável.
Inexplicável e difícil de findar,
Mas precisava terminar.

Um só dia sem um "oi"
Fazia porquês virem a lume,
Indicando dela todo o ciúme.

Aliaram-se à paixão doentia
Investigações sufocantes, todo dia;
E não havia nada que pusesse fim
À minha terrível agonia.

Nas redes sociais em qu'eu estava
Petúnia sempre aparecia.
Se a uma amiga eu desse bom dia,
Ela mal já se sentia.

Criou-me amantes do além.
Esteve na casa de amigas,
E isso levou a sérias intrigas,
Que muito me atingiram também.

Intelectuais da ribeira me convidam
Para do livro "Literatura Arariense" participar.

No grupo formado, a mim surgirá mais um problema:
Uma poetisa comigo interage,
E ofereço-me para revisar o texto daquela pena.
Petúnia — que a tudo se liga e investiga —,
Entra em cena e persegue a nobre criatura
Dia e noite, noite e dia, à fartura.

A dama das letras me manda prints das conversas,
Muito aflita se confessa, e me cobra atitude.

Há mais de ano tentando dar adeus a Petúnia,
Renovo o pleito pelo fim da relação,
Mas ela não aceita, não.
O pedido ensejou um Aquiri de choro desabrido,
Em meio a súplicas para que não a deixasse.
Culpa, muita culpa, pelas lágrimas daquela face,
Que exibiam seu coração partido.

Então, eu voltava a vê-la.
Sair com aquela estrela era agradável.
Havia uma força incontrolável,
Que nossas órbitas juntavam...

Ganho dela um presente (uma camisa),
Dada de todo o coração.
Recebo a veste com pleno gosto,
Mas entro em grande confusão.
O que fazer com o mimo reluzente?
Deixo-a na mala do carro,
Até juntá-la às demais da minha coleção.

A estranha veste é notada,
E sem que o mundo desabe sobre mim,
Tem um triste fim...

Um dos meus lazeres era cuidar
— Em nosso recorte do paraíso —
De um açude pequeno e lindo.
Para comprar peixes vivos vivia saindo,
Por vezes, ao lado do novo sorriso.

Certo dia, de passageiro no veículo qu'ela dirigia,
Um assomo incontrolável de desejo
Fê-la parar em via secundária,
Bem próximo do Viva Cidadão, no Reviver,
Em São Luís do Maranhão.

Em breves minutos, sentada ao volante,
Ela se lança às nuvens de Hedonê,
E, pelo retrovisor dela, eu posso perceber
Um veículo colado atrás do nosso.

Olho para trás e confirmo ser da polícia a viatura,
Com suas várias criaturas. Não somos abordados.
Ela liga o Captur e dali saímos apressados...

Era apenas ligeira aventura
O qu'eu buscava com a bela Petúnia,
Mas a relação mais tempo já perdura.

Desesperado pelo fim do namoro,
Pedi que a pétala formosa

Outrem amasse livremente,
*"E nisto de mimosa o rosto (ela) banha*
*Em lágrimas ardentes".*
Compadece-me tanto vê-la assim
Que a única coisa que faço
É acolhê-la em meus braços,
Colando-a bem junto de mim.

Jamais consentia aquele peito
Outro homem dele ser sujeito,
Enquanto vigorasse o nosso feito.

Estava eu no tal beco sem saída,
Vivendo uma experiência de alma prendida.

Fui rever Arari, e aqueles do meu ninho.
Enquanto estou na porta, com amigos,
Um Renault estaciona ao lado do imóvel vizinho.
No carro dela entro e vamos a Vitória;
Chegamos na beira-rio, e ficamos por hora.

Vejo as noturnas águas do Mearim vitoriense
Reluzirem o brilho da lua, cheia de Sol...

Por esse lençol de águas cativantes,
Remaram suas vidas rios acima,
Indígenas, exploradores, negociantes,
Pregadores e outros de estima.

De um ambiente, suave música se junta à brisa,
E esta os cabelos d'amante move levemente,
Enquanto ela afaga na minha a sua mão carente...

Dali saímos, voltamos a Arari,
E acendidos d'amor,
Ficamos horas em berço de lã,
Nas proximidades da ponte Itapoã.

Do anoitecer ao sol brilhante,
O contato virtual era constante.

Num dia lindo, desses que nascem sorrindo,
Ouço um afeto brotar dos lábios daquela Beatriz:
— Adoro te ver feliz!

Ficar feliz com a felicidade alheia
É prova de que a alma bendita
De amor puro vive cheia.

Como facilmente dar adeus a esse campo de lírios,
Luzido por cores do arco íris?
E eu voltava a vê-la...

O momento certo do fim há de chegar e,
Enquanto ele não vem, vou vivendo mais esse luar.

Numa das tantíssimas crises dela, enciumada,
Vejo minh'alma agonizante ficar,
E deixo de atender-lhe os chamados;
Bloqueio todos os contatos e desligo o celular.

Volto-me para minha biblioteca,
E nela mergulho por dois dias.
Nesse tempo, esta alma em agonia
Melhor vê quão problemático é
Se dividir entre duas opostas sinfonias...

Na tarde do segundo dia, ligo o aparelho;
O número que o visor exibe é o da mãe dela.
Eu atendo:
— Alô.
— Seu Hilton, é a mãe de Petúnia. Ela está aqui,
Trancada no quarto, chorando há dois dias
E nem está indo trabalhar.

Com o coração de culpa açoitado,
Interrompo e peço para com ela falar.
Ao me ouvir, ela responde com uma voz de alívio,
De paz e de tesouro recuperado.

Petúnia pega estrada e vem dormir
Num apartamento, na ilha maranhense.
De casa saio em leves pés,
E vou vê-la novamente.

Olhando nos meus olhos,
Com a pupila brilhante e dilatada,
Petúnia pede que não a deixe,
Não a deixe, não a deixe...
Abraça seu corpo nu no meu,
Se renova e segue apaixonada.

Um par de meses ainda nos envolve
Até que explode a pandemia da Covid-19,
Com sua espada mortal, mirando todos nós.
A regra d'ouro é distanciar, não aglomerar,
Ficar a sós.

Longo tempo se passa, eu não a encontro mais.
Ela por fim se aproxima doutro rapaz,
Com ele se casa, e nós nos deixamos em paz...

# Amigos queridos[4]

Num dia esmorecido, mas sossegado,
Da Covid-19 inda presidiário,
Fiz escolha de ter com dois dicionários:
O volumoso Koogan Larousse,
E o Dicionário Prático Ilustrado.

Dentro deles, um mundo azul-turquesa,
Em páginas coloridas, com artes da Renascença,
Espanhola, Românica e Portuguesa.

Rostos e mais rostos,
De conhecidos e desconhecidos entes...
Gravuras e mais gravuras a mostrarem-me
O mundo do passado e do presente.

Vocábulos por toda a parte,
Negritados do começo ao fim;
Meus olhos param no verbete “latim”,
A dizer que essa língua morta
É mãe do nosso idioma, sim.

Flores, muitas flores.
Flores que até inspiram outros vergéis...
Um show de aparências!
As verbenas e suas confidências;
As perpétuas e suas dificuldades;
As bergônias e suas cordialidades
E as violetas, os amarantes e os jasmins,
Em seus mais diferentes jardins.

Consultar amigos queridos nos deixa assim
Abrigados, confiantes, sabedores e inspirados.

[4] Poema publicado, em 2023, na antologia *Amigo do Peito*, da editora Brunsmarck.

# São Luís, o mar e Gonçalves Dias

A escada educacional ararienseSomente erguia-se ao nível secundarista.Quem quisesse ir além dessa conquista,Teria de partir para a capital maranhense.

Por isso, muitos de nós abrimos essa nova janelaE fomos ao encontro de outras passarelas:Melhores colégios, faculdades e empregosHavia dispersos na cidadela.

Trajando as mais diversas carências,Fomos morar em república,Casa de estudante, pensionatoE lar de parentes.

A cidade e sua robustez!Inúmeras lojas para visitar.A praia pela primeira vez e, nela,Donzelas seminuas a espiar.

O corte e o xampu nos cabelos!A bota e a calça da moda!Chegar na república de taxi!Eram esses os novos destaquesQue nos eriçavam os pelos...

Uma dezena de ararienses
A mesma casa alugada dividia;
O café era tomado na feira,
E o almoço outra casinha servia.

Todos dormíamos de rede;
Banhávamos de cuia no mesmo tanque;
Andávamos a pé ou de ônibus
Num desbravar da vida, constante.

A praia era o interminável lençol,
Que transformávamos em campo de futebol.

O mar...
Túmulo do mais belo dos nossos sabiás.

Na grandiosa ponta d'areia,
Sol e brisa do mar ouviram as sinfonias
Das "vagas procelosas",
Rugidas por Antonio Gonçalves Dias:

*"Oceano terrível, mar imenso*
*De vagas procelosas que se enrolam floridas,*
*Rebentando em branca espuma*
*Num polo e noutro polo.*
*Enfim... enfim te vejo; enfim meus olhos*
*Na indômita cerviz trêmulos cravo.*
*E esse rugido teu sanhudo e forte,*
*Enfim medroso escuto".*

Depois que em mim a poesia de Dias estronda
Não mais vejo o mar sem lembrar do poeta,
Cujo fim foi assim narrado por Silveira Bueno:

*"Este grande coração de poeta*
*Não teve para dormir a terra da pátria,*
*E sim a incerteza errante das ondas."*

A grandeza poética de Antonio
— Para Bueno e para nós —, residia
Na inspiração profunda e variada que possuía,
No ritmo sempre novo e ponderado,
Na perfeição da métrica dos versos,
Na correção da linguagem milimétrica.
(Páginas Floridas, 1936)

Seus dias cansados — dos mais variados tons —
Obrigaram-no a tomar rumo alado,
Até ele pôr os pés no Ville de Boulogne.

Na barca fúnebre,
Com seus fatais padecimentos,
Tão enfermo estava que
"Não se podia levantar,
Nem tomar alimento".

Dias ganhou um vasto oceano por jazigo,
E fez-me lembrar dos versos de um amigo:
*Nunca morrer assim!*
*Nunca morrer num dia assim!*
*De um sol assim!...*

# Lazeres ararienses

Um tempo bonachão e desperto
Afagava-nos rotineiramente
Com um congregar permanente
De corações e portas sempre abertos.

Conjugávamos bicicletas
Em noites de perigos;
Sobre cada uma delas
Montava um par feliz
De grandes amigos.

Na Arari primaveral,
De ruas ainda empiçarradas,
Seguíamos palhaços pernas-de-pau,
Dando largas ao cômico e desinibido
"Arrocha, rapaziada".

Um dia, para ganhar entrada no circo,
Juntei-me aos que seguiam o palhaço;
Passamos a ponte do Nema fazendo
A coreografia com desembaraço.

Ao chegar em frente da minha casa,
Para descansar ele sentou na marquise dela;
Eu, pequenino via, de baixo pra cima,
Aquela figura exótica, de longas canelas.

Nossas mãos, supostas a mestres,
Portavam linhas presas a suros
(As pipas sem rabo),
Que rasgavam em cruz o vento
No azul delicado daquela tela de apuro.

Nossos pés agitados e nus
Chutavam quaisquer bolas
Em gramados de improviso.
Inchados, acometidos de *carne aberta,*
Eram bentos com galhos de mastruz.

Grupos reais de gente,
Acorrentados pela bela Arte,
Brincávamos de bandeira:
Dois times frente a frente,
Guardiões dos seus estandartes,
A serem furtados na carreira.

De preciosos botões
Times inteiros eram formados
Para disputar campeonatos,
Em que mesa virava gramado,
E pai zangado virava a mesa...

Tampinha era peleja monetária,
Travada de par, pelas calçadas de alguém;
A precária moeda eram lindas cédulas
De gaivota, Arizona e Hilton 100.

Ao chuchu, sitiar o oponente
Ao cabo da sua total paralisia
Era o gol de placa da porfia.

Calcanhares faziam *borrocas*
Para o arremesso preciso de petecas
(As bolas de gudes),
Que se chocavam nos tiros ao alvo,
Desferidos por mãos sapecas.

Sem impedimento,
Estimados vim-vins, bigodes e *caboquinhos*
Ornavam-nos os lares
E deleitavam nosso tempo.

Na magia do Natal,
Felicidade plena era acordar cedinho
E ver que embaixo da rede
Havia um Papai Noel real...

O rio estava ali, à nossa mão,
Para o lazer em hora qualquer,
No qual fazíamos coisas de criança:
Desafiar o fôlego por baixo de igarités,
E arriscar a vida por baixo de lanchas.

Afundar canoa no meio do rio
— Com todos a bordo! —
Era extremo de amedrontar e fazer ri;
Obrigava-nos a salvar canoa e remo,
E, quanto a nós, cada um sabia salvar a si.

Frustrante era não conseguir — nunca! —
Chegar lá no alto para colher os brinquedos
Amarrados no pau-de-sebo...

Coisa de rapina era puxar na barba da velha
E só ganhar bombom pipper,
Caixa de fósforo e naftalina.

Formidável lazer em nossa rotina
Eram as tertúlias que nos ligavam...
A face exposta do amigo estava ali,
Bem diante do interagir,
Do fantasiar,
Do divertir.

Brincar de subtrair frutas
Era uma arte trapalhona:
Vencíamos a nado o Mearim para,
No quintal alheio,
Colher manga, goiaba e azeitona.

Que ação mais extrema a nossa que, à noite,
Danava-se a furtar patos no Nema!...

Em nosso arsenal das horas profundas
Usávamos o estilingue (a baladeira);
Era uma peça em Y, feita com calma,
Amarrada por duas borrachas,
Estas ligadas por uma funda,
Onde se deitava a pedra sem alma.

Nos quintais, nos cercados e tesos
Da nossa amada Arari,
Caçávamos graúnas, rolinhas e bem-te-vis,
Para ver a pedra neles explodir.

Sempre que o bichinho era bem alvejado,
Voava penas pra todo lado...
E era grande a emoção de logo correr
Para o defunto recolher.

O infeliz ia compor uma macabra estatística,
Que era fazer uma risca no cabo da baladeira,
Anotando todas as mortes da tal brincadeira.

O pintinho do campo e o beija-flor
Eram os alvos mais raros dos nossos horrores;
O pintinho sempre inquieto, sagaz;
E o beija-flor, pequenino demais.

A maior vítima da nossa ira
Eram as inocentes troíras;
Ficavam ali, sempre paradas
— E ainda balançavam a cabeça —
Esperando pela terrível pedrada.

Da fila do choque um dia tive de participar.
Estávamos na nossa rua, a vagabundear,
Quando uma rapaziada descobre que a parede
De uma residência estava energizada.

Por ser a corrente de baixa voltagem,
Alguém de coragem grudou a mão na parede
E se energizou.

Energizado, era só chamar um eleito,
E tocar no corpo dele,
Que uma robusta descarga elétrica
Espantava o sujeito.

A vítima se surpreendia na hora,
Por receber um eletrochoque, dado por um toque,
E era aconselhada a não ir embora.
Entrava na fila do choque,
E ficava aguardando um outro amigo
— Que ia passando — para desforrar
O susto que acabara de levar.
E assim acontecia e a fila ia só aumentando.

Por fim, a própria fila já chamava a atenção
E o infeliz da vez já se dirigia ao pelotão:
— O que que vocês fazem nessa fila?.
— Vem cá...
— Ê, rapaz, tu tá dando choque! (sic)

Bons tempos aqueles vividos de riso em riso...
Assim fruíamos da vida a mais rica juventude,
Para mais tarde notarmos
De quase todos os lazeres a finitude.

# Bullyings

Na Arari de tempos esquecidos,
Sob os excessos de liberdade,
Aplicávamos bullyings a indivíduos
De todas as idades.

Na interação entre nós — os ovelhas,
Ninguém escapava de ser piada.
A um cidadão com uma pequena fenda na orelha
O batizaram de *Porca Assinalada*.

Não sei por que razão, a um amigo estimado
Resolveram apelidar de *Cachorro Capado.*

Um cardíaco do coração operou
Para se livrar do embôrco.
Quando à normalidade voltou
Foi chamado *Coração de Porco.*

Um outro sofreu um AVC,
E não teve como se livrar da zomba.
O braço ficou voltado pro sexo,
E logo foi nomeado *Mão na Pomba.*

Um dos amigos da nossa laia,
Com uma pedrada matou um pinto da vizinha.
Por esse feito com a avezinha,
Foi denominado *Mata-Pinto-de-Olaia.*
Bastava um gesto, uma falha, um acidente
Para alguém ser alvo da gente.

A genética de Vavá foi-lhe um pesadelo.
Ele nasceu com raros fios de cabelo,

Sendo alvo da cruel rapaziada,
Que só o chamava de *Paca Pelada.*

O falecido Charles também carregou sua cruz.
Nasceu com os olhos bem azuis,
E não escapou da gozação,
Que era chamá-lo de *Olho de Gato Ladrão.*

Infeliz de quem carroceiro fosse,
E na cidade andasse tarde ou cedo;
Era passar dirigindo sua carroça
E ouvir alguém gritar: — Ei, Cheira Peido.

Um que passasse afoito, correndo,
De uma janela indiscreta ouvia:
— Pega o doido!

Amigo de escola, parente do seu João Duru,
Por causa do pomo de Adão saliente
Foi alcunhado *Gogó de Peru.*

Meu vizinho de porta,
— Que não era gente rica —
Nasceu com dedos do pé meio tortos,
Por isso ganhou a placa: *Pé de Curica.*

Outro amigo, um tanto miúdo,
Ao nascer, errado cortaram-lhe o umbigo,
Que ficou três centímetros pontiagudo;
Era sempre chamado de *Imbigudo.*

Nessa de a todos pormos apelidos,
Fosse em velho, fosse em moço,
A um jovem bem acima do peso
Apelidamos *Rolha de Poço.*

Entre nós vivia Magá, a Margarida Precisão que,
Se chamada pelo nome de uma lancha local,
Transformava-se no cão.

Certa feita, nos idos dos anos 1970,
Sentado na porta de casa vi aproximar-se Magá,
Metida numa eterna saia encardida,
A caminho do seu ao lar, pobre lar...

Deixei-a estar a boa distância de mim,
E alto gritei-lhe o apelido:
— Ei, Estrela do Mar.
Pra quê!... A crioula sem régua
De imediato parou, mirou bem nos meus olhos
E disparou:
— É o xiri da tua mãe, *fiduma* égua.

Eu, garoto de doze anos,
Não sabia onde a face esconder.
A rua inteira ouviu
Aquela desbocada assim me ofender.

Na rua andava um idoso senhor
Com uma vara, feita bengala;
Para vê-lo muito, muito zangado
Bastava chamá-lo *Namorador.*

Com ele não se podia de perto enticar.
O insulto tinha de ser de longe gritado,
Para não correr o risco
De chegar em casa apanhado.

Afora outros e outras de estima,
Havia em Arari uma jovem gaguinha,
Que andava na rua, pra baixo e pra cima,
Tentando com todos se comunicar:
Era a engraçada Cotinha.

Desinibida e de voz fanha
Facilmente percebia as provocações,
E reagia zangadamente.
Com o verbo do avesso e tremente,
Cotinha matava de ri toda a gente.

Bons tempos aquele — confesso —
Nos quais tudo isso não dava processo...

# Nossa deseducação...

Passado quase meio século
Do viver arariense, desregrado,
Doutros aspectos inda me indago:
Que educação rasa e crua a que nos deixava
Sempre prontos para brigar no meio da rua!?
E brigávamos até em noite de lua!...

Educação que abusava dos xingamentos,
Das injúrias e difamações
Nos mais diversos momentos!...

Aceitar o contraditório e dar o direito de defesa,
Isso era coisa vexatória, um ato de fraqueza.

Maus procedimentos e delitos pontuais
Anelavam seus por quês no destemor das leis,
E no vácuo de processos judiciais.

Uma incivilidade reinava
Na compra da carne, no mercado;
Mal abriam-se-lhe as portas
Corríamos aos boxes, avexados.

Era aos berros que pedíamos
A quantidade de carne a comprar,
E o magarefe ia atendendo
Pelo berro mais alto a vibrar.

A boa educação, vivíamos a feri-la;
Quer fosse no mercado
Ou na cantina da escola,
Não sabíamos fazer fila...

Esses primórdios o tempo apagou,
E nossa educação muito melhorou.

Um lugar em Arari — o cemitério —
Bem retrata nossa falta de critério.
Corpos inda lá são enterrados
Sem serem identificados.

Não se anda por ali
Sem pisar sepulturas
De notáveis criaturas,
Que muito amaram Arari...

Pessoas enterram seus entes, mas não os identificam;
Passam-se os anos, parentes retornam,
E não sabem mais onde os túmulos ficam...

Parte da nossa história educacional
Pode ser lida por aquele local...

# Sexus bestiarum

Num convergir de peripécias — diurnas e noturnas —
Erguíamos nosso colar emocional
Dentro da alegria e um tanto fora da moral...

Hoje — quase meio século faz —,
Relembro aquelas práticas tais,
De fazer sexo com animais.

Na nossa arca da juventa,
Cabiam as carneiras de Zé-ninguém
E as jumentas de alguém.
Mas não só elas; bezerras,
Éguas, galinhas e cadelas também.

Nesse constrangedor entra-e-sai,
As búfalas mansas de Cascavel
E as porcas, idem, de papai,
Eram as libertinas do nosso bordel.

Aquele amor selvagem, destarte,
Não acabava só em alegria;
Por vezes as selvagens se zangavam,
E tanto davam coice quanto mordiam.

Um amigo ganhou o teso,
Correndo atrás de uma cabrita;
Outro levou sua bonita
Para atrás do cemitério,
E dela ganhou um baita coice
Na região do despautério...

Manoel, rapaz baixinho e sedento,
Numa moita abraçou-se com uma jumenta,

Mas não percebeu que dono dela
Se aproximava sorrateiramente.

Um parceiro, na fila de espera,
Alertou-o da chegada do ancião,
E, nuzinho, Manoel disparou em carreira
Largando para trás o próprio calção.

E pelado chegou na casa de um amigo,
Que lhe emprestou outra veste,
Aliviando-lhe a angustiante tensão.

Em conversas reservadas,
Sobre o tema constrangedor,
Fui lembrado de um certo João,
Que amava as cachorras
Como nunca ninguém as amou...
Morava no Santo Antonio, em Arari,
Mas há muito tempo partiu daqui.

Seu José Não-sei-das-quantas
Possuía duas éguas, uma branca e outra preta,
Esta brava, feito o capeta.
Quem sabia disso era o parceiro de Eloir,
Que o mandou laçar a preta, e ele laçaria a branca.
Contou-me Eloir que quando a égua sentiu
A corda no pescoço, entrou em profundo alvoroço.
Erguia-se nas duas patas dianteiras,
Para fugir daquela asneira, e como se dissesse:
— Vai comer outra, eu não.
Eloir voltou para casa, com a corda na mão...

Tais peripécias, hoje tidas loucuras,
Compunham um aspecto animalesco
Da nossa obsoleta cultura...

# Saudade arariense[5]

Em nosso mundo, conciso mundo,
Só havia vida no planeta Arari.
Acordávamos e dormíamos ali
O sono mais quieto e profundo.

A argila nativa e aderente
Não grudou só nas mãos e nos pés da gente;
Colou-se bem colada n'almas inquietas
De cada um daqueles atletas.

O céu, que sempre nos atraiu o olhar,
Segue aberto e majestoso,
Gotejado de nuvens de encantar
Ao longo de um vasto manto afetuoso.

Dias há em que ele é mesmo
Um *"lindo céu azul de anil";*
Outros, em que ele é apenas nosso,
Esteja em que cor estiver.
E nunca deixará de ser
O nosso céu de empinar suros,
De espiar aviões, de assuntar a chuva,
De amar as estrelas
E de correr com a lua...

Ao tempo discente, uma farda! — azul e branca —
Vestia-nos perfeitos, com o emblema da escola
Estampado do lado esquerdo do peito.

[5] Poema publicado parcialmente na página 73 da Antologia *Como Não Sentir Saudades*, da EHS edições.

Amigos à fartura,
Éramos os elos de uma corrente habitual,
Que muito sorria, naquele encanto municipal.

Canções embalavam-nos em festinhas emotivas,
Tocadas em LPs dos Pholhas e Década Explosiva.

Acordes vibrantes de *Saturday Night Fever,*
Da *Dance Little Lady Dance* e de *La Bionda*
Guiava-nos ao centro da atraente onda.

Ao partimos da terra amada
Para melhor letrar-nos na capital,
Uma saudade monumental
Em nosso peito fazia morada.

Escrevíamos sentidas cartas...
Eram muitas luas em Arari pensando...
E sonhávamos àquela casa retornando.

Em abril, na festa das águas, com suas marés,
Saudoso eu retorno ao nosso jardim,
E revejo o Mearim, irmão do histórico igarapé.

Não há como mirar o rio
E ver apenas águas em seu leito.
O que vejo em seu largo são pegadas
Dos meus verdes anos mais fantásticos!

O Mearim, outrora vibrante,
Inda sugere o fervilhar de lanchas possantes,
A desaparecerem nas duas curvas adversas
Dessa estrada hoje vazia de toda pressa.

Licencio-me do rio — cheio, no inverno —,
E vou-me embora lamentando:
— Pena que abril não é eterno...

# Cercadinho planetário

A nós, garotos da cidade de Arari,
Parecia bastar o mundo todo
Estacionado só ali, naquela ribeira;
Mundo plantado de singelas roseiras,
Feitas de pétalas macias de engodo.

Dormir e acordar naquele chão
— Bem no limiar de 1970 —
Saciava-nos a ambição.

O único evento alheio a nos vibrar,
Pelas vacilantes ondas de rádio,
Era o Brasil tricampeão!

A política mundial,
A ditadura nacional,
A guerra fria,
Gente que lia,
Nada disso nos movia.

É que, para viver,
A nós bastava o rio, o igarapé,
Um milhão de amigos
E um enorme prato de fé...

# Fins de tardes

Baixando o sol no horizonte tardio da Tresidela,
Esse ocaso atraía-nos ao cais da beira-rio.
Nosso elogio era apenas ver a rotação da esfera
Fazer a estrela encantar e partir.
Era "só isto, e nada mais."

Antes de a escola adentrarmos
— Para as aulas noturnas —
Era o largo da matriz o ponto de encontro.
Todo ele ficava espargido de turmas.

Garotas de Arari agrupavam-se na praça,
E vinham e passavam, num atraente balanço,
Que nos fazia cantarolar:
*"Olha que coisa mais linda,*
*Mais cheia de graça...".*

Dito na simplicidade de *Os Maestros*,
Uma poética figurativa, deste estro,
Ressurge apropriada no contexto
Daquela saudade:

*Sob os últimos olhares do poente,*
*Os ararienses ouvíamos Tchaikovsky.*
*A sinfonia era Concerto para Piano:*
*(Tan-tan-tan-taan,*
*Taan, taraaan.*
*Taran, tan, tan, taan).*

*Espargia-se na praça a melodia*
*E ondulava o Mearim,*
*A partir das dezessete.*

O tempo musical vivido naqueles anais
Sempre imporá regresso aos idílios
Do nosso humilde sucesso.
“Há de ser isso e nada mais”.

Por Ely Cruz musicada,
Uma ode festeja a urbe encantada:

*Arari é mesmo um poema*
*Erguido com o mármore da saudade.*
*Cada verso esculpido naquela Ribeira*
*Coloriu-nos toda a mocidade.*

*Aquela liga de titânio e ouro,*
*Que se formou a partir do berço,*
*Vive a amarrar-nos àquele chão*
*Desde o singelo começo.*

*De propósito ou casual,*
*A gleba que abraçamos*
*Tornou-se concreto sentimental,*
*E o lar que tanto amamos.*

*Arari, és Mearim e Tresidela,*
*Maré e pororoca,*
*Igreja e beira-rio,*
*Igarapé e maloca.*

*Para além de ser querida,*
*És a nossa Diva mais amada.*
*E, apesar de mal gerida,*
*Bem nos serves de morada.*

Inda nestes anos, ao descair da tarde,
Cadeiras reúnem-se nas portas, sem alarde,
E o calor solar dá lugar ao calor humano.

Diálogos e saudações veem a tarde anoitecer,
E as portas se fecham para a urbe adormecer.

# Arari, Candidatura à Intendência

Longas horas consagrei, com paciência,
À leitura e pesquisa da obra
*Arari, Candidatura à Intendência.*

O volume expõe a mais extremosa
Disputa político-eleitoral
Que eu soube ter quintal,
Na Arari humilde e valorosa.

O livrinho — de singela aparência —
Emanou de vasta sapiência,
Mas sob injusto anonimato.
Terá ele — agora —
A digital do seu vero literato.

Para identificar Francisco Manoel Cardoso
— Autor do tomo fundamental —,
Imperioso investigar os jornais da época,
Hospedados no site da Biblioteca Nacional.

Da verve Cardosiana,
Encontro três artigos reveladores.
O labor d'agora é comparar
Os textos de lá com os textos de cá.

Integram a redação de Cardoso
Uma tríade de adjetivos qu'ele usa sempre:
Celebérrimo, polichinelo e asqueroso.

Frases como *Ilustre e íntegro,*
*Depauperadores do dinheiro público,*

*Dar largas a* e *garras aduncas*
Têm a digital do professor, no livro demolidor.

Na polarização entre ele e Sitaro
— Embate levado às páginas de Pacotilha —,
O verbo ofensivo, ferino e sangrento
Serviu a Francisco de mesma trilha,
Trilhada no compêndio em comento.

Os saberes jurídicos dele brilham
Em artigo datado de maio de 1919,
Quando ataca o juiz Raul Lins e Silva,
Em matéria divulgada no Pacotilha.

O domínio específico dessa ciência
Está claramente exposto, também,
No *Candidatura à Intendência.*

O uso da expressão personalíssima
*Na curul da Intendência*
É prova inconteste de o livro
Ser filho daquela inteligência.

O todo das narrativas,
Que passeia pela música, política e Direito,
Cravam de autêntica a obra retrospectiva.

Prof. Cardoso era *persona* do jornalismo.
Em Arari, editou o semanário *A Ordem*,
E o distribuiu a "gregos e troianos".
Isso atiçou desordens e certo vandalismo.

Ele e o filho, Othon — século atrás —,
Lideraram a edição do dito jornal.
Não encontrei o menor sinal
De Thiago e Lucílio Fernandes
Como prestadores de auxílio.

O Pacotilha, de 20.maio.1919,
Em tom de formalidade,

Noticia Othon de Carvalho Cardoso como
"Confrade de A Ordem", daquela localidade.

Em Itapecuru, o jornalista era proprietário
E redator de *O Progresso,*
E por causa das matérias de sucesso
Foi ali assassinado, em agosto de 1921;
Um tiro do rifle de Hercílio Lago, dado pelas costas,
Deitou para sempre aquela pena exposta.

O crime da Rua Cayanna — vizinha da Pereira Rego —,
Deixa Itapecuru sem sossego.
Um inquérito é instaurado,
E peças dele são publicadas, em jornal da capital.

Sabe-se que Cardoso nascera em Campos,
No estado do Rio de Janeiro.
Fora escrevente da Marinha,
E, para muitos da terrinha, não era cavalheiro.

Era político e advogado provisionado,
Homem de uma coragem impressionante,
Fato que nos leva a duvidar
Não tenha assinado seu livro marcante...

São os eventos que o *Candidatura* noticia
Que fazem dele compêndio de grande valia.

Além de um vídeo, publicado na internet,
(E na minha página eletrônica),
Em que revisito a história narrada por Cardoso,
Tento recontar, nestes versos, os fatos da urbe,
Após estudo profundo e laborioso.
Desde o século XVI Arari acompanha
*"A caprichosa sinuosidade do rio Mearim",*
Que o banha e o invade, deixando-o fértil assim.

*"E se fosse possível*
*Tomar-lhe a perspectiva de um aeroplano",*
Veríamos a cidade, vizinha do oceano,

Tocando as mãos na mão do rio,
Pronta para crescer por séculos a fio.

Lembrando de *Os Lusíadas*, de Camões,
Ouso alinhavar uma estrofe apenas,
Tentando imitar a grandeza daquela pena:

*A política arariense e o trono disputados*
*Que da margem esquerda do Mearim,*
*Por embates nunca de antes travados,*
*Passaram ainda além da legalidade,*
*E em sufrágios e litígios esforçados*
*Mais do que pretendia a força das leis,*
*Entre gente oposta edificaram*
*Violenta luta para serem reis.*

Com exércitos mui bem postos,
Manoel Nunes enfrenta Herculano Ericeira,
Ambos aguerridamente dispostos
A gerir os destinos daquela Ribeira.

O campo dos litígios tem batalhas mil,
E nesse concurso ao poder arariense,
As lutas alcançam o Supremo do Brasil.

Tudo começa, narra o livreto,
Com o inconcebível cárcere
De um *"garboso coreto".*

A autoridade judicial,
A par do que lhe parece ilusão,
Liberta o dito coreto da inconcebível prisão.

Em dado momento,
Deflagra-se o período eleitoral,
E são feitos os alistamentos.
Para mais eleitores cadastrarem
Fraudes e mais fraudes se cometem,
Dentre elas a de adulterarem
Os registros de nascimento.

A votação se resolve
Com Herculano vencendo as eleições;
Do cargo toma posse, em 1º.jan.1919,
Mas o resultado fere os perdedores
Que recorrem ao Congresso Estadual,
E este os declara vencedores.

Manda a Nunes e companheiros empossar,
Mas os oponentes somem o livro-ata,
Sem o qual posse alguma se desata.

Enquanto escondem os arquivos,
Herculano e sua gente vão à Justiça Federal,
Em busca de um *decisum* justo e final.

Noutra via, opositores perseguem a investidura,
E para ter em mãos o livro-ata.
Pedem reforços à grande estrutura.
Então... a 12/4/1919 vinte e um soldados armados
Pisam na rampa do Arari.

A missão primeira ali
É encontrar os arquivos da Ribeira,
Escondidos por Cardoso e Ericeira.

A força militar, para a missão cumprir,
Invade domicílios, prendem vice-prefeito,
Amedrontam os eleitos.
Não bastava agredir; era preciso destruir.
Sem encontrar o livro de dar posse,
Invadem a casa dos Cardoso,
Depredam-na e lançam ao rio o jornal.
A imprensa arariense recebia golpe fatal.

A tortura insuportável obriga
A que entreguem os arquivos ausentes.
E em 17.abr.1919,
Manoel Nunes é feito intendente.

Cardoso grita alto que Nunes, infelizmente,
*"É analfabeto; não sabe ler nem escrever,*
*Apenas ferra o nome, e pessimamente!"*
Ainda nestas duas décadas do século XXI,
Arari — e o Brasil — elegem essa gente...

Em maio, Pacotilha publica longa sentença,
Emanada da Justiça Federal,
— A competente para o caso julgar —
E ao cargo repõe Herculano, afinal.

Mas posse ele não toma!
Agora é o grupo rival que esconde o registro empossador.
E o *Caso do Arary* já envolve STF,
Ministério da Guerra e o Governador.

Em junho.1919, sem mais embargo,
Os arquivos são entregues
E os eleitos finalmente assumem os cargos.

Testemunha e ator, na camarilha,
Joaquim Domingues Chaves (Juaca)
Um ano depois, em jun.1920,
Envia carta ao Pacotilha,
Da qual o seguinte trecho destaco:

*"Invadiram casas de famílias;*
*Inutilizaram pequena tipografia, redação de um jornal;*
*Arrastaram e espancaram chefe de família;*
*Espancaram barbaramente a um magistrado*
*E pessoas de sua amizade,*
*Quando passeavam nesta villa".*

Vitoriosos, Macedo, Cardoso, Lucílio e Thiago
Passeiam às margens do fabuloso Mearim,
Para receberem algum afago.

Ao invés dos cumprimentos dos adversários,
Ao caminharem pela Rua Grande, hoje destruída,

Recebem agressões inimaginárias
Daqueles que tiveram a eleição perdida.

Apanham ex-juiz, jornalista e coronel
Bem em frente ao antigo quartel.
O fato é bem relatado no livrinho
E na imprensa, que cumpre bem o seu papel.

A autenticidade do conteúdo do livrinho
Não é mais objeto de desconfiança;
O que incomoda a nós, ribeirinhos,
É nunca terem achado o pai da criança...

Reputada obra de ninguém, seu teor
Foi copiado por mais de um alguém...

O capítulo *Prisão de um Coreto* é usado em
*Um Passeio pela História do Arari*
Sem Cardoso ser citado.

Escreve o professor Cardoso,
Na pág. 18 da sua obra:
*Dias depois desta ocorrência*
*(em setembro do dito ano),*
*chegava à vila o Dr. Henrique Fernandes,*
*nomeado juiz Municipal do termo,*
*e ciente dessa prisão inconcebível,*
*determinou logo a entrega do*
*referido coreto a seus donos.*

Extraímos da primeira cópia, à pag. 117:
*Dias após essa ocorrência, já no mês de setembro,*
*chegava a Arari o Dr. Henriques Fernandes,*
*juiz municipal do termo, que, ciente dos fatos,*
*determinou a entrega do referido coreto a seus donos.*

Em a Continuação dos Desmandos, (pág. 23 do livrinho)
*Benfeitores de Arari* põem o *Candidatura* de banda,
Retiram Francisco da cena
E em seu lugar põem Hidelbranda...

Francisco Manoel registra em seu livreto,
Às págs. 29, 35 e 36:
*"De facto, na madrugada de 21 de abril citado*
*desembarcava na rampa HERCULANO PARGA*
*um contingente de polícia composto de 21 praças,*
*embalado; reforço pedido e fornecido*
*ao sicário Justino Cunha,*
*o cynico e desmoralizado tenente...*
*Pelas nove horas, mais ou menos,*
*o peripatético Tenente com o acompanhamento*
*de dez praças e muitos populares...";*
*"... e os soldados e paisanos na attitude de verdadeiros*
*cannibais lhe invadiram a casa,*
*quebrando e esbandalhando tudo,*
*inclusive a tipographia e um instrumental pertencente*
*à banda de música dirigida por seu citado filho Othon";*
*"E após o estrago completo em tudo,*
*até na louça do serviço da família,*
*atiraram ao rio o prelo, typos,*
*e uma bôa parte dos instrumentos de música..."*

Na segunda cópia eu li na pág. 61 de *os Benfeitores:*
*"Por solicitação do tenente, desembarca,*
*vindo da capital, um reforço de 21 soldados, armados,*
*que se juntaram ao seu contingente de dez praças*
*e com mais de cem populares,*
*também armados e invadiram os lares do intendente*
*e de todas as autoridades da vila*
*à procura dos arquivos da Intendência e da Câmara...";*
*"Os invasores quebraram e esbandalharam inclusive*
*a tipografia e todo o material tipográfico*
*(o prelo e os tipos), os instrumentos musicais,*
*mesas, cadeiras e livros da escola*
*e jogaram tudo nas águas do rio Mearim..."*

Da obra literária nem o título fora citado
Como fonte do opúsculo estudado!
O título vem de Cardoso e nunca foi mudado.

Restituir ao autor a paternidade do *Candidatura*
É dar-lhe o direito moral e eterno
À sua notável arquitetura.

# Figuras de linguagem

Sob um clarão forte e abrangente,
Arari e Vitória do Mearim se uniram
E fundaram uma academia de letras
Para imortalizar sua gente.

Vigorosa, a entidade foi essencial
Aos ararienses e vitorienses até colapsar,
Por prosas e versos de cada qual...

Enquanto titular do assento-magia,
Dei peculiar atenção às figuras de linguagem,
Publicadas no jornal da academia.

Por elas já animava paixão
Desde que fora aluno do curso de Letras,
Na Universidade Federal do Maranhão.

Então dei-lhes destaque em nosso jornalzinho,
Tratando-as com máximo carinho.

No jornal, para da hipérbole mostrar seu grito,
Do poeta Máximo Chaves ressaltei estes versos
Tais quais foram escritos:
*"... O bicho já passou? E o que aconteceu?*
*Olha, rapaz, o bicho passou onte de tarde,*
*Mas já vinha muito cansado,*
*Por que vinha outro correndo atrás dele,*
*Já pega-não-pega.*
*Se notava isso porque ele bufava muito*
*E botava fumaça pela venta,*
*Que até parecia vim comendo fogo.*
*E logo depois que virou a primeira vorta do rio*

*Deu dois berros muito forte*
*Que até estremeceu a terra.*
*Acho que foi quando o outro agarrou ele,*
*Pra comê ou pra capá,*
*Não seio bem o certo." (sic)*
(Folha da AVL, abril/2004 e
Pág. 11 do livro O Cordelista, de José Fernandes).

Berros capazes de estremecer a Terra
É o exagero que a hipérbole encerra.

Vários textos foram publicados
Exibindo as várias faces do tema estudado.

Em dias de dois mil e vinte e três,
Meu velho pai — de 92 anos de idade —,
Fez uso inconsciente do eufemismo,
Quando a casa retornou de cortar o cabelo,
Numa barbearia da cidade.

Ao chegarmos eu e meu irmão,
A voz que meu pai ouve é da sua mulher amada:
— Vocês demoraram!
E ele responde:
— *Aquele cara é muito macio.*

Para do homem não atingir gravemente o brio,
Em vez de usar o adjetivo lerdo,
Optou por outro, mais macio.

Do nosso belo idioma latino,
Em que uma vírgula muda o tino,
É valioso saber das figuras de linguagem,
Que ornam textos com belas imagens.

Enquanto a hipérbole peja-se de exagerar,
O eufemismo louva-se por suavizar,
Bem diverso da metáfora,
Com seu múltiplo comparar.

Sugerir o contrário
É o de que gosta a ironia;
E substituir, para relacionar,
É o lazer da metonímia.

O idioma sedutor, gramatológico,
Faz a assonância impor sonoridade,
Manda a silepse concordar no ideológico,
E a prosopopeia conceder humanidade.

Para bem saudar a aliteração,
Digo de uma flor outrora vivíssima,
Mas que morrera sem caixão,
Muda, murcha, miseranda e mirradíssima.

O pleonasmo — elite ou povo —
Ora pinta o verso de muita clareza,
Ora tudo repete de novo...

A Gonçalves Dias toda a reverência
Por construir o poema *Inocência*
Com este requintado hipérbato,
Revelador de pena tão formosa:
*"Do teu rosto, qual marfim,*
*De carmim tinge um nada a cor mimosa".*

Na Comédia, de Dante, por todo o desenlace,
O hipérbato na obra a toda hora dar-se:
*"Gente de toda a lei avessa,*
*e afeita a corrupção tamanha."*
*"... e a perscrutar eu vim dos meus as faces".*
*"Beatriz volveu-me o seu divino olhar*
*de centelhas de amor tão incendido,*
*que o não pode o meu ânimo enfrentar,*
*e os olhos abaixei quase perdido".*

*"Eu me voltei, de maravilha pleno, ao bom*
*Virgílio que, com silenciosas*
*demonstrações de pasmo, fez-me aceno".*

Em tempos da novidade atual
— Que é a inteligência artificial —,
Indago se ela é capaz de construir textos
Com esses notáveis contextos...

Para nós, reais seres de longa cultura,
A língua portuguesa será sempre
Nosso “esplendor e sepultura”.
Conseguirá livrar-se dessa filigrana
Aquela desumana criatura?

# Os rios que amei

Dois rios amei na vida:
O Grajaú e o Mearim.
Deles preciso dizer algo
Reunido bem dentro de mim.

No silencioso e vasto Grajaú,
Margeado por um florestal jardim,
Fui com meu avô materno pescar, de linha,
E o vi fisgar o lírio, o mandi e o surubim.

Presa a canoa num arbusto marginal,
Registrava eu em meu diário heróico
Aquele lindo cenário histórico,
De encantadora paisagem regional.

Só nós dois sobre águas alimentadoras,
Inseridos num ambiente perfeito,
Víamos ora o voar rente ao leito
De uma ave também pescadora,
Ora o bulhar radiante
De um robusto peixe errante.

Aquele espargir d'águas maranhenses
— Que não se demora e logo some —
Indicava do Grajaú a fartura de cardumes,
Para de tanta gente saciar a fome.

A hora mágica da pescaria
Sentia-se pelo balançar da canoa;
Era o anzolar do peixe,
Anunciando-nos a coisa boa.

O rio, farto de infinda peixada,
Permitia a meu avô capturar bagres na espera;
Abater curimatãs às flechadas,
Lembrando-nos bem da vida como era...

No Grajaú, a vida também era enchente.
Em 1964, eu, na casa do meu avô Clemente,
Via águas fluírem por baixo do sobrado
E tomarem rumo ignorado.

Ainda existe o povoado Paiol,
A Vitória do Mearim pertencente.
Ali residiram meus avós maternos,
Com os quais vivi alegremente.

Naquela orla de rio, de vasto gramado,
Animais pastavam livremente.
Moradores formavam uma só irmandade
E tocavam a vida, simplesmente.

Sem energia elétrica,
Água potável e assistência médica,
A vida corria como deus queria:
Para muitas doenças de então,
A receita era o purgante;
Para mau-olhado e arca caída,
A saída era a benzição.

Por lanchas e tropeiros aportavam tecnologias,
Hábeis a encantar qualquer herege.
Um viajante a meu avô materno oferece
Um relógio à prova d'água.
Pede um copo com água
E dentro dele a máquina submerge.
Mesmo afundado,
O ponteiro dos segundos se movia.
Era meado da década de 1960,
Quando a essa mágica eu assistia.

Meu falecido avô paterno, a bordo de um garité,
Singrava partes dos meus rios preferidos,
Para vender paneiros de farinha
Àquela gente ribeirinha.

Sozinho, empurrando a grande canoa com uma vara,
À maneira de um vareiro profissional,
Pelo Grajaú e Mearim passara,
Até dar-se por cansado daquela força animal.

Aquele Grajaú demasiado farto há meio século,
Hoje (2024), anda pouquinho!
E luta para continuar sendo
O prato vivo do ribeirinho.

Em meu outro rio preferido
— o Mearim arariense —
Peguei de litro camarões,
De caniço, sardinhas,
Piadas, às canoadas,
E, de locas, capadinhos.

Nele, vi chegarem a pororoca
E a cheia transbordante.
Vi tarrafas, cordas e espinheis
Colherem tantos peixes saciantes.

Avistar do cais o rio
É vê-lo estrada de tempos tardios,
Por onde passavam incontáveis navegadores,
Levados por lanchas, batelões e vapores.

O vapor “Mearim”,
A barca “Arary”,
O batelão “Sertanejo”
E as lanchas de Aracati
Moviam cargas e passageiros,
E atracavam no porto da nossa ribeira.

Sinistros eram inevitáveis na navegação fluvial:
*"Effetivamente o naufrágio do batelão "Sertanejo"*
*Verificou-se na altura da boca do rio,*
*No dia 4 do corrente,*
*Quando a referida embarcação,*
*Rebocada pela lancha "Estrela do Mar",*
*Regressava a esta capital, com um carregamento de*
*Três mil sacos de arroz e babassu,*
*Consignados a diversas firmas desta cidade.*
*Logo que a Empresa de Navegação São Luís*
*Teve conhecimento do fato por um telegramma*
*Procedente de Arary, e assinado pelo comandante*
*Da "Estrela do Mar", tomou as providências*
*Que o caso exigia,*
*Fazendo seguir para o local do sinistro as lanchas*
*"Estrela Polar", "Estrela Astréa",*
*"Estrela da Aurora" e "Santa Rita",*
*Que conduzia o material necessário*
*Para os trabalhos de salvamento*
*Do batelão sinistrado,*
*Uma das maiores embarcações da empresa,*
*Tendo custado cerca de 70 contos de reis".*
(Jornal O Imparcial, de 9 de novembro de 1938)

Esses rios dos meus amores
Eram invadidos pela entupição,
Que judiava dos motores,
Instalados nas embarcações.

Passageiro, vi de perto essa aflição.
Redes de dormir bem juntas umas das outras
Ouviam o barulho e sentiam o calor do motor,
Enquanto muriçocas às centenas ou milhares
Faziam de todo viajante infeliz sofredor.

Vi o destemor dos assistentes
Para da hélice da lancha retirar
O mururu engatado, persistente.

O interminável tapete verde
(Bordado de flores azuis),
À mercê de encher os olhos,
Produzia terrível agonia,
E só era vencido após um ou dois dias.

Alguém que não se identificou
No jornal O Combate (1937),
A respeito do passeio dos mururus,
Este belo registro deixou:
*"Mas, de tudo quanto meus olhos se deparam,*
*Um fenômeno curioso jamais esquecerei.*
*Foi a passagem constante dos mururus*
*Pelas águas escuras do Mearim,*
*Descendo até o mar,*
*Onde amarelecem e morrem,*
*Ou tornando do meio do caminho,*
*Se a maré os surpreendem ainda no percurso.*
*Vêm de longe, do Grajaú,*
*E viajam assim meses a fio,*
*Subindo e descendo sem cessar,*
*Até que alcancem um dia o elemento salso,*
*Para se sumir, então, no seio das águas."*

Proclamada a República,
Gente da política, com suas ambições,
Retornava ao Arary,
Para realizar eleições:
*"Consta-nos que o diretor da Secretaria da*
*Instrução Pública,*
*Sr. Leocádio Zeferino Bogea, segue para o Arary*
*Em comissão política.*
*É mais um que, à custa dos cofres estaduaes,*
*Vae arranjar os papéis do partido do sr. Benedito Leite.*
*Enquanto venta..."*
(Jornal Pacotilha, de 19 de dezembro de 1899)

Só por essa estrada fluvial,
Arary se deslocava até a capital,
E de lá retornava:

*"Passageiros – Sahiram no dia 16, no vapor "Itapecuru":*
*Para o Arary – Coronel José Antonio D'Oliveira, sua senhora,*
*2 filhos e 3 escravos; D. Raimunda Bogea e 1 criada,*
*6 escravos a entregar.*
(Jornal Publicador Maranhense, de 19/7/1877)

O Mearim, nosso rio mais amado,
De tempos em tempos,
Ele nos tem preocupado.

A erosão que provoca
Sua salinidade e transbordamento
Preocupa toda a comunidade.

1974 trouxe-nos a grande enchente.
O Mearim recebeu águas além do esperado
E fez alagada toda a nossa gente.
Ruas, praças, casas e usina inundados.

No início, o vai-e-vem das marés
Empurrava as águas para dentro dos lares,
E das redes de dormir, olhando para baixo,
Nós as víamos avançarem, bem antes do café.

Nossas sandálias viravam barquinhos
E seguiam um incerto caminho...

Montamos jiraus em partes da residência,
E neles passamos a viver apertados.
Canoas transportam os alagados
Aos poucos altos, salvos da opulência.

No tablado — de mais de um metro de altura —,
Canoas ancoradas eram as únicas viaturas.

Meses depois as águas nos deram tchau,
A Pedro Leandro voltou a ser rua
E nós desarmamos os vários jiraus.

Anos à frente,
Recolho fotos antigas da profusão,
Entre elas uma da nossa usina e outra da rua,
Ambas tomadas pelas águas da enchente.

Estudando o Arari antigo deparo-me
Com notícias da cheia do Mearim, de 1924,
Ocorrida com alarde, no Município.

O prefeito e o coletor ararienses
Vivendo o fluvial drama
Ao governador expedem estes telegramas:
*"Enchente assume caráter assustador.*
*Quase toda a villa inundada.*
*A lavoura considera-se perdida. Garcia, Prefeito".*

*"A vida em Arary completamente paralysada.*
*Povo em completa miséria recorreu a mim.*
*Peço a V. Excia. enviar urgentes socorros,*
*Evitando maiores desgraças.*
*Belizário Duarte Fernandes. Collector Estadual."*
(Jornal Diário de S. Luiz, de 15.abr.1924).

Nos anos vinte e quatro e setenta e quatro
Do século XX, nossa gente foi pelo Mearim
Castigada severamente.
A visita robusta das águas é frequente,
Mas elas sempre passam,
E a cidade se recupera completamente.

A última derrama d'águas
Foi em abril de dois mil e vinte e três;
As chuvas caíram em torrentes,
Alagando campos, ruas e casas das gentes.

Submersas as estradas pela enchente,
Carros e motos ficaram impotentes.

Em viagem ao povoado Moitas,
A bordo de canoa motorizada,

Keidi Pottker fazia lindas filmagens
Da efêmera baía, de árvores enfeitada.

Navegava entre buritis e palmeiras,
Bem ao lado de outras verdes touceiras.

Um vento suave ondulava das águas a superfície,
Formando um lençol lindíssimo,
Que se misturava ao azul do céu
E ao verde da folhagem,
Tornando inesquecível aquela viagem.

As enchentes dos meus rios mui amados
Nunca vêm para ficar;
Antes de junho já as águas somem no mar,
E todos sabemos qu'elas irão voltar...

Esses rios, de notória grandeza,
Já sentem muito o peso dos anos,
E não vencerão, sozinhos, a correnteza
Gerada pelo degradar humano...

Depois de pronto este livro, senti anseio de mais dizer além do exposto nos versos. E para mais acrescer à obra, achei por bem ocupar este espaço.

Ao longo de nossos passos, geramos floreios bastantes para produzir inúmeras crônicas, diversos poemas, alguns livros e até um filme.

Prosseguindo em minhas horas notáveis, enchi um oceano com fatos memoráveis...

Mas as minhas memórias de acampar, no entanto, não ganharam a unanimidade familiar, porquanto algumas delas não receberam o amém da estrela mais brilhante, outras não passaram no crivo de diletos amigos, e umas desagradaram a religiosidade de alguém. Somando esses vetos todos — e se eu saísse do texto arrancando páginas, capítulos ou excluindo poemas ou modificando versos — meus textos nem dariam o livro que, confesso, tanto queria publicar! A perda histórico-bibliográfica para mim seria mui sentida. Então decidi manter tudo da forma querida (*quod scripsi, scripsi*), porque em verdade esta obra é daquelas feitas para adornar a predileta estante do autor, o qual feliz ficará com todos e todas que apreciarem o compêndio.

Tenho ardente apreço pelas páginas que escrevi em meu livro da vida. A elas sempre retorno para sentir aquela brisa suave, que chega e me refresca inteiramente. Em secreto, no rosto até esboço um ar de sorriso, quando revisito aqueles paraísos, nos quais dei e recebi tantos afetos.

Tudo qu'eu fiz pertence a um pretérito mais-que-perfeito; vejo os eventos como conquistas de efeito que obtive na rara oportunidade de desfilar nesta passarela curta que é a vida. Então eu sonhei, me diverti, trabalhei, li, amei, viajei e quase morri...

Ter amado sempre que foi possível amar encheu-me a vida de alegria. Já posso até deixar o salão de festas, por estar pleno da própria historiografia, produzida ao longo de seis décadas. Não desejo o enfado da vida eterna nem quero ser a testemunha imortal de um mundo que se torna cada dia mais estranho e exclusivo. Tive começo e meio, e preciso ter fim, mas no dia exato, que não é o dia destas horas tranquilas, nas quais ainda cultivo belas flores em meu jardim.

Parte da minha história está enleada na da cidadezinha chamada Arari, interior do Maranhão; ali, seminu, eu corria pelas ruas e campos, como se a cidade inteira fosse o quintal da minha casa; lá, fiz um milhão de amigos e pratiquei os mais diversos lazeres, que as gerações recentes não têm deles os devidos saberes.

Estendi a juventude até a undécima hora. Sabia que o fluir dos anos a levaria embora e deixaria pelo caminho apenas um idoso de muitas ambições já satisfeito, com seus carnavais já dançados e da maioria das gentes agora receoso...

No quadrante final desta energia, mais atenção dou à melhor literatura, essa formidável criatura que, na dança das palavras, produz o glorioso concerto poético dos textos apaixonantes.

Meus dias calmamente amanhecidos não carregam mais o estresse universal, que faz o mundo adoecer e passar mal.

Superadas seis décadas repletas de vigor, a paisagem próxima já me deixa ver o fatal desamor, mas antes que se apaguem as luzes que clareiam esta caminhada, tive tempo de ver findas estas afáveis memórias, que um dia poderão ser vistas em uma dessas nuvens perdidas nos céus dos amantes da leitura...

***Hilton Mendonça*** *é advogado formado pela Universidade Federal do Maranhão. Vive na capital maranhense e na bela Arari-MA.*